



Maria Carolina da Cunha Pinto

Identidade cultural na (e em) rede: as redes sociais digitais (Facebook) como espaço de revivificação e afirmação da identidade cultural dos jovens migrantes portugueses, na Suíça.

Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais

Orientação científica: Prof. Doutor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro

Lisboa, 2017





Maria Carolina da Cunha Pinto

Identidade cultural na (e em) rede: as redes sociais digitais  
(Facebook) como espaço de revivificação e afirmação da identidade  
cultural dos jovens migrantes portugueses, na Suíça.

Dissertação apresentada à Universidade Aberta de Lisboa para a obtenção  
do grau de Mestre em Relações Interculturais

Orientador: Prof. Doutor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro

Ano de 2017



## Resumo

A presente dissertação gravita em torno da tríade teórica juventude migrante, identidade cultural e redes sociais digitais e propõe, em primeiro lugar, cartografar os usos sociais e culturais das tecnologias digitais - Internet - a partir da experiência da emigração, e em segundo lugar, compreender a importância e/ou o papel das redes sociais digitais na identidade cultural dos jovens portugueses migrantes na Suíça. O *Facebook* constitui o *locus* da pesquisa empírica, a partir do qual, é construído um percurso metodológico aberto, flexível e de matriz etnográfica aplicada ao ambiente virtual. Face às singularidades e ao hibridismo do *locus*, faz-se o exercício de articular diferentes instrumentos e técnicas de recolha de dados tais como: o inquérito por questionário digital aplicado nos grupos diaspóricos portugueses no *Facebook*, a observação participante nas cronologias e perfis dos jovens migrantes portugueses que integram a amostra do questionário e a realização de entrevistas semiestruturadas em linha aos administradores dos grupos diaspóricos observados. Os resultados obtidos revelam que os jovens migrantes portugueses se encontram imersos num estilo de vida digital, no qual as tecnologias assumem não só um papel central nas suas vidas enquanto meio de comunicação, de contacto e de socialização *inter pares* como também constitui uma ferramenta indispensável em situação de emigração. De uma panóplia de redes sociais referenciadas, o *Facebook*, é inequivocamente a rede social privilegiada pelos jovens migrantes portugueses para o contacto com familiares e amigos em Portugal. Para além da componente social, comunicacional e interacional da rede social em estudo, identifica-se uma forte componente cultural observada quer nos grupos diaspóricos vocacionados para a comunidade migrante portuguesa na Suíça quer nos perfis ou cronologias dos jovens migrantes. Os grupos diaspóricos, dos quais os jovens migrantes são membros, possuem um papel relevante não só como veículo de comunicação e divulgação de eventos e festas culturais portuguesas, como também parecem ser responsáveis pela intensificação do contacto entre os jovens migrantes portugueses em *offline*. Por fim, enquanto “rede cultural”, o *Facebook*, assume-se um espaço simbólico e nostálgico, gerador de pertenças e de identidade cultural, contribuindo para a revivificação da língua e da cultura portuguesas.

**Palavras-chave:** juventude migrante, internet, tecnologias digitais, redes sociais digitais, identidade cultural, etnografia virtual.

## **Abstract**

This dissertation focuses on the theoretical triad young migrants, cultural identity and social digital networks. Firstly, I intend to map the social and cultural uses of digital technologies – the Internet-within the migration experience of Portuguese young migrants in Switzerland. Secondly, I propose to understand the role of social networking, its importance and implications on their cultural identity. The Facebook constitutes the locus for the empiric observation based on open and flexible ethnographic method applied to a virtual environment. Due to the specific and hybrid locus, the Facebook, different tools and techniques to collect data are carried out such as: conducting a survey online aimed particularly at the diasporic Portuguese groups, participating in the observation of the young migrants' chronologies and profiles and having semi-structured interviews online with the administrators of the observed diasporic groups. The obtained results reveal that the Portuguese young migrants are immersed in a digital lifestyle where technologies not only have a central role as means of communication and socialization *inter pares* but also are a crucial tool in the migration experience process. From a series of referred social networks, the Facebook is undoubtedly the most required one by the Portuguese young migrants to contact with both their families and friends in Portugal. Beyond the social, communication and interaction component of the network in study, there is a strong cultural component observed in either the diasporic groups organized to support the Portuguese migrant community in Switzerland or in the young migrants' chronologies and profiles. These young migrants are members of those diasporic groups that perform a key role as means of communication and making public Portuguese events and festivals, they also seem to enhance the intensification of offline contact among the Portuguese young migrants. Lastly, the Facebook as a social network tend to assume that it is a symbolic and nostalgia place, a generator of the sense to belong to and cultural identity contributing to the revivification of Portuguese language and culture.

**Keywords:** migrant youth, Internet, digital technologies, social networking, cultural identity and virtual ethnography



## Kurzfassung

Die vorliegende Masterarbeit ist auf die theoretische Triade von jugendlichen Migranten, kultureller Identität und digitalen sozialen Netzwerken ausgerichtet und will in erster Linie den sozialen und kulturellen Gebrauch digitaler Technologien – Internet –, ausgehend von erlebter Migration, und in zweiter Linie die Bedeutung und/oder Rolle der digitalen sozialen Netzwerke für die kulturelle Identität der in die Schweiz migrierten jungen Portugiesen erfassen. Dabei ist Facebook der Ausgangspunkt (*locus*) der empirischen Untersuchung. Ausgehend davon wird ein offener, flexibler und ethnografisch auf die virtuelle Umgebung angewandter methodischer Verlauf geschaffen. Angesichts der Einzigartigkeiten und der Hybridität des *locus* wird versucht, verschiedene Datenerhebungsinstrumente und Techniken zu verbinden, wie: die Befragung von Facebook-Gruppen von Portugiesen in der Diaspora mittels digitalem Fragebogen, die teilnehmende Beobachtung von Chronik und Profil der jungen portugiesischen Migranten, verbunden mit der Auswahl der Befragten sowie semi-strukturierte Online-Interviews der Administratoren der beobachteten Diasporagruppen beinhaltet. Die erhaltenen Ergebnisse zeigen, dass die jungen portugiesischen Migranten in einen digitalen Lebensstil eingetaucht sind, bei dem Technologien nicht nur eine zentrale Rolle als Kommunikations-, Kontakt- und Sozialisierungsmittel *inter pares* einnehmen, sondern auch ein unabdingbares Werkzeug in der Migrationssituation darstellen. Aus der Palette von sozialen Netzwerken ist *Facebook* eindeutig das von den jungen portugiesischen Migranten bevorzugte soziale Netzwerk, welches für den Kontakt mit Familienangehörigen und Freunden in Portugal verwendet wird. Neben der sozialen, Kommunikations- und Interaktionskomponente des untersuchten sozialen Netzwerks wird eine starke kulturelle Komponente sowohl in den auf die portugiesische Migratengemeinschaft ausgerichteten Gruppen der Diaspora, als auch in den Profilen und Chroniken der Jugendlichen Migranten ausgemacht. Die Diasporagruppen, deren Mitglieder die jungen Migranten sind, spielen nicht nur als Kommunikationsmittel und für die Bekanntmachung von kulturellen portugiesischen Veranstaltungen und Festen eine bedeutende Rolle, sondern scheinen auch für die Intensivierung des offline-Kontakts zwischen den jungen portugiesischen Migranten verantwortlich zu sein. Schliesslich ist

Facebook als „Kulturnetzwerk“ ein symbolischer und nostalgischer, Zugehörigkeit und kulturelle Identität stiftender Raum und trägt so zur Wiederbelebung der portugiesischen Sprache und Kultur bei.

**Schlagwörter:** Jugendliche Migranten, Internet, digitale Technologien, digitale soziale Netzwerke, kulturelle Identität, virtuelle Ethnografie.

## **Agradecimentos**

À comunidade científica nacional e internacional  
A todos os autores e investigadores de referência citados ao longo desta dissertação.  
Sem os seus contributos este trabalho não seria de todo possível.

### **Especial agradecimento**

Orientador Professor Doutor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro  
Coordenadora do Ensino do Português em Berna Doutora Maria de Lurdes  
Gonçalves  
Professoras Albertina Lopes e Isabel Gregório  
Doutor António João Saraiva  
João Paiva Fernandes  
Sérgio Ricardo Ribeiro Domingues

### **Aos jovens participantes e aos administradores dos grupos diaspóricos**

À boa-vontade, ao espírito de entreajuda e paciente dos jovens migrantes que  
aceitaram ter um papel ativo nesta pesquisa:

Ana Vilela  
Anabela  
David Barbosa  
Emanuel  
João e José Pedro  
Mónica e Ricardo Teixeira

### **Aos meus colegas de mestrado**

Isabel Pereira  
Paula Martins  
Sílvio Coutinho



## **Dedicatória**

Aos meus pais Henrique e Judith  
Aos meus filhos Francisca, Tomás e Martim  
Ao meu Anjo da Guarda



## Índice

<b>Resumo</b> .....	<b>iii</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>v</b>
<b>Kurzfassung</b> .....	<b>vii</b>
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>ix</b>
<b>Dedicatória</b> .....	<b>xi</b>
<b>Índice de Gráficos:</b> .....	<b>xv</b>
<b>Índice de Imagens:</b> .....	<b>xvi</b>
<b>Índice de Mapas:</b> .....	<b>xvi</b>
<b>Índice de Quadros:</b> .....	<b>xvi</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Parte I Enquadramento teórico-conceptual</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I Emigração</b> .....	<b>9</b>
Breve introdução .....	11
1.1. Evolução e caracterização da emigração portuguesa .....	11
1.2. Emigração portuguesa para a Suíça .....	22
1.3. Perfil sociodemográfico dos emigrantes portugueses na Suíça .....	26
1.4. A Confederação Helvética.....	38
<b>CAPÍTULO II Juventude, identidades e identidade cultural</b> .....	<b>51</b>
Breve introdução .....	53
2.1. Ser-se jovem na contemporaneidade.....	53
2.2. A(s) Identidade(s) do jovem .....	58
2.3. A Identidade Cultural.....	60
2.4. A importância da Identidade cultural em contexto migratório .....	64
<b>CAPÍTULO III Internet, redes sociais e comunidades virtuais em contexto migratório</b> .	<b>67</b>
3.1. Tecnologias de Informação e Comunicação em contexto migratório.....	69
3.2. Redes sociais.....	75
3.3. Comunidade: uma rede de laços de sociais.....	77
<b>Parte II Investigação empírica</b> .....	<b>85</b>
<b>CAPÍTULO IV Opções metodológicas, locus e momentos da investigação empírica (no terreno)</b> .....	<b>87</b>
Breve contextualização.....	89
4.1. A perspetiva etnográfica como ponto de partida empírico .....	89
4.2. Momentos empíricos e procedimentos metodológicos .....	91
4.3. Desafios metodológicos .....	97
<b>PARTE III Apresentação e discussão dos resultados empíricos</b> .....	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO V Tratamento, análise e apresentação dos resultados</b> .....	<b>101</b>
Breve contextualização.....	103
5.1. Apresentação dos resultados do questionário online .....	103
5.2. Apresentação dos dados etnográficos .....	122
5.3. Observação participante nos perfis individuais dos jovens migrantes .....	127
5.4. Apresentação dos dados das entrevistas semiestruturadas.....	141
<b>CAPÍTULO VI Validação dos dados empíricos e respetivas conclusões</b> .....	<b>153</b>
Breve introdução .....	155

6.1.	Cruzamento e interpretação dos dados recolhidos .....	155
6.2.	Conclusões.....	181
<b>Bibliografia</b>	.....	<b>185</b>
<b>Anexo nº 1</b>	.....	<b>200</b>
<b>Anexo nº 2</b>	.....	<b>210</b>

## Índice de Gráficos:

Gráfico 1.1: Principais países da emigração portuguesa, 2001-2008, médias anuais, valores arredondados ao milhar .....	21
Gráfico 1.2: Principais países de destino da emigração, 2013 (ou último ano disponível).....	21
Gráfico 1.3: Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2013 .....	24
Gráfico 1.4: Distribuição de género dos Portugueses emigrados na Suíça, 2012, em (%) .....	28
Gráfico 1.5: Portugueses emigrados na Suíça, por grupos etários, 2012, em (%).....	29
Gráfico 1.6: Aquisição de nacionalidade portugueses residentes na Suíça, 2000-2013 .....	30
Gráfico 1.7: Portugueses emigrados na Suíça, com mais de 15 anos, por qualificações escolares 2012, em (%).....	32
Gráfico 1.8: Portugueses emigrados na Suíça, com mais de 15 anos, por profissão, 2012 em (%).....	35
Gráfico 1.9: Políticas de integração, principais conclusões, Suíça, 2014 .....	45
Gráfico 5.1: Distribuição de género.....	104
Gráfico 5.2: Distribuição geográfica .....	104
Gráfico 5.3: Naturalidade em Portugal .....	105
Gráfico 5.4: Nível de escolaridade global e por escalão etário .....	106
Gráfico 5.5: Estatutos de permanência (%) .....	107
Gráfico 5.6: Tempo de residência na Suíça .....	107
Gráfico 5.7: Configuração do agregado ou estado familiar .....	108
Gráfico 5.8: Adaptação/Integração na sociedade Suíça .....	109
Gráfico 5.9: Aparelhos tecnológicos possuídos .....	111
Gráfico 5.10: Importância dos aparelhos no dia-a-dia.....	112
Gráfico 5.11: Aplicações (Apps) mais utilizadas .....	112
Gráfico 5.12: Acesso doméstico à internet.....	113
Gráfico 5.13: Acesso à internet fora de casa .....	113
Gráfico 5.14: Utilização da internet .....	114
Gráfico 5.15: Acesso a Sites/Blogues Portugueses .....	115
Gráfico 5.16: Acesso a Sites/Blogues Portugueses por Nacionalidade .....	115
Gráfico 5.17: Acesso a Sites/Blogues Portugueses por tempo de residência.....	116
Gráfico 5.18: Tipos de Sites/blogues em português.....	117
Gráfico 5.19: Rede Social mais utilizada para partilha de informações ou conteúdos .....	117
Gráfico 5.20: Fins para os quais é utilizado o Facebook.....	118
Gráfico 5.21: Motivos para ter a origem Portuguesa pública no perfil de Facebook .....	118
Gráfico 5.22: Principais grupos de Facebook .....	119
Gráfico 5.23: Nível de concordância com afirmações .....	120
Gráfico 5.24: Utilização/recurso à língua Portuguesa .....	121

## Índice de Imagens:

Imagem 5.1: Grupo I “Portugueses na Suíça” .....	123
Imagem 5.2: Grupo II “Amigos da Suíça” .....	125
Imagem 6.1: Momentos partilhados com os familiares .....	166
Imagem 6.2: Sentimento de saudade partilhado nas cronologias dos jovens migrantes .....	167
Imagem 6.3: Página do grupo dos “Portugueses na Suíça” no <i>Facebook</i> .....	170
Imagem 6.4: Página do grupo “Amigos da Suíça” no <i>Facebook</i> .....	171
Imagem 6.5: Publicação da sua condição de migrante e origem portuguesa .....	175
Imagem 6.6: Símbolos/traços da cultura portugueses partilhados nas cronologias dos jovens migrantes .....	178

## Índice de Mapas:

Mapa 1.1: Distribuição geográfica das Línguas Oficiais na Suíça, em 2000 .....	33
Mapa 4.1: Estratégia e opções metodológicas .....	91

## Índice de Quadros:

Quadro 1.1: Principais países de destino da emigração, 2013 (ou último ano disponível) .....	21
Quadro 1.2: Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2014 .....	24
Quadro 1.3: População estrangeira permanente na Suíça de acordo com a nacionalidade, em milhares .....	25
Quadro 1.4: Portugueses emigrados na Suíça, por sexo, 2012 .....	28
Quadro 1.5: Naturalizações de portugueses residentes na Suíça, 2000-2014 .....	30
Quadro 5.1: Naturalidade X Nacionalidade .....	105
Quadro 5.2: Naturalidade X Tempo de residência .....	108
Quadro 5.3: Processo de adaptação X Naturalidade .....	110
Quadro 5.4: Processo de adaptação X Nacionalidade .....	110
Quadro 5.5: Perfil 1 .....	128
Quadro 5.6: Perfil 2 .....	130
Quadro 5.7: Perfil 3 .....	131
Quadro 5.8: Perfil 4 .....	133
Quadro 5.9: Perfil 5 .....	135
Quadro 5.10: Perfil 6 .....	137
Quadro 5.11: Perfil 7 .....	139
Quadro 5.12: Análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas .....	151

## Introdução

Enquadrado nos estudos das migrações, o século XXI tem vindo a ser designado como “o século das pessoas em movimento” ou “a era das migrações” (Mota, 2010 *apud* Pires, 2010; Castles, 2005) refletindo o impacto da globalização<sup>1</sup> nas migrações contemporâneas. Esta “nova” era distingue-se pelo acréscimo e a diferenciação da mobilidade à escala mundial (Papademetriou, 2008). Por decisão própria ou por força das circunstâncias, individualmente ou em família, em grupos ou até mesmo em grandes êxodos, as migrações têm contribuído, ao longo da história da humanidade para a disseminação de raças, etnias, culturas, línguas e religiões pelo mundo inteiro (Rocha-Trindade *et al.*, 1995:139). Falar de migrações é, por isso, falar de deslocação espacial, deixar o país de origem em detrimento de uma nova geografia de destino à procura de novos desafios, novas oportunidades, mas sobretudo, de melhores condições de vida.

No que respeita aos jovens, a maioria não migra de forma espontânea, pelo contrário, a migração avistasse-lhes como sendo a última e derradeira solução/opção. Porém, o retrato mais comum é o das crianças desde tenra infância serem arrastadas para a dinâmica das migrações pelos seus pais ou familiares num projeto migratório “familiar”. Fruto desse projeto migratório, os jovens passam então a integrar um novo espaço territorial, político, social e cultural distinto da sua origem no qual vão sendo implicados, solicitados e progressivamente integrados no país de acolhimento. Neste contexto, os jovens passam não só a viver num dualismo linguístico e cultural, mas também numa “dupla condição social: ser jovem e concomitantemente, migrante” (Padilla & Ortiz, 2014:134). O ser jovem, enquanto categoria social, remete-nos para uma fase transitória da infância para a vida adulta - adolescência - em que os jovens se encontram em “processo de construção ou em devir” (Pappámikail, 2010:399)

---

<sup>1</sup> Para Stephen Castles (2005:43) a globalização é definida como a proliferação de fluxos transfronteiriços e de redes transacionais, sendo o «indicador-chave» da globalização o rápido aumento dos fluxos transfronteiriços de todos os tipos: financeiros, comerciais, de ideias, de poluição, de produtos oferecidos pelos meios de comunicação social e de pessoas” (ibid.:21). Por seu turno, as suas «ferramentas-chave» são as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), incluindo a Internet, melhores ligações telefónicas e as viagens aéreas a preços baixos” (Castles, ibid.:22).

e na qual ocorrem grandes mutações biológicas e psicossociais. Por seu turno, ser migrante remete-nos para uma condição social igualmente complexa e sinónimo de profundas mudanças, sobretudo, culturais. Assim, em situação de emigração ou em contexto migratório é na dimensão cultural que a identidade do jovem se põe com mais acuidade, uma vez, que os jovens migrantes se encontram descentrados do seu espaço e da sua cultura de origem. Face a isso, a identidade cultural é a identidade que emerge e serve de “autorreferência e identificação” ao jovem migrante face ao contacto com a nova cultura. Ela surge não só como uma fonte de “significado” (Castells, 2007:3) mas também de necessidade “de raízes e de identidade” (Fromm, 1974 *apud* De la Torre, 2001) e de um sentido ou sentimento de pertença. A identidade cultural dos jovens migrantes é dinâmica, reflexiva e em constante processo de negociação e reconstrução - uma identidade cultural híbrida (Canclini, 1995, 2012; Hall, 2003, 2005). Todavia, a experiência e a vivência da emigração dos jovens migrantes de hoje é bem distinta dos jovens migrantes de há uma vintena de anos atrás. No passado, migrar era sinónimo de uma “experiência radical e frequentemente traumática para os migrantes” em que se dá a rotura com os familiares e com o país de origem (Rocha-Trindade, 1995:40). A circulação da informação é de baixa intensidade e desfasada no tempo. No presente, a Internet e as Redes Sociais [nela e dela emergentes] proporcionam aos jovens, dotados tecnologicamente, a aproximação e a ligação ao ciberespaço do país de origem. Por sua vez, as redes sociais digitais favorecem o aparecimento de redes pessoais e redes coletivas ou até mesmo de comunidades diaspóricas virtuais - espaços intermediários, imaginados e simbólicos nos quais os jovens têm a oportunidade de construir a sua identidade cultural, estar em estreito contacto com a sua cultura de origem, comunicar na sua língua e revivificar as suas raízes. As redes sociais digitais parecem, pois, assumir um papel relevante na relação dos jovens migrantes com a sua cultura e identidade de origem.

## **Propósitos gerais e específicos da investigação**

Neste sentido, é intenção explícita desta investigação conhecer os jovens portugueses<sup>2</sup> migrantes na Suíça, explorar a sua relação com as tecnologias digitais, em geral, e das redes sociais digitais na sua identidade cultural, em particular. Quem são os jovens portugueses migrados na Suíça? Como se relacionam com as tecnologias digitais, em particular, com a Internet? Qual(ais) as redes sociais privilegiadas para a comunicação e/ou contacto com os familiares e os amigos em Portugal? Como, e de que forma dão continuidade à sua herança cultural portuguesa, através dessa “via” privilegiada? Qual a relação e/ou influência da(s) rede(s) social(ais) na sua identidade cultural? Estas são algumas das questões norteadoras desta investigação.

## **Considerações metodológicas**

Procurando pistas para as questões levantadas, construiu-se um percurso metodológico híbrido, aberto e flexível com base numa matriz etnográfica adaptada ao *locus* empírico - rede social *Facebook*. A investigação [empírica] *in situ* teve início em Agosto de 2015 prolongando-se até Fevereiro de 2016.

## **Estrutura capitular da tese**

Assim sendo, a presente dissertação resulta de um percurso teórico-empírico composto por três partes, a primeira, o enquadramento teórico, a segunda, a investigação empírica e a terceira, a apresentação, análise e discussão dos resultados empíricos. O enquadramento teórico-conceptual divide-se em quatro eixos de análise teóricos: Emigração, Juventude e Identidade cultural, Internet, Redes Sociais e comunidades virtuais - integrados em três capítulos.

O **capítulo um**, centra-se na Emigração e pretende conhecer de forma diacrónica e panorâmica a emigração portuguesa, caracterizando os seus principais fluxos

---

<sup>2</sup> Nas últimas décadas tem-se assistido a um maior enfoque e produção científica na imigração portuguesa - Portugal como país recetor - por parte dos investigadores ficando os estudos sobre a emigração portuguesa um pouco à margem. A vontade de conhecer os jovens migrantes portugueses na Suíça e aproxima-los e integrá-los nos estudos da emigração portuguesa é um dos propósitos desta dissertação, isto porque, os jovens migrantes são invisíveis ou impercetíveis quantitativamente (estatisticamente) e qualitativamente, dado que na maioria das vezes são incluídos na categoria de adultos.

com especial enfoque no fluxo migratório português para a Suíça, país onde se encontra a “amostra”<sup>3</sup> desta investigação. Com recurso a dados quantitativos estatísticos disponíveis em ambos os países Portugal e Suíça perfila-se a evolução sociodemográfica da população portuguesa migrada nesta geografia de destino. Neste domínio, é feita uma abordagem detalhada da tendência das naturalizações por parte dos da população migrante portuguesa, é dado igualmente a conhecer o perfil socioprofissional dos portugueses, a sua distribuição e concentração geográfica em território helvético, o modo como vivem, a sua vida associativa e a relação *inter pares*, e por fim, a imagem da comunidade portuguesa na sociedade suíça. Neste capítulo procura-se, ainda, compreender as principais singularidades da Confederação Helvética enquanto república federal na qual coexistem várias línguas e culturas. É feita uma sumária apresentação sobre a imigração na Confederação Helvética e o contexto legal dos estrangeiros na Suíça. Neste âmbito são também analisadas as políticas de imigração e integração suíças, nomeadamente, a Lei Federal e a Ordem sobre a Integração dos Estrangeiros e Estrangeiras bem como os tipos de autorização de residência conferidos a estrangeiros e o processo de integração na sociedade suíça. Este capítulo encerra com o mecanismo e preceito legal para a aquisição da nacionalidade suíça.

No **capítulo dois** são analisados e articulados dois conceitos-operativos desta dissertação - Juventude e Identidade cultural. Na primeira parte deste capítulo, define-se o conceito de Juventude a partir de uma perspetiva contemporânea na qual a juventude passa a ser percecionada enquanto categoria social e compreendida a partir de uma pluralidade de formas de se ser jovem. É dedicada particular atenção à cultura jovem imersa na Era do Global e do Digital. Dado que falar da juventude é sinónimo de processo de construção identitário, faz-se uma leve e brevíssima abordagem do conceito de identidade com o intuito de compreender a sua relevância na dimensão cultural dos jovens em contexto migratório. No que concerne ao conceito de Identidade cultural, é realizada uma incursão mais abrangente pela mão de autores de referência que questionaram

---

<sup>3</sup> Amostra irá aparecer ao longo da investigação entre aspas, uma vez, que poderá não ser representativa.

este conceito que conhece com a pós-modernidade uma mudança de paradigma. A incursão permite entender a variabilidade e a polissemia deste conceito. Na segunda parte deste capítulo, é feita a articulação dos dois conceitos Juventude e de Identidade cultural da qual resultam outros conceitos a eles associados e cuja operacionalidade será analisada em contexto migratório.

O **capítulo três** incide sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) digitais em situação de migração. A Internet, os Média digitais são analisados não só enquanto meios de comunicação como também espaços simbólicos, nostálgicos e de mediatização dos migrantes e da diáspora. As Redes Sociais e as Comunidades Virtuais são igualmente teorizadas.

O **capítulo quatro** coincide com a investigação empírica no qual se esclarece a estratégia e as opções metodológicas privilegiadas. Descreve-se em detalhe os momentos empíricos que constituem a investigação de cariz etnográfico, em ambiente virtual. Nesta sequência são identificados e caracterizados os instrumentos e as técnicas de recolha de dados adotados. Ainda neste capítulo são apresentados os diversos dados recolhidos - qualitativos e quantitativos. Os qualitativos, provenientes da observação participante, não participante e entrevistas semiestruturadas online e os quantitativos, provenientes da aplicação de um questionário digital. Por fim, são dados a conhecer os constrangimentos sentidos, e assumidos como desafios e/ou oportunidades metodológicos do trabalho de campo. No **quinto capítulo** são apresentados todos os resultados empíricos faz-se referência às formas de tratamento, análise e validação dos diferentes dados recolhidos. No caso dos dados obtidos pelo método quantitativo, é descrito sumariamente a forma de tratamento dos dados. Relativamente aos resultados etnográficos descreve-se igualmente os preceitos da observação e da descrição dos dados empíricos. O culminar desta investigação dá corpo ao último **capítulo, o sexto**, que encerra a investigação teórico-empírica. Os resultados são evocados a dialogar entre si - triangulação - por forma a validar toda a informação obtida. Este capítulo termina com as conclusões gerais e específicas desta investigação.



## **Parte I**

### Enquadramento teórico-conceitual



## **CAPÍTULO I**

### Emigração



## **Breve introdução**

O presente capítulo centra-se em torno da temática da Emigração e pretende conhecer a evolução da Emigração Portuguesa de forma panorâmica e diacrónica, caracterizando os seus principais fluxos, em particular, o fluxo migratório português para a Suíça. Como é sabido, são poucos os fenómenos sociais na história da humanidade com consequências civilizacionais tão relevantes quanto as migrações, sobretudo, as internacionais (Papademetriou, 2008:15). Por decisão própria ou por força de outras circunstâncias, individualmente ou em grandes êxodos as emigrações contribuíram para a disseminação de raças, etnias, culturas, línguas e religiões pelo mundo inteiro (Rocha-Trindade *et al.*, 1995:139). No contexto português, e de acordo com o Relatório da Emigração (2015), o fenómeno da emigração portuguesa mantém a sua constância desde a II Guerra Mundial, até meados dos anos 60 do século passado, sendo predominantemente intercontinental. As principais geografias de destino são a América e as ex-colónias de África. É precisamente no início dos anos 60 que se assiste a um desvio no caudal dos fluxos migratórios portugueses para a Europa, nomeadamente para França, Alemanha, Luxemburgo e Suíça. No ano de 2015, existam mais de 2,3 milhões de emigrantes portugueses, em todo o mundo (Nações Unidas, *Factbook 2015 in Expresso*, 2016), facto que corrobora o peso e a relevância da emigração portuguesa.

### **1.1. Evolução e caracterização da emigração portuguesa**

Portugal é tradicionalmente considerado um país de emigração (Marques, 2008:205), cuja génese encontra relação com o período das Grandes Descobertas (Garcia, 2000:11) e expansão mundial. Neste sentido, a emigração portuguesa representa um fenómeno de grande relevância e dimensão nacional que ganha um forte ímpeto a partir de meados do século XIX, prolongando-se até à atualidade (Pires *et al.*, 2010:22). Igualmente tradicional é a causa da emigração portuguesa. *Lato sensu*, pode dizer-se que a emigração portuguesa é de natureza económica. Apesar dos escassos e pouco consistentes dados estatísticos sobre a emigração portuguesa registados até ao século XIX, é possível identificar vários

momentos-chave ou ciclos na história da emigração portuguesa. Assim sendo, entre 1850 e 1975 assiste-se a dois grandes momentos da emigração portuguesa (Pires *et al.*, 2010:22-23). O primeiro momento, entre 1850 e 1930, caracterizado por um fluxo transatlântico com o continente americano, sendo o Brasil o principal destino, estendendo-se posteriormente aos EUA e outras Américas. O segundo momento surge após a II Guerra Mundial (1939-1945), e, afirma-se a partir de 1960. Trata-se de um fluxo intraeuropeu, no qual a França, a Alemanha e o Luxemburgo constituem os destinos mais importantes da emigração portuguesa (Pires *et al.*, 2010:100).

### ***O Movimento intercontinental ou transatlântico***

O primeiro grande fluxo migratório português foi rumo às terras de Vera Cruz. Até ao início dos anos 60, a emigração portuguesa é quase sempre sinónimo de emigração para o **Brasil** (Serrão, 1982:41 *apud* Marques, 2008:206). Este fluxo prolonga-se por mais de um século, sendo o mais importante movimento da história da emigração portuguesa. Entre meados do século XIX e a década de 1950 o fluxo é intenso, decrescendo nos anos 1930 e retomando no pós II Guerra Mundial (Pires *et al.*, 2010:30). Até 1949, o Brasil absorveu cerca de 80% dos emigrantes portugueses (Marques, 2008:206). Fatores de atracção, como a afinidade histórica e a língua, fazem do Brasil o destino privilegiado do movimento migratório português (Pires *et al.*, 2010:30). Estima-se que cerca de 1 milhão de portugueses tenha emigrado para o Brasil desde a época da sua independência até finais do século XIX (Rocha-Trindade, 1995:150-151). A conjuntura política internacional, somada às condições internas do Brasil<sup>4</sup>, nomeadamente a sua independência (1822) e a abolição da escravatura (1888), levam o Governo local a promover uma política de imigração de trabalho (Rocha-Trindade, 1995:150) subordinada à necessidade de mão-de-obra, essencialmente agrícola, destinada a substituir o trabalho escravo (Serrão, s/d:604). Para o efeito, são criados

---

<sup>4</sup> Independência em 1822, da Lei do Ventre Livre (1871), Lei dos Sexagenários (1855), a Lei Áurea (1888) que decreta a abolição da escravatura (Rocha-Trindade, 1995:150) e a queda do Império Brasileiro (1890).

incentivos<sup>5</sup> para atrair imigrantes, entre os quais uma campanha massiva<sup>6</sup> que invade a Europa publicitando o Brasil como um paraíso. No que respeita à realidade portuguesa, é, sobretudo, através de “redes emigratórias solidárias familiares” em Portugal, que se enviam jovens com alguma preparação que possam progredir e até mesmo fazer carreira profissional ou nos ofícios. Por oposição, no Brasil prepara-se uma rede migratória “seletiva” angariadora de jovens robustos (força braçal), sem qualificações, que possam trabalhar nas plantações de café e algodão (Pires *et al.*, 2010:30). À luz desta dinâmica convergente de interesses, nem todos os emigrantes portugueses têm a mesma sorte; para uns o Brasil é sinónimo de progresso e fortuna, para outros a ruína ou infortúnio<sup>7</sup> (Rocha-Trindade, 1995:151). No que concerne ao perfil demográfico e socioeconómico dos portugueses que emigram para a geografia de destino transoceânica, este caracteriza-se pela predominância do sexo masculino, entre os 20 e os 40 anos, na grande maioria analfabetos, provenientes do meio rural do sector agrícola, leia-se, agricultores ou trabalhadores agrícolas (Marques, 2008:206-207). Geograficamente, os emigrantes portugueses que partem com destino ao Brasil são oriundos do Minho, Beira-Alta, Trás-os-Montes (Serrão, 1982; Baganha, 1994 cit. Marques, 2008:207). Contudo, Aveiro, Braga, Vila Real e Guarda também apresentam saídas bastante significativas (Arroteia, 1983:26). Com o deflagrar da I Guerra Mundial (1914-1918), a vaga emigratória para terras de Vera Cruz é interrompida (Marques, 2008:207). Mas, logo após o conflito mundial regista-se um ligeiro aumento do movimento migratório português, novamente interrompido devido à recessão económica de 1929-1930 (*ibid.*).

---

<sup>5</sup> No caso do recrutamento para o trabalho agrícola, os proprietários das Fazendas adiantavam o preço do transporte do emigrante, que era descontado posteriormente, no ordenado do “colono”, geralmente remunerado em regime de parceria ou meação (Prado Júnior, 1957:243 *apud* Serrão, s/d:604).

<sup>6</sup> Entre meados do século XIX até os anos 30 do século XX, o Governo brasileiro lançou massiva campanha publicitária nos jornais europeus, oferecendo excelentes condições a quem quisesse imigrar para o Brasil. A campanha foi feita em parte nos jornais *Il Seculo* e *Seculo 19*, de Génova, além de *Paese*, *La Discussione* e *Mattino*, de Nápoles (Observatório da Imprensa <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da020420033.htm> acesso a 4.9.2015)

<sup>7</sup> Segundo Rocha-Trindade (1995:151), os emigrantes portugueses destinados à atividade agrícola são muitas vezes levados para zonas inóspitas, ficando expostos a doenças tropicais, à ruína e à morte. A repatriação de cidadãos portugueses por motivo de absoluta miséria ou doença, é frequente.

A recessão leva à aplicação de medidas anti imigratórias por parte de alguns países para onde tradicionalmente os portugueses emigram (Baganha, 1994 *apud* Marques, 2008: 207).

### ***EUA e outras Américas***

Paralelamente à corrente migratória para o Brasil, outros destinos como os EUA, a Argentina, a Guiana e as Ilhas Sandwich-Hawai, tornam-se expressivos (Rocha-Trindade, 1995). Até 1920, os EUA foram o principal destino da emigração a nível mundial (Pires *et al.*, 2010:32). Para os emigrantes portugueses constitui um dos destinos preferenciais. Pese embora menos significativa do que a corrente brasileira ao longo do século XIX, a corrente emigratória para EUA atinge valores bastante elevados no início dos anos 60 (Garcia, 1998:32). Entre 1960 e 1969 cerca de 66 674 portugueses deixam Portugal rumo aos EUA (*ibid.*). Desde finais dos anos 60 até ao início da década de 80, a emigração portuguesa regista valores elevados. Porém, é na década de 70, que se verifica o maior número de saídas ao longo do século (Garcia, 1998:33). Para os EUA, partem, sobretudo, os emigrantes dos arquipélagos da Madeira e dos Açores (Rocha-Trindade, 1995:152).

### ***O Movimento intraeuropeu: principais fluxos da emigração portuguesa (até 1974)***

No início da década de 60, assiste-se uma viragem histórica na emigração nacional, que desvia o caudal do fluxo migratório do Brasil e outras Américas para uma nova geografia de destino: a Europa. De uma emigração tradicionalmente transatlântica, inicia-se a diáspora europeia com a travessia<sup>8</sup> para os Pirenéus (Rocha-Trindade, 1995:153). A afirmação e consolidação deste fluxo

---

<sup>8</sup> De acordo com Beatriz Rocha-Trindade (1995:153) essa travessia faz-se dentro da legalidade, obedecendo a prescrições impostas. Todavia, paralelamente às campanhas de recrutamento de mão-de-obra promovidas pelos países recetores, existem verdadeiras redes clandestinas de intermediários os vulgos, «passadores» que aliciam os jovens a dar o «salto» além-Pirinéus (Rocha-Trindade e Arroiteia 1986:21). A partir de 1962, as partidas clandestinas ultrapassam em 61% (mais de metade) das partidas legais (Rocha-Trindade, 1995:153). Francisco Carvalho (2011) acrescenta outros fatores que contribuem para o adensar das partidas clandestinas: a guerra colonial e a teia burocrática para a obtenção de passaporte oficial (2011:23).

intraeuropeu<sup>9</sup> deve-se em grande parte a fatores de repulsão, como as políticas restritivas de imigração promulgadas pelo Brasil, associadas à flutuação e fraca cotação de várias moedas, acrescida da viagem de longo curso, à instabilidade sociopolítica vivida em alguns países latino-americanos e a dificuldades diversas, não só na transferência de divisas como também na própria entrada de emigrantes, em particular nos EUA (Carvalho, 2011:66). Os fatores de atração desta forte corrente migratória estão relacionados com a proximidade geográfica, a facilidade em atravessar as fronteiras (por norma através da região dos Pirenéus) e a possibilidade de manter contacto direto com os emigrantes que vêm de férias a Portugal (Rocha-Trindade, 1982). A carência de mão-de-obra, associada ao desenvolvimento económico da Europa no pós II Guerra Mundial (1939-1945), sob a égide do Plano Marshall (Garcia *et al.*, 2000:35) atrai os movimentos migratórios dos países mais pobres. Neste contexto, Portugal começa a participar, de forma cada vez mais intensa, no processo de transferência de mão-de-obra dos países do sul da Europa para os países industrializados da Europa (Marques, 2008:207). Necessitados da mão-de-obra estrangeira, países como a França e a Alemanha concedem algumas “facilidades” à entrada dos emigrantes portugueses (Arroteia, 1983:53). Outro estímulo à emigração portuguesa para Europa deve-se, em parte, aos benefícios sociais, assistência social e médica oferecidos aos migrantes pelos países mais industrializados da Europa (Marques, 2008:208). Durante este período, os motivos subjacentes à decisão de emigrar são maioritariamente de índole socioeconómica tendo como principais fatores de repulsão<sup>10</sup> o retrato social português: a frágil situação económica em que a maioria da população vive (devido às acentuadas desigualdades e assimetrias dos recursos), aos baixos rendimentos auferidos, à grande dificuldade em conseguir emprego ou

---

<sup>9</sup> Entre 1960 até 1974, mais de 1 milhão de portugueses abandona o país. A Europa acolhe cerca de 80% desses emigrantes (Peixoto, 1993:850). Alguns emigrantes dirigem-se para a Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Suíça, muitos para a Alemanha e a grande maioria para França.

<sup>10</sup> As causas da emigração são múltiplas, complexas e interdependentes. Na decisão de migrar pesam vários fatores, por um lado, a convergência de fatores repulsivos de natureza endógena, e, por outro, fatores atrativos de natureza exógena, importantes na escolha do país ou geografia de destino. Para a compensação dos modelos *push-pull* ver *Working Papers* de João Peixoto: “As teorias explicativas das Migrações: teorias Micro e Macro-Sociológicas.” Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf> acesso

subemprego (associadas ao fraco nível de instrução ou qualificação), ao atraso no processo de modernização económica (Pires *et al.*, 2010: 25) à escassez dimensional da exploração agrícola, acrescido de uma indústria incipiente (Ribeiro, 1962; Castro, 1970 *apud* Carvalho, 2011:49).

## **França**

Após o período brasileiro emerge o período francês (Garcia, 1998:51). Até ao final da I Guerra Mundial, não existe qualquer indício que permitia prever os níveis verdadeiramente surpreendentes que a emigração portuguesa para a França irá atingir (Garcia, 1998:63). Inexpressiva até 1921, a presença da população portuguesa, neste destino, atinge no ano de 1936, os 28 000 habitantes (Arroteia, 1983:55). Por esta altura, a França vive uma crise económica e debate-se com graves problemas de saturação de mão-de-obra, cujo impacto se reflete na redução do contingente dos emigrantes portugueses para os 22 661 indivíduos em 1946 (*ibidem*). Todavia, é a partir da década de 60, que se inicia um período relevante da emigração portuguesa conhecido por “ciclo francês” (Serrão, 1982) no qual a França se constitui como um dos principais destinos da emigração portuguesa. A preferência por este destino deve-se a fatores, tais como, a não exigência de qualquer tipo de qualificação ou experiência anterior por parte dos empregadores franceses, a aceitação, pelas autoridades francesas, de entrada em situação de clandestinidade e a relativa facilidade de legalização da situação de estadia e trabalho por parte das autoridades francesas e portuguesas (Rocha-Trindade, 1982:11-12). Em França, a partir de 1960, os emigrantes portugueses substituem os espanhóis e os italianos no mercado de trabalho francês, em sectores tão diversos como os da construção civil, das obras públicas, dos serviços domésticos, da limpeza, da hotelaria e na agricultura (Marques, 2008:210). Os portugueses que se dirigem para este país de destino, dispõem-se a aceitar um trabalho árduo e condições de habitação precárias, materializadas nos *biddonvilles* franceses (*ibid.*:208). O perfil sociodemográfico do típico emigrante português que vai para a Europa não difere muito do perfil dos que saíram do país no fim do século XIX e inícios do século XX. Continua a

predominância do sexo masculino, jovem adulto,<sup>11</sup> analfabeto, com fracos ou escassos recursos económicos, pobre, profissionalmente ativo (Marques, 2008:211), proveniente do meio rural, e, sem qualquer tipo de qualificação ou instrução (Pires *et al.*, 2010:24). Geograficamente são oriundos dos distritos de Aveiro, Braga, Porto, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Leiria, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu (*ibid.*:34). No ano de 1962<sup>12</sup>, o número de emigrantes portugueses alcança os 50 000, facto que se fica a dever ao aumento de emigração legal<sup>13</sup>. No entanto, quando a saída de Portugal não se pode concretizar pela via legal, o “candidato a emigrante” (Marques, 2008:208) segue outra via alternativa: a clandestina. Esta “via” assume uma grande importância neste fluxo migratório, estimando-se que, na década de 60, os emigrantes clandestinos representem cerca de um terço do fluxo migratório total (*ibidem*).

### **Alemanha**

A emigração portuguesa para a Alemanha inicia-se em meados dos anos 60 (Pires *et al.*, 2010:37). Juntamente com a França, a Alemanha torna-se um importante foco de atracção da emigração portuguesa. Devido às perdas populacionais sofridas durante a II Guerra (1929-1945), a Alemanha tenta compensar esse *deficit* humano importando mão-de-obra estrangeira (Garcia, 1998:67). Nesta perspetiva, a emigração portuguesa para este país merece uma especial atenção (Marques, 2001:3), precisamente por tratar-se de uma corrente migratória organizada, centralizada e rigorosamente controlada (Pires *et al.*, 2010:37). Os portugueses são recrutados através de centros, para esse efeito, localizados nas principais cidades portuguesas onde se cruza a oferta do país recetor (Alemanha) com a procura (mão-de-obra) dos portugueses. Desta forma, apenas as mulheres e os filhos menores do emigrante estão legalmente autorizados a entrar neste país, evitando a constituição de redes que promovam a

---

<sup>11</sup> Entre os 25 e 29 anos. Este grupo etário representa a parcela mais significativa do fluxo de saídas: entre 1961-1970 regista um aumento de 4 358 para 14 454 (Carvalho, 2011:90).

<sup>12</sup> Ano em que pela primeira vez a França surge como principal destino da emigração portuguesa (Marques, 2008:208).

<sup>13</sup> A lei portuguesa impede a emigração e conseqüentemente a obtenção do passaporte de emigrante aos indivíduos com menos de 35 anos e que não possuam o diploma de exame da 3ª classe (Rocha, 1965 *apud* Marques, 2008:209).

emigração de familiares ou *inter pares*” (ibid.). Para este destino, vão portugueses de regiões muito diversas, o que impossibilita a definição de um padrão significativo, contrariamente ao que sucede com o caso da França. A corrente migratória portuguesa dirige-se, essencialmente, para o sector industrial (Pires *et al.*, 2010:37) e, posteriormente, para o sector dos serviços, dos transportes e da construção civil (Marques, 2008:210). No que respeita ao perfil do emigrante, este mantém o “padrão” anteriormente referido. No entanto, a fixação no sector industrial poderá indicar um maior grau de “capacitação” por parte dos emigrantes portugueses (ibid.). Importa salientar que durante o período da emigração intraeuropeia, o Estado português procura articular as necessidades de forças de trabalho do país, com os seus interesses africanos e com as vantagens da mão-de-obra enviada para o mercado de trabalho internacional (Baganha, 1994 *cit.* Marques, 2008:211). Com efeito, a partir dos anos 1950, o governo português adotou uma postura liberal, tirando dividendos da exportação de mão-de-obra portuguesa (divisas e capitais estrangeiros). Relativamente às duras condições em que os emigrantes vivem, sobretudo nos *biddonvilles* em França, e das correntes massivas migratórias com destino à Europa, o Estado Português, consolida alguns acordos com os principais destinos da emigração portuguesa na Europa, França e Alemanha respetivamente. Paralelamente ao fluxo migratório intraeuropeu, permanece a corrente transatlântica, sobretudo para o Canadá,<sup>14</sup> os Estados Unidos e o Brasil, e ainda para as colónias ultramarinas.

## **África**

Não menos significativo, é o movimento migratório para África. Entre finais do século XIX e 1975, a emigração para este continente corresponde, em grande medida, à colonização dos territórios ocupados por Portugal (Pires *et al.*, 2010:38). Este movimento atinge o seu auge entre o final da II Guerra Mundial e 1974 (ibid.). Desde o final do século XIX que se tomam medidas para incentivar a emigração para a África portuguesa, nomeadamente em 1907, com a abolição do

---

<sup>14</sup> Para o Canadá e EUA, o fluxo migratório tem origem nas ilhas dos Açores e da Madeira (Ponta Delgada e Angra do Heroísmo). Por seu turno, do Funchal partem maioritariamente para a Venezuela (Marques, 2008:211).

passaporte necessário para o embarque. Segundo Pires (2010), esta abolição pretende aludir a uma mobilidade dentro do Império Português. Quem emigra são sobretudo os homens, casados, em idade ativa, provenientes dos distritos de Lisboa, Porto, Viseu e Guarda (*ibidem*). Contrariamente ao perfil sociodemográfico dos emigrantes dos movimentos transatlântico e intraeuropeu, o grau de instrução destes portugueses é mais elevado, até mesmo quando comparado com a média dos portugueses das áreas metropolitanas.

Para Moçambique partem, sobretudo, indivíduos ligados aos serviços e à administração pública, enquanto para Angola, os ligados ao comércio (Pires *et al.*, 2010:38). A possibilidade de inserção no estrato dominante da sociedade colonial, a oportunidade acrescida de promoção social e a contratação de mão-de-obra a baixo custo e abundante, poderão ter pesado como fatores de atracção por África.

### ***A Emigração Portuguesa pós-1974***

O fluxo intraeuropeu português é interrompido pela crise económica, causa direta do choque petrolífero de 1973-74, quase coincidente com a mudança de regime político em Portugal (Rocha-Trindade, 1995:159), que provoca uma retração nos movimentos migratórios portugueses, registando um forte decréscimo entre 1973 - 1974 de 45,4% e entre 1974 - 1975 de 42,8% (Marques e Góis, 2013:193). A crise repercute-se, de igual modo, na redução da procura de mão-de-obra portuguesa pelos países industrializados da Europa e na implementação de medidas restritivas de entrada de estrangeiros (*ibid.*:213). Após a retração que se seguiu ao 25 de Abril de 74, o fenómeno emigratório português revitaliza-se a partir da década de 80, facto que fica a dever-se à alteração do contexto institucional e à emergência de novas formas de emigração para novas geografias de destino (Marques, 2008:214). A adesão de Portugal à União Europeia, em 1986, traz consigo novas condições de circulação para os trabalhadores portugueses (*ibid.*) e explica o motivo pelo qual, nesta fase, a emigração portuguesa se concentra ainda mais na Europa (Relatório da Emigração, 2013:9). Após a integração de Portugal na Comunidade Europeia, verifica-se uma ligeira melhoria genérica dos padrões de vida dos portugueses. Todavia, essa melhoria não chega a todos de igual modo (Rocha-Trindade, 1995:163), o que contribui

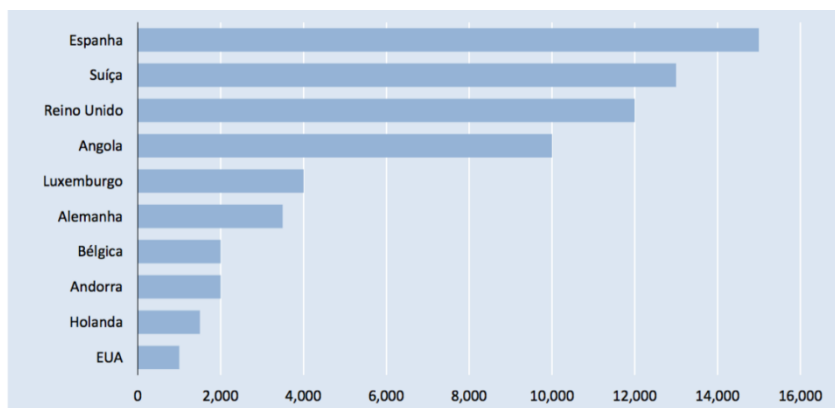
para a revivificação da emigração portuguesa tanto em volume como na diversidade da geografia de destino (Pires *et al.*, 2010:15). A esta conjuntura acresce um outro fenómeno: Portugal passa a ser, simultaneamente, um país de destino e de origem de migrações internacionais.

A coexistência destas duas dinâmicas - emigração e imigração - (Pires *et al.*, 2010:15) transforma o retrato social do país. Assim sendo, até à década 90, a emigração portuguesa mantém-se ativa. No ano de 1992, a integração de Portugal no espaço de livre circulação (Acordo de Schengen) cria condições facilitadoras de aumento da mobilidade intraeuropeia (Marques, 2008:214). No último decénio, assiste-se não só ao reforço do número de saídas para novas geografias de destino nomeadamente, Reino Unido, Espanha e Angola, como também à reanimação de redes migratórias pré-existentes, como as do Luxemburgo ou da Suíça (Malheiros, 2010:135). Entre 1985 e 1991 dos emigrantes portugueses que se deslocam para Europa, 59% privilegia a Suíça (Marques e Góis, 2013:194).

### ***Emigração portuguesa no século XXI***

A emigração portuguesa mantém-se ativa nos anos 90. Com a viragem do milénio, o número de portugueses que emigra para Espanha triplica (Pires *et al.*, 2010:90). No período entre 2001 e 2008, os países europeus onde se regista o maior número de entradas de portugueses são a Espanha, a Suíça e o Reino Unido. Em 2010, o número de emigrantes portugueses ronda os 2,3 milhões (Pires *et al.*, 2010:92). Contabilizando os descendentes já nascidos no estrangeiro, os portugueses, dispersos no mundo, rondarão aproximadamente os 5 milhões (*ibid.*). Por esta altura, a emigração portuguesa cresce rapidamente e altera a composição dos seus destinos. O Reino Unido torna-se no principal destino dos portugueses, seguido da Suíça, Alemanha e Espanha.

**Gráfico 1.1: Principais países da emigração portuguesa, 2001-2008, médias anuais, valores arredondados ao milhar**



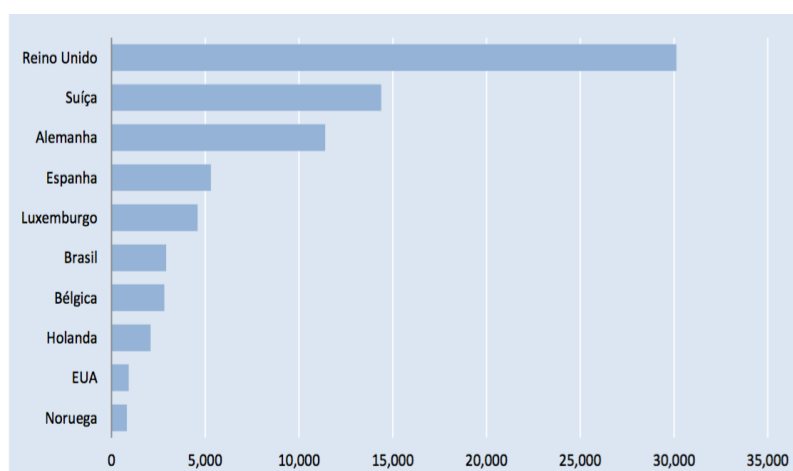
Fonte: Relatório da Emigração Portuguesa, 2013:31

**Quadro 1.1: Principais países de destino da emigração, 2013 (ou último ano disponível)**

País	Entradas
Reino Unido	30,121
Suíça	14,388
Alemanha	11,401
Espanha	5,302
Luxemburgo	4,590
Brasil	2,913
Bélgica	2,812
Holanda	2,079
EUA	918
Noruega	815

Fonte: Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2014

**Gráfico 1.2: Principais países de destino da emigração, 2013 (ou último ano disponível)**



Fonte: Relatório da Emigração Portuguesa, 2014:37

Nesta “nova” emigração europeia (Pires *et al.*, 2010:104) a Suíça, assume um maior destaque, tendo em conta a sua dimensão demográfica (Malheiros, 2010). Não obstante, o fluxo de portugueses para a Suíça não constitui novidade. Inicia-se nos anos 60 e consolida-se na década de 90. É precisamente sobre esta geografia de destino que se irá discorrer nos tópicos subsequentes.

## 1.2. Emigração portuguesa para a Suíça

Na senda de José Laranjo Marques (2008), a emigração portuguesa para a Suíça assume-se paradigmática por duas ordens de razão: a primeira por, numa fase inicial, assentar em novas modalidades migratórias, a segunda por constituir uma nova e principal geografia de destino da emigração portuguesa (2008:259). Praticamente inexistente até 1980 (Pires *et al.*, 2010:104), o fluxo migratório português, para este país, apresenta uma evolução positiva a um ritmo lento, desde 1969, somente interrompida nos períodos recessivos de 1974<sup>15</sup> - 1975<sup>16</sup> e posteriormente em 1983 (Marques, 2008:260). Num primeiro período (1969-1977) o crescimento da emigração portuguesa é lento, de 3,8% ao ano. Num segundo período (1978-1983) a taxa de crescimento apresenta um valor mais elevado de 35% (*ibid.*:261). O terceiro período, designado de “período áureo” da emigração portuguesa para a Suíça, ocorre entre 1984 e 1992 (Marques, 2008:261). Nesse arco temporal entram anualmente cerca de 13 400 pessoas portadoras de residência anual ou permanente (Pires *et al.*, 2010:104). Este período áureo coincide com a integração de Portugal na Comunidade Europeia, hoje União Europeia, o que facilitou uma maior mobilidade e circulação no espaço europeu. Em 1993, inicia-se um quarto período que durará até 1996, no qual se regista

---

<sup>15</sup> Nota histórica: os choques petrolíferos sentidos em 1973 e 1979 dão origem a uma crise económica à escala mundial. A crise, ocorrida no início dos anos 70 do século passado, desacelera e trava o crescimento das economias dos países industrializados, o que conduziu à implementação de políticas anti imigratórias por parte de certos países. A França e a Alemanha fecham as suas portas aos imigrantes (Marques, 2001; 2008). A Suíça passa a ser um país-alvo de destino para os emigrantes portugueses. Porém, nessa época as Autoridades Suíças da Migração restringem a entrada de imigrantes provenientes de Portugal e da Turquia (*ibidem*).

<sup>16</sup> De acordo, com a DGAI (Direção Geral de Administração Interna), é celebrado no dia 1 de Julho de 1975, em Lisboa, um acordo por “troca de notas” entre a Embaixada da Suíça, em Lisboa, e o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal sobre a abolição recíproca de vistos consulares em passaportes. Disponível em: <http://www.dgai.mai.gov.pt/?area=102&mid=106>.

uma diminuição acentuada atingindo um valor negativo (Marques, 2008:261). Após uma fase de estagnação no volume de entradas (1997-2001), assiste-se a uma retoma de evolução positiva cerca de 5 000 por ano (ibid.:261). Os portugueses tornam-se no segundo maior grupo de imigrantes a entrar na Suíça, logo a seguir aos ex-jugoslavos (Marques, 2001b:2).

Esta fase de maior afluência dos portugueses é igualmente marcada pela alteração do seu tempo de permanência, adquirindo um carácter mais duradouro (ibid.). A emigração para a Confederação Helvética entra, deste modo, numa fase de fixação no destino, facto evidenciado pela descida da taxa de masculinidade, verificando-se, portanto, um maior equilíbrio entre homens e mulheres, em simultâneo com o aumento de processos de reagrupamento familiar (Pires *et al.*, 2010:106). Assim, a partir de 1982, a reunificação ou reagrupamento familiar<sup>17</sup> juntamente com a mudança da autorização de residência sazonal e não sazonal constitui uma das formas de entrada na Suíça, (Marques, 2001a:2).

No período que medeia 1982 e 1997, o número de entradas de portugueses aumenta de 27%, num primeiro momento, devido ao reagrupamento familiar e aumenta 45%, num segundo momento, como consequência da alteração da autorização de residência sazonal para não sazonal. Neste período a Suíça absorve 59% dos emigrantes portugueses que se dirigem para a Europa (Baganha e Peixoto, 1997). Com a crise económica helvética de 1991 verifica-se um acentuado decréscimo no número de emigrantes portugueses, registando-se um valor negativo de 23% (Marques, 2001:1).

Em 2000, de acordo com o Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa (2015), cerca de 4 000 portugueses emigram para a Suíça (ibid.:256), número que aumenta para 29 000 em 2013.

Em 2008, o número de entrada de portugueses é de 17 667 registando-se uma taxa de crescimento anual na ordem dos 15%. Porém, entre 2009 e 2011 o número de entrada de portugueses abranda ligeiramente devido à crise económica (*ibidem*).

---

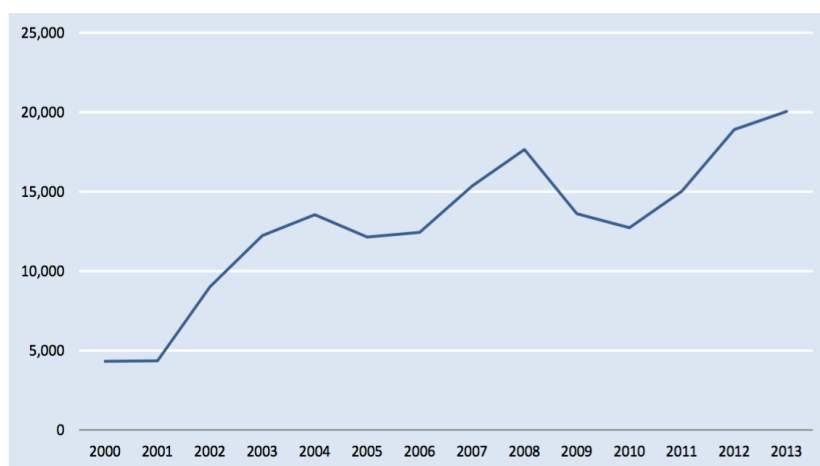
<sup>17</sup> O reagrupamento ou reunificação familiar só é autorizado após a obtenção de um estatuto de residência de carácter mais duradouro (Marques, 2001:2).

**Quadro 1.2:** Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2014

Ano	Entradas de estrangeiros		Entradas de portugueses		
	N	Taxa de crescimento anual (%)	N	Em percentagem das entradas de estrangeiros	Taxa de crescimento anual (%)
2000	84,200	..	4,311	5.1	..
2001	99,746	18.5	4,347	4.4	0.8
2002	105,014	5.3	9,005	8.6	107.2
2003	98,812	-5.9	12,228	12.4	35.8
2004	100,834	2.0	13,539	13.4	10.7
2005	99,091	-1.7	12,138	12.2	-10.3
2006	107,177	8.2	12,441	11.6	2.5
2007	143,855	34.2	15,351	10.7	23.4
2008	161,629	12.4	17,657	10.9	15.0
2009	138,269	-14.5	13,601	9.8	-23.0
2010	139,495	0.9	12,720	9.1	-6.5
2011	140,508	0.7	15,020	10.7	18.1
2012	151,002	7.5	18,892	12.5	25.8
2013	167,248	10.8	20,039	12.0	6.1
2014	..	..	..	..	..

Fonte: Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2015:260

**Gráfico 1.3:** Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2013



Fonte: Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2015:261

A partir do ano 2011, assiste-se a uma “nova” vaga emigratória portuguesa rumo à Suíça. A crise económica portuguesa, a tomada de fortes medidas de austeridade, a elevada taxa de desemprego (sobretudo jovem) associada à falta de perspectivas de emprego, precipita e avoluma o número de saídas de portugueses para este destino, em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida.

À luz das estatísticas oficiais suíças, no ano de 2012, Portugal, é o segundo país de origem com o maior número de entradas de emigrantes, registando um

aumento de 20% relativamente ao ano anterior. Nesse ano, entram em território helvético cerca de 14 338 portugueses (BFS, 2012).

No ano seguinte, em 2013, entram na Suíça 29 667 portugueses, representando 19% do total de estrangeiros que emigram para este país. A Suíça é o segundo país do mundo onde residem mais portugueses, número superior a 200 mil, com rigor 253 200 (BFS e STATPOP, 2016)<sup>18</sup>. No ano de 2014, o número de portugueses a residir com carácter permanente é 262 700, cerca de 13,1% da população total. Perante estes valores, os portugueses constituem a terceira maior comunidade de estrangeiros na Suíça, superados pelos italianos e alemães (*ibidem*).

**Quadro 1.3: População estrangeira permanente na Suíça de acordo com a nacionalidade, em milhares**

	2011	2012	2013	2014	2015
Total	1816.0	1870.0	1937.4	1998.5	2048.7
EU28/EFTA-Staaten	1177.5	1223.4	1276.9	1326.9	1361.6
Deutschland	275.3	284.2	292.3	298.0	300.7
Frankreich	99.9	104.0	110.1	116.9	123.0
Italien	288.0	291.8	298.9	306.4	311.7
Österreich	37.9	38.8	39.5	40.3	41.1
Portugal	223.7	237.9	253.2	262.7	267.5
Spanien	65.8	69.4	75.3	79.6	82.3
Übriges Europa	368.3	368.4	369.9	371.4	371.6
Serbien	109.3	98.7	90.7	78.1	71.3
Montenegro	2.0	2.1	2.4	2.5	2.5
Türkei	71.4	70.8	70.4	70.0	69.2
Afrika	74.8	78.2	83.9	86.7	93.8
Amerika	76.6	77.7	78.4	79.0	78.8
Asien	113.6	117.2	122.9	128.8	136.8
Ozeanien	4.1	4.1	4.1	4.2	4.2
Staatenlos, unbekannt	1.1	1.1	1.2	1.5	1.8

Fonte: BSF e STATPOP, 2016

Segundo os dados da *Bundesamt Für Statistik* (BFS, 2016), no primeiro semestre de 2015, regista-se um aumento no número de entrada de portugueses neste território, 9 400 entradas, o que representa 13% do total de 72 308 emigrantes.

<sup>18</sup> BFS - Bundesamt für Statistik, disponível em: <http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/de/index/themen/01/07/blank/key/01/01.html> acesso janeiro de 2016.

STATPOP - Statistik der Bevölkerung und der Haushalte. disponível em: <http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/de/index/themen/01/02/blank/key/bevoelkerungsstand/02.html> acesso a janeiro de 2016.

Em finais de 2015, o número total de portugueses com autorização de residência permanente é de 267.500 (BSF, 2016).

Face a este número crescente de emigrantes portugueses, infere-se que o fluxo migratório português para a Suíça tem origem em “cálculos económicos”, isto é, na procura e realização de oportunidades económicas inexistentes em Portugal (Marques, 2008:103). Neste sentido, a motivação subjacente à ideia de emigrar é racional e puramente económica (ibid.). Os portugueses vêm na emigração, a oportunidade de satisfazer determinadas necessidades, dificilmente possíveis de serem satisfeitas em Portugal. A emergência de uma “nova” vaga de portugueses na Suíça, deve-se em grande parte, às “redes sociais migratórias solidárias” formadas por familiares, amigos e conhecidos (ibid.:107) que se constituem e consolidam ao longo do movimento migratório para este destino. Estas “redes sociais” possibilitam ao migrante recém-chegado não só assentar e organizar-se como também apoiar nas necessidades básicas como a habitação, a alimentação, a procura de trabalho e outras informações relevantes. No acesso ao mercado de trabalho, estas redes sociais constituem uma prática comum de recrutamento informal de emigrantes portugueses (ibid.:308).

### **1.3. Perfil sociodemográfico dos emigrantes portugueses na Suíça**

Em 1997, o perfil dos emigrantes que rumam a terras helvéticas, não difere muito das dos emigrantes portugueses dos anos 1960, inícios dos anos 1970 do ciclo transatlântico e intraeuropeu (Marques, 2001). Trata-se de uma emigração de trabalho constituída por jovens ativos, predominantemente do sexo masculino, sem instrução ou qualificação específica e provenientes do meio rural, sobretudo, das regiões norte e centro do país. Porém, a predominância do sexo masculino atenua-se nas décadas seguintes (Marques, 2008:273) assistindo-se à crescente feminização da emigração portuguesa para a Suíça, fenómeno que à primeira vista pode ser associado ao reagrupamento familiar. Entre 1960 e 2001, entram mais homens casados, 66,7%, do que mulheres casadas, 47,8%, o que sugere que a maioria das mulheres ativas portuguesas entra no país, não para acompanhar os maridos, mas por motivos individuais (Marques, 2008:274). As portuguesas dirigem-se para os sectores da agricultura e da hotelaria, sectores

esses de carácter sazonal/temporário que não permite o reagrupamento familiar. Em relação à faixa etária, segundo Marques (2008: 275-276), só a partir de 1991 é possível obter dados com maior minudência, uma vez que as idades se encontram categorizadas por grupos etários, a saber: 0-15 anos; 16-19 anos; 20-64 anos; > 65 anos; > 80 anos. Tendo em conta esta categorização etária, de 1981 e 1990, o grupo situado entre os 20 e 64 anos contém 70% da população emigrante portuguesa residente na Confederação Helvética. De 1991 e 2001 a faixa dos 20-39 anos de idade, representa 51% do total dos portugueses residentes na Suíça (ibid.:276).

Outro grupo onde se verifica um aumento significativo é o dos 40-59 anos, de 13% em 1991 para 24,3% em 2001.

Relativamente à população jovem, parte considerável da mesma é dificilmente quantificável ao longo dos anos (*ibidem*). Os jovens são impercetíveis e silenciosos estatisticamente<sup>19</sup>. Não obstante, no início da década de 90 regista-se uma percentagem expressiva de jovens dos 0 aos 19 anos, cerca de 30%, quando comparada com a população total, fruto do reagrupamento familiar ou de nascimentos de crianças portuguesas em território helvético (Marques, 2008). Porém, em 2001, de acordo com o Relatório da Emigração (2013:87), os jovens migrantes portugueses com idades compreendidas entre 15 e os 24 anos, a residir na Suíça, são 16 541 ou seja 17% do total dos emigrantes portugueses.

Em 2007, a população portuguesa residente na Suíça caracteriza-se, segundo Rosita Fibbi (2010), pela sobre representatividade de pessoas de meia-idade, sobretudo homens entre os 40-44 anos, que se instalam neste país para trabalhar. Por seu turno, as pessoas mais velhas, dos 60 aos 80 anos estão claramente sub-representadas, facto que poderá expressar o retorno a Portugal depois de atingirem a idade da reforma (Fibbi *et al.*, 2010:29). De notar que no mesmo ano, mais de 70% dos portugueses são casados, sendo o agregado familiar português, por norma, constituído pelo casal com um ou mais filhos (Fibbi *et al.*, 2010:30).

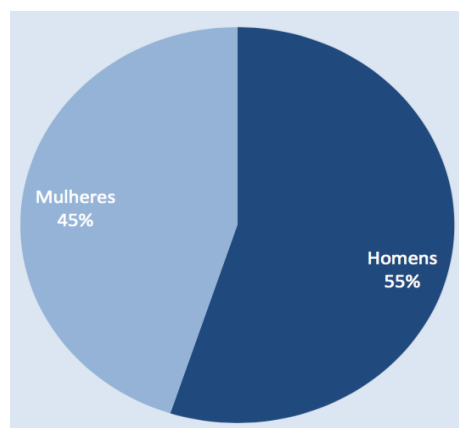
---

<sup>19</sup> Ao “silêncio estatístico” referido e constatado por Laranjo Marques (2008) acresce um “vazio qualitativo” que se pretende aprofundar e conseqüentemente dar um contributo para um melhor conhecimento dos jovens migrantes portugueses a residir na Suíça.

Em 2012, a distribuição por sexo dos emigrantes portugueses, na Suíça, revela a existência de uma maior proporção de homens, 55% do que de mulheres, 45% (gráfico 1.4). O diferencial de 10% revela uma tendência para o equilíbrio dos sexos, que pode ser entendido pela fixação no destino, condição favorável para o reagrupamento familiar.

No que respeita à estrutura etária, 45% dos portugueses tem entre 40 a 64 anos, 36% entre 25 a 39 anos, 10% entre 15 a 24 anos e 8% menos de 15 anos (gráfico 1.5).

**Gráfico 1.4: Distribuição de género dos Portugueses emigrados na Suíça, 2012, em (%)**



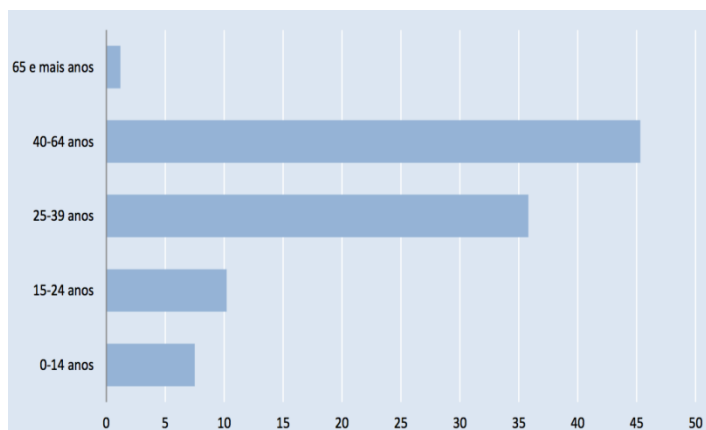
**Fonte:** Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2013:189

**Quadro 1.4: Portugueses emigrados na Suíça, por sexo, 2012**

Sexo	N	%
Total	199,209	..
Homens	108,591	54.5
Mulheres	90,618	45.5

**Fonte:** Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2013:189

**Gráfico 1.5: Portugueses emigrados na Suíça, por grupos etários, 2012, em (%)**



**Fonte:** Relatório do Observatório da Emigração, 2013:190

### ***Naturalizações***

Segundo um estudo realizado por Wanner e Piguet (2002 *apud* Fibbi *et al.*, 2010), os portugueses listam-se nos grupos de imigrantes onde se regista um dos números mais baixos de naturalização, a saber com 0,5% de naturalizações. Este baixo valor pode ter como justificação a intenção de retorno a Portugal (*ibid.*) ou o restrito e complexo processo de naturalização<sup>20</sup> suíço. Contudo, entre 2004 e 2006, o número de naturalizações aumenta significativamente (Wanner e Piguet, 2002 *cit.* Fibbi *et al.*, 2010:32). De acordo com o Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa (2015), entre 2004 e 2013, o número de aquisição de nacionalidade suíça por portugueses quase triplica, passando de 765 para cerca de 2 184. No ano de 2013, o número de portugueses que adquire a nacionalidade suíça totaliza os 2 184.

---

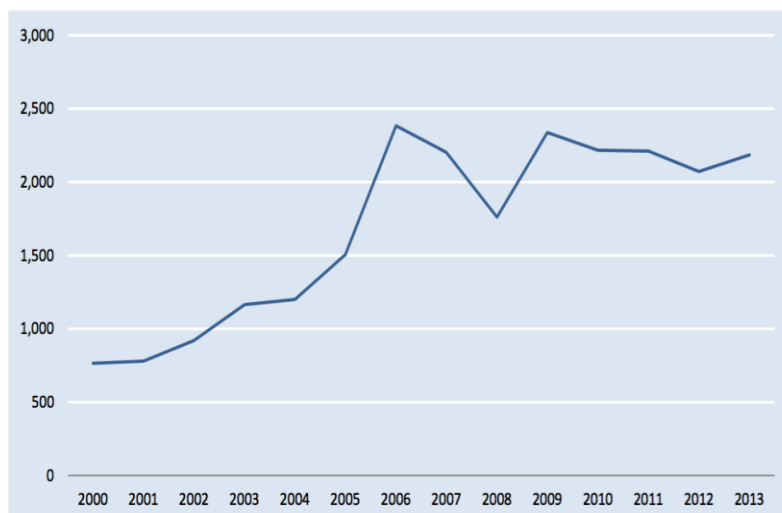
<sup>20</sup> Este processo será abordado no ponto 1.4.1

**Quadro 1.5: Naturalizações de portugueses residentes na Suíça, 2000-2014**

Ano	Aquisições de nacionalidade totais		Aquisições de nacionalidade por portugueses		
	N	Taxa de crescimento anual (%)	N	Em percentagem das aquisições de nacionalidade totais	Taxa de crescimento anual (%)
2000	28,700	..	765	2.7	..
2001	27,583	-3.9	779	2.8	1.8
2002	36,515	32.4	920	2.5	18.1
2003	35,424	-3.0	1,165	3.3	26.6
2004	35,685	0.7	1,199	3.4	2.9
2005	38,437	7.7	1,505	3.9	25.5
2006	46,711	21.5	2,383	5.1	58.3
2007	43,889	-6.0	2,201	5.0	-7.6
2008	44,365	1.1	1,761	4.0	-20.0
2009	43,440	-2.1	2,336	5.4	32.7
2010	39,314	-9.5	2,217	5.6	-5.1
2011	36,012	-8.4	2,211	6.1	-0.3
2012	33,500	-7.0	2,071	6.2	-6.3
2013	34,061	1.7	2,184	6.4	5.5
2014	..	..	..	..	..

Fonte: Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2015:266

**Gráfico 1.6: Aquisição de nacionalidade portuguesas residentes na Suíça, 2000-2013**



Fonte: Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2014:256

Os dados disponibilizados<sup>21</sup> pelo *Bundesamt für Statistik* (BFM, 2015) revelam que no ano de 2014, cerca de 7,5% dos portugueses residentes adquirem a

<sup>21</sup> Dados disponíveis em: <http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/de/index/themen/01/07/blank/key/03.html> acesso em Janeiro 2016.

nacionalidade suíça. A Suíça é o segundo país do mundo onde os emigrantes portugueses residentes mais adquirem a nacionalidade de destino (Relatório da Emigração Portuguesa, 2015:265).

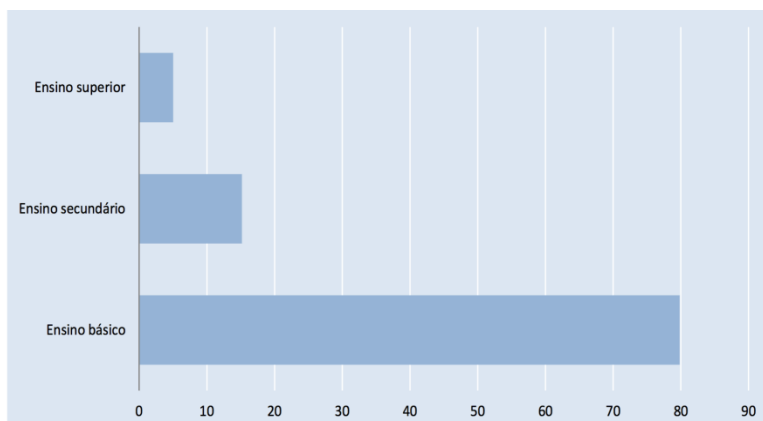
### ***Qualificações escolares dos emigrantes portugueses***

Desde do início do movimento migratório português para a Suíça, que a maioria dos emigrantes portugueses, salvo raras exceções, não possui qualquer tipo de instrução ou habilitações específicas. Remontando à primeira vaga emigratória portuguesa para a Suíça, Portugal possui a maior taxa de analfabetismo de todos os emigrantes europeus (Fibbi *et al.*, 2010:17). Em 2007, do total de emigrantes portugueses que se encontra a trabalhar na Suíça, 63% possui a escolaridade obrigatória, 22% possui uma formação profissional e pouco mais de 2% possui formação académica (Fibbi *et al.*, 2010:42). Contudo, nos últimos quatro anos (2007-2010), o perfil sociodemográfico do emigrante português tem-se significativamente, facto que se relaciona com a entrada de jovens portugueses com estudos superiores (Malheiros, 2010). Porém, para a Suíça, a emigração não qualificada continua a prevalecer em termos absolutos <sup>22</sup> (Pires, 2015). Em 2012, de acordo com o Relatório da Emigração (2013:187), entre os portugueses emigrados na Suíça, predominam os que, no máximo, possuem o ensino básico, 80%; apenas 14% apresentam o ensino secundário completo e 5% têm estudos superiores (gráfico 7). Desconhece-se o nível de escolaridade dos restantes 6% da população portuguesa residente na Suíça.

---

<sup>22</sup> *in* Conferência Internacional “Retorno ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa”, Lisboa 23 de Outubro de 2015, Fundação Calouste Gulbenkian.

**Gráfico 1.7: Portugueses emigrados na Suíça, com mais de 15 anos, por qualificações escolares 2012, em (%)**



**Fonte:** Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2013:191

Relativamente ao contexto escolar, a integração dos filhos dos emigrantes portugueses, na Suíça, faz-se via Escola/Formação. A integração das crianças e dos jovens nem sempre é um processo fácil, dependendo de diversos fatores. É frequente, os filhos dos emigrantes portugueses integrarem as “classes de ensino especial” desde o 1º ciclo do ensino básico. No que concerne à aprendizagem da língua local, dados recolhidos em 2000 mostram que a aprendizagem nas regiões de língua francesa é mais facilitada (44%) do que nas regiões de língua alemã (24%). Esta evidência pode estar relacionada com a semelhança linguística entre o português e o francês e a dificuldade de aprendizagem do alemão, em particular dos diferentes dialetos do suíço-alemão (Fibbi *et al.*, 2010:43-44). Comparativamente a outros pais estrangeiros, os pais portugueses revelam qualificações escolares muito baixas (Fibbi *et al.*, 2010), o que se repercute ao nível do desempenho escolar das crianças migrantes portuguesas.

### ***Distribuição e concentração geográfica da população portuguesa***

Pese embora a presença de emigrantes portugueses se registre em todos os cantões da Suíça, é possível falar de uma distribuição heterogénea da população portuguesa (Marques, 2008:265) neste território. Geograficamente, os portugueses concentram-se no interior dos cantões junto dos núcleos mais

urbanizados (Marques, 2008:270), o que lhes permite uma maior mobilidade e proximidade dos serviços. Em 2000, os emigrantes portugueses concentram-se maioritariamente em quatro áreas: Vaud, Genebra, Valais e Zurique. Esta distribuição está fortemente ancorada a fatores tais como, o tipo de estatuto de residência, a mobilidade intercantonal, as regiões em que existe uma maior e mais diversificada oferta de emprego (ibid.:267) e as regiões linguísticas da Suíça. Assim sendo, à luz do estatuto de residência permanente, destaca-se uma maior concentração dos portugueses nos seguintes cantões: Vaud, Genebra, Valais, Grisões, Berna e Zurique (*ibidem*). Contudo, numa pesquisa mais aturada é particularmente notória a presença de portugueses noutros cantões como Friburgo e Neuchâtel. Relativamente à distribuição da população migrante portuguesa de acordo com o mapa linguístico (Mapa 1) da Suíça (Marques, 2008:268-269), observa-se uma maior presença de portugueses (com residência permanente) na região de língua francesa, seguida pela região de língua alemã e da língua italiana. A concentração de portugueses nos cantões onde se fala a língua francesa é forte devido às semelhanças linguísticas com o português, semelhanças que facilitam a aprendizagem do francês. Este fator é decisivo para uma integração bem-sucedida (Fibbi *et al.*, 2010: 33-34).

**Mapa 1.1: Distribuição geográfica das Línguas Oficiais na Suíça, em 2000**



**Fonte :** Office Fédéral de la statistique, [www.bfs.ch](http://www.bfs.ch), recensement 2000

## ***Caracterização socioprofissional dos migrantes portugueses***

No âmbito profissional, apesar das fracas qualificações, os portugueses estão muito bem integrados no mercado de trabalho suíço. Na senda de Laranjo Marques (2008), grande parte dos emigrantes portugueses, na Suíça, são ativos, exercem profissões ou empregos “socialmente indesejáveis” associados a um “baixo estatuto social” (ibid.:279-280). Em 1996, aproximadamente 41% dos portugueses ativos integram-se no mercado de trabalho suíço, exercendo profissões pouco ou nada qualificadas nos sectores da construção civil e da indústria hoteleira. Estes ativos exercem profissões no âmbito da limpeza e manutenção de edifícios (9,0%), empregos do nível mais baixo da hotelaria; (6,9%), são pedreiros (6,5%), empregados de mesa (6,4%), empregadas domésticas (6,1%) e serventes da construção civil (6,0%) (ibid.:280). No primeiro sector, o da construção civil, a sua procura está associada a uma maior fixação no emprego, o que de certa forma, condiciona aos emigrantes portugueses, a oportunidade de mobilidade profissional. Em oposição, o segundo sector, o da hotelaria e restauração, serve como “porta de entrada” a uma permanência mais prolongada na Suíça. Essa “porta de entrada” permite, igualmente, o acesso a outros sectores (Pires et al., 2010:106). Em 2001, dos 135 517 portugueses portadores de autorização de residência anual ou permanente são ativos (57,5%), e representam 11% da força de trabalho estrangeira na Suíça (ibid.:278). Em 2012, dos portugueses residentes na Suíça, 26% são operários, artífices e trabalhadores similares; 23% estão empregados no sector dos serviços e das vendas; 21% são trabalhadores não qualificados indiferenciados. Os restantes 31% englobam os operadores de instalações e máquinas bem como os trabalhadores de montagem, 10%; os técnicos e profissionais intermédios, 8%; o pessoal administrativo ou similar, 4%; os especialistas das profissões intelectuais e científicas, 4%; os quadros superiores da administração pública, os dirigentes e os quadros superiores de empresa, 3%; nas profissões agrícolas e similares apenas 2% (Relatório da Emigração 2013:187-188).

**Gráfico 1.8: Portugueses emigrados na Suíça, com mais de 15 anos, por profissão, 2012 em (%)**



**Fonte:** Relatório do Observatório da Emigração Portuguesa, 2013:192

Relativamente aos jovens bem qualificados<sup>23</sup>, até à presente data, não existem dados disponíveis sobre a sua inclusão no mercado de trabalho suíço (Oliveri, 2014:9). No entanto, sabe-se que os jovens migrantes portugueses possuem uma elevada taxa de empregabilidade, na Suíça. A grande lacuna é precisamente apurar onde trabalham, como conseguiram esse cargo ou função profissional, e se a mesma, está em conformidade com as suas qualificações (ibid.).

### ***Como e onde vivem os portugueses na Suíça***

“Diz-me onde moras e eu dir-te-ei que tipo de migrante és”. A forma como os portugueses vivem na Suíça espelha, em parte, os recursos das famílias portuguesas (Fibbi *et al.*, 2010:73). No ano de 2000, 24% dos agregados familiares portugueses vivem em edifícios com cerca de vinte ou mais apartamentos de renda baixa. Dos portugueses que vivem sozinhos, 17% vivem em apartamentos com uma decoração muito simples (ibid.). Estas constatações não surpreendem, partindo do pressuposto que a emigração portuguesa é uma de natureza económica, sendo por isso perfeitamente expectável, a procura de habitações menos onerosas por parte dos portugueses (Marques, 2008:269) o

<sup>23</sup> Por bem qualificados, subentendem-se os jovens que possuam, no mínimo, um curso superior (Licenciatura).

que lhes permite maximizar os seus rendimentos (envio de remessas). Esta opção pode estar, igualmente, associada à perspectiva de retorno (Fibbi *et al.*, 2010:73). Outro fator, a considerar, é o elevado custo de vida neste país, nomeadamente, no sector imobiliário de arrendamento. Na Suíça, são raros, os emigrantes portugueses com casa própria (Fibbi *et al.*, 2010:63). Este padrão regista-se na maioria da população estrangeira com qualificações similares (*ibidem*). Não obstante, nos últimos anos, a geração mais nova tem alterado significativamente esse padrão, o que reflete em parte, uma mudança na mentalidade dos emigrantes portugueses, (mais cosmopolita), uma nova atitude perante a vida e uma nova forma de vivenciar a emigração, associada, a uma forte vontade de estar em paridade com os padrões de vida dos suíços.

A ideia do “envio remessas” para Portugal é gradualmente substituída pelo viver aqui e agora, sem intenções de retorno. Geograficamente, os portugueses concentram-se no interior dos cantões junto dos núcleos mais urbanizados (Marques, 2008:270), o que lhes permite uma maior mobilidade e proximidade dos serviços. Nos anos em que há grandes eventos futebolísticos a nível europeu ou mundial, é possível identificar, através das bandeiras portuguesas colocadas nas janelas, os bairros onde se concentram os portugueses. Num mesmo edifício, verifica-se a coabitação ou existência de vários emigrantes portugueses, muitas vezes oriundos da mesma região de Portugal.

### ***A vida associativa e as relações inter pares***

Na Confederação Helvética a vida associativa dos emigrantes portugueses é forte e ativa. Em 2008, foram identificadas cerca de 280 associações de portugueses na Suíça (Araújo, 2013)<sup>24</sup>. As associações têm um papel social muito importante para a “assunção da comunidade portuguesa, na “construção étnica”, na preservação da identidade portuguesa e na sua “projecção para o exterior” (*ibid.*). Por seu turno, elas constituem núcleos de sociabilidade e ponto de encontro da

---

<sup>24</sup> Entrevista a Eduardo Araújo, Lisboa, Observatório da Emigração, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). *A adaptação dos portugueses na Suíça varia bastante consoante a zona geográfica e linguística em que se encontram*. Realizada por Cláudia Pereira, 2013-02-27. Disponível em: <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/3471.html> acesso a 03.02.2016.

comunidade migrante portuguesa vulgarmente materializados em cafés, bares ou restaurantes. Cerca de 42% das associações recreativas portuguesas possuem nomes de uma cidade ou de uma região de Portugal; 24% têm uma forte componente cultural, como por exemplo, o folclore e atividades lúdicas, e, 15% dessas associações estão ligadas ao futebol (Marques, 2008 cit. Fibbi *et al.*, 2010:96). Com menor percentagem, mas igualmente importantes, são as associações ou comunidades de cariz católico 6%, seguidas de associações no domínio da migração ou de proteção de trabalho 5%, na orientação dos estudos e na integração dos jovens (5%) e por fim, associações ativas, na área da saúde e da prevenção (3%) (*ibidem*).

Ao longo do tempo, as associações portuguesas de emigrantes, na Suíça, têm vindo a adequar-se quer às necessidades quer às solicitações da comunidade portuguesa, tornando-se multifacetadas e multidimensionais. Importa salientar, que para além do seu carácter cultural /institucional, são um dos meios através do qual os portugueses conhecem portuguesas. Isto porque, os emigrantes portugueses continuam a privilegiar relacionamentos e a celebrar casamentos dentro da própria comunidade.

No que respeita à religião, a católica, tem uma forte presença na vida dos portugueses. Aos domingos é frequente ver as igrejas, onde se celebra a missa em português, lotadas de emigrantes portugueses. Este espaço religioso, reforça o sentimento de pertença e comunhão entre os indivíduos da comunidade portuguesa. Por fim, paralelamente às associações recreativas, culturais e católicas, a comunidade portuguesa tem ao seu dispor, os média sociais diaspóricos, nomeadamente, jornais, revistas e emissões de rádio (Fibbi *et al.*, 2010:97).

### ***A imagem dos portugueses na Suíça***

A imagem da população emigrante portuguesa, na Suíça, é desde há muito positiva (Fibbi *et al.*, 2010:77). Num inquérito realizado à população suíça, em 2002, com o objetivo de avaliar os grupos de emigrantes mais representativos no país, os portugueses obtiveram uma boa posição. Um quinto dos inquiridos, é de opinião que a presença dos portugueses no seu território é enriquecedora (*ibid.*).

Outro exemplo inequívoco, desta imagem positiva, deve-se ao facto de, hoje em dia, não existirem expressões ou termos depreciativos associados aos portugueses (ibid.:77-78). Termos como “Tuga” ou “Tos”, outrora ofensivos, são atualmente conotados de forma positiva e passam a constituir um símbolo da identidade portuguesa (*ibidem*). Contudo é no âmbito laboral que os portugueses são apreciados e reconhecidos não só pela boa integração no trabalho (profissional) como também pela sua conduta perante o trabalho: muito trabalhadores, discretos, “obedientes e cumpridores” (ibid.:79). A discrição é uma das características atribuídas quer à emigração portuguesa quer aos portugueses. “Sem dar nas vistas” é o símbolo da comunidade emigrante portuguesa (ibid.:97), que expressa de certa forma, a estratégia dos portugueses em viver centrados na sua comunidade, preservando a sua cultura de origem, os seus hábitos, tradições e costumes, sem que isso, afete ou interfira na sua imagem externa e nas suas boas relações com a sociedade dominante.

#### **1.4. A Confederação Helvética**

Conhecida a história da emigração portuguesa, da evolução quer do fluxo migratório português para a Confederação Helvética quer das características da população emigrante portuguesa dá-se a conhecer de seguida este país de destino. Assim sendo, geograficamente localizada no centro da Europa, partilhando fronteiras com a França (a oeste), a Alemanha (a norte), a Áustria e o Liechtenstein (a leste) e com a Itália (a sul), a Suíça foi e é sinónimo de prosperidade, organização e limpeza, um lugar ideal<sup>25</sup> para se viver, desde a guerra civil do *Sonderbund* (1847) e a criação da sua Constituição Federal, em 1948. Desde esse período que a Suíça tem conseguido manter uma postura de “neutralidade” (Soulet, 2005:223). Por seu turno, essa “neutralidade armada” tem conseguido, ao longo da sua história, não só evitar as grandes guerras europeias

---

<sup>25</sup> A corroborar a imagem idílica, está a posição cimeira que o país ocupa, no Ranking dos países com melhor qualidade de vida do mundo, no estudo realizado pela Mercer (2016) A Suíça está representada pelas cidades de Zurique, Genebra e Berna, no segundo, oitavo e décimo quarto lugar respetivamente. Estudo disponível em: <https://www.imercer.com/content/mobility/quality-of-living-city-rankings.html>, acesso em Março de 2016.

e mundiais, mas também as crises revolucionárias e os conflitos laborais através do estabelecimento de uma “paz industrial” que criou um entendimento duradouro entre o capital e o trabalho (*ibidem*). Porém, subjacente a esta imagem pacífica e neutral do “enclave suíço” encontra-se algo extremamente complexo e paradoxal (*ibid.*). Na génese dessa complexidade está a sua fragmentação e tensão interna. A Confederação Helvética é constituída por 26 Cantões ou Estados Cantonais, subentenda-se, 26 constituições reguladas por um governo federal, o qual assume funções delegadas pelos Estados Cantonais. Os 26 Cantões possuem 3 029 Comunas com amplos poderes políticos, as quais podem, inclusivamente, condicionar ou limitar a ação federal (*ibid.*). Sumariamente, a hierarquia política é constituída em primeiro lugar pelo sistema Federal; em segundo pelo Cantonal; e em terceiro pelo sistema Comunal. Neste território coexistem três línguas oficiais, o Alemão, o Francês e o Italiano. Existe ainda uma quarta língua, o *rätoromanisch* ou *romansch*, falada no Cantão *Graubünden*. No que respeita a divisões religiosas é conhecida pelo protestantismo *versus* o catolicismo que atravessa fronteiras cantonais (*ibid.*).

Em termos políticos, são quatro os grandes partidos: o Partido Radical, o Partido Socialista, o Partido Democrata-Cristão e a União Democrática do Centro. A “distribuição racional” dos lugares no Conselho Federal, entre os partidos, aliados ao sistema de democracia direta<sup>26</sup> são a “fórmula mágica” e o garante da estabilidade duradoura do executivo (Soulet, 2005:223-224), descentralizando de igual modo, a soberania do Estado.

Toda esta fragmentação, descentralização, pluralidade e multiculturalidade constitui um foco de “ansiedade” recorrente no que respeita à sua identidade (étnica) e unidade nacional. Nesse “foco de ansiedade,” pesa sobretudo, a elevada presença de estrangeiros no seu território (Soulet, 2005).

---

<sup>26</sup> A Suíça é considerada um modelo exemplar de democracia a nível mundial. Com precisão, a democracia suíça é qualificada e semidirecta. Isso significa que os dois sistemas coexistem: o da democracia direta, onde os cidadãos se exprimem diretamente (referendos e iniciativas) e o da democracia representativa, onde delegam uma parte dos poderes a candidatos eleitos. Fonte: <http://www.swissinfo.ch/por/guia-da-su%C3%ADÇA>

### **1.4.1. A imigração na Confederação Helvética e o contexto legal dos estrangeiros na Suíça**

A Suíça foi inicialmente um país de emigrantes. É somente na segunda metade do século XIX, que o equilíbrio migratório se inverte (Soulet, 2005:225). Essa inversão, tem como causa direta a dependência da Suíça de forças de trabalho estrangeiras para a sustentabilidade do desenvolvimento industrial e a construção de infraestruturas (Marques, 2008:116). Neste sentido, a imigração para a Confederação Helvética tem sido, desde sempre, racional e de natureza puramente económica que tem acompanhado o crescimento económico do país (ibid.). Entre a satisfação das necessidades do mercado interno e o progresso económico, os trabalhadores estrangeiros servem de “instrumento de desenvolvimento económico” e são vistos como “uma variável de ajuste económico” (Soulet, 2005:225). Assim, apesar de desde o início do século XX a Suíça ter uma forte presença de estrangeiros no seu território, nunca se assumiu como um país imigração (Chambovey, 1995:357 *apud* Marques, 2008:116), reflexo disso, é a não adoção de uma “verdadeira” política de imigração, bem visível nos textos oficiais, os quais remetem não para uma política de imigração, mas sim para a uma política de estrangeiros (Marques, 2008:115). Todavia, as crescentes necessidades de mão-de-obra, por parte do mercado suíço, contribuem para o aumento do número de imigrantes no país; são implementadas medidas políticas, com o objetivo de regulamentar o fluxo imigratório (*ibidem*). Esta “regulamentação” pretende garantir o bom funcionamento da economia, a estabilidade interna e a integração dos estrangeiros, sem pôr em causa, a “imaginada” identidade nacional suíça (Soulet, 2005:225).

#### ***Políticas de imigração e integração helvéticas***

A não inclusão ou pertença da Suíça em espaços supranacionais, como a União Europeia permite analisar, segundo Marques (2008:112), a evolução das políticas de imigração helvéticas, fortemente influenciadas pela globalização e transnacionalização das políticas migratórias (ibid.). Contudo, esse não é o propósito deste estudo, pelo que se faz uma brevíssima abordagem das

particularidades da Confederação Helvética nesta matéria, no sentido de se compreender o carácter restrito da aquisição de nacionalidade suíça, do mecanismo de ajuste do número de imigrantes face às necessidades do mercado suíço e dos critérios da atribuição do estatuto ou autorização de residência. No que respeita a políticas imigração, ou melhor dizendo, medidas políticas sobre os estrangeiros, a Suíça tem praticado, desde há muitos anos, uma política muito limitativa, privilegiando as autorizações sazonais de trabalho e residência com duração inferior a um ano (Autorização L). Todavia ao longo do século XX, e em particular na viragem do milénio, verifica-se uma evolução considerável em matéria de imigração/integração que tem consistido na passagem de uma política resultante de constrangimentos de natureza interna para uma política, influenciada por constrangimentos ou pressões externas/internacionais (Fibbi e Cattacin, 2000:141 *apud* Marques, 2008:112). Apesar de ter recusado a adesão à União Europeia em 1996, o enclave suíço encontra-se geograficamente rodeado de Estados membros, o que de certa forma pesa na renegociação de acordos com a União Europeia.

Desde 1991 até 2001 prevalece, na Confederação Helvética, o modelo de política dos três círculos: o círculo interior, o círculo médio e o círculo exterior (*ibidem*). No primeiro círculo integram os países da UE e da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA). Aos imigrantes ativos originários destes países é autorizado o reagrupamento familiar, a prossecução de uma atividade independente, assim como a mudança de profissão, de local de trabalho e de cantão de residência (Marques, 2008:148-9). No segundo círculo, o intermédio, integram outros países como o Canadá, os EUA, a Austrália, a Nova Zelândia e os micro-países europeus como Andorra, San Marino e Mónaco. A entrada de forças de trabalho é simplificada quando se trata de cidadãos altamente qualificados (Marques, 2008:149). No terceiro círculo, o exterior, é constituído pelos os restantes países (Soulet, 2005:237), cujos cidadãos só em casos excepcionais podem ter acesso a uma autorização de permanência na Suíça. Mesmo a admissão de especialistas altamente qualificados é limitada temporalmente (Marques, 2008:149). Porém, este modelo dos círculos foi amplamente criticado dado que se opunha à convenção das Nações Unidas de

1965, no que concerne à eliminação de todas as formas de discriminação racial (Marques, 2008:150). Reagindo às críticas, em 1996, o Conselho Federal manda elaborar propostas para uma futura política migratória suíça (ibid.) a favor da criação de uma política global e transparente que relacione a política de imigração com a política de asilo. Esse relatório, elaborado pela *Expertenkommission Migration* (1997) recomenda a redução das diversas categorias de permanência existentes à época, para um total de três: o estatuto permanente; o estatuto de curta duração; estatuto provisório (ibid.:151). Nesse relatório, também é defendida uma política de integração ativa, a igualdade de oportunidades de educação e formação profissional das crianças estrangeiras, a atribuição de direitos políticos sectoriais aos detentores de uma autorização permanente, e por último, uma prática de naturalização mais liberal (*ibidem*). Estas medidas visam uma melhor integração dos estrangeiros na sociedade suíça. Apesar do caminho percorrido pela Confederação Helvética nesta matéria, da sua crescente participação em acordos bilaterais/internacionais os quais a aproximam da União Europeia, continua a prevalecer uma política restritiva e uma forte vontade malthusiana. Tem-se assistido a uma ineficácia do governo helvético em limitar o aumento da população estrangeira (Marques, 2008:156). Por outro lado, os interesses de alguns grupos, tais como os empresários, o patronato helvético, têm conseguido ver satisfeitas as suas necessidades e exigências de acesso a mão-de-obra estrangeira desde o início da década de 60. Também os grupos de defesa dos imigrantes, nomeadamente as igrejas, têm sido sempre favoráveis à atribuição de mais direitos à população estrangeira (Marques, 2008:116).

Portanto, mesmo não se assumindo como um país de imigração, a Suíça em certos momentos da sua história, tem sentido a necessidade em se ajustar quer às necessidades políticas internas quer às pressões europeias, adotando uma postura política “reativa” que se baseia no princípio da “navegação à vista”, que desde a II Guerra Mundial, tem respondido às solicitações dos atores económicos e políticos (Fibbi e Cattacin, 2000:143 *apud* Marques, 2008:116). Recentemente, o governo suíço apresentou um plano para limitar a imigração a partir de

Fevereiro de 2017<sup>27</sup>, acionando uma cláusula de salvaguarda unilateral. Este plano propõe que seja determinado, anualmente, o número máximo de cidadãos oriundos da União Europeia (UE), que podem entrar na Suíça para viver e trabalhar.

### ***A lei Federal e a ordem sobre a Integração dos estrangeiros e estrangeiras***<sup>28</sup>

De acordo com o Secretariado do Estado para as Emigrações (SEM), os objetivos da política suíça, em matéria de integração, enquadram-se numa base legal: a Lei Federal sobre os estrangeiros e a Ordem sobre a Integração de Estrangeiros. Os princípios que figuram nas bases jurídicas comunais, cantonais e federais podem ser sintetizados da seguinte forma: a integração é um processo recíproco que envolve tanto a população suíça como a população estrangeira; implica um espírito de abertura por parte dos suíços, um clima de reconhecimento e de eliminação das barreiras discriminatórias. Por outro lado, a contribuição dos estrangeiros para a integração manifesta-se pelo respeito dos valores da Constituição Federal, o respeito pela segurança e ordem pública, pela vontade de participar na vida económica, em adquirir uma formação e em aprender a língua nacional local.

A lei federal sobre os estrangeiros, no seu texto sobre os princípios de admissão e a integração, em concreto, visa: promover a coexistência da população suíça e estrangeira residente com base em valores constitucionais como o respeito mútuo e a tolerância; permitir, a longo prazo, que os estrangeiros que residem legalmente no país, possam participar na sua vida económica, social e cultural. A integração pressupõe, por um lado, que os estrangeiros estejam dispostos a se integrar, e, por outro lado, que a população suíça demostre abertura em relação

---

<sup>27</sup> vide Diário de Notícias a 4.03.2016 disponível em: <http://www.dn.pt/mundo/interior/governo-suico-apresenta-plano-para-limitar-imigracao-a-partir-de-2017-5061643.html> acesso a 5.03.2016.

<sup>28</sup> Lei Federal sobre os estrangeiros e estrangeiras de 2005 ainda em vigor. Disponível em: <https://www.admin.ch/opc/de/classified-compilation/20020232/index.html> acesso em Dezembro de 2015. Ordem sobre a integração de estrangeiros e estrangeiras de 2007 ainda em vigor. Disponível em: <https://www.admin.ch/opc/de/classified-compilation/20070995/index.html> acesso em Dezembro de 2015.

aos mesmos; exige que os estrangeiros se familiarizem com as condições sociais e o modo de vida na Suíça.

Em suma, a integração envolve todos os níveis institucionais, os quais trabalham em estreita cooperação com os parceiros sociais e as organizações estrangeiras. A “fórmula suíça” nesta matéria é a de «promover e exigir». O termo «promover ou incentivar» abrange todas as medidas tomadas pelos serviços do Estado Federal a bem da integração dos estrangeiros, a saber, na formação profissional, no mercado de trabalho e na área da saúde. Por sua vez, o termo «exigir» centra-se na responsabilidade pessoal dos estrangeiros, em respeitar e cumprir as leis suíças.

#### **1.4.2. Integração na sociedade Suíça**

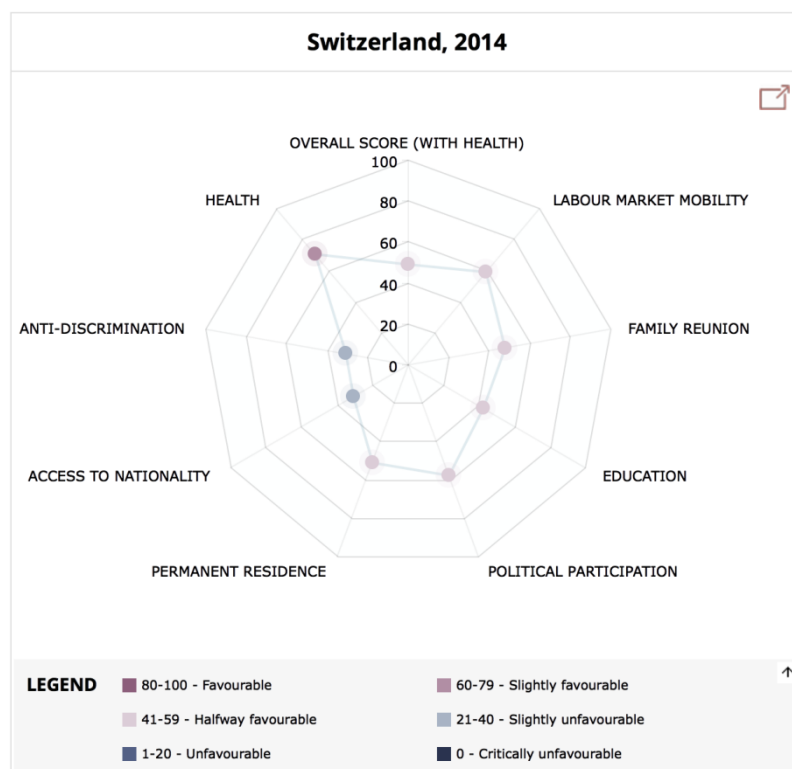
Como é sabido, a imigração contribui inevitavelmente para a diversidade e heterogeneidade cultural. Falar de integração<sup>29</sup> significa, por isso, problematizar e questionar as formas através das quais os indivíduos encontram o seu lugar num coletivo (já constituído) e avaliar o seu grau de adesão e participação nesse mesmo coletivo (Soulet, 2005:239). Nesse sentido, a integração envolve todos os níveis institucionais que trabalham em cooperação com os parceiros sociais, as organizações não-governamentais e as organizações estrangeiras (Soulet, 2005). Para que a integração seja bem-sucedida, é necessário que o país de acolhimento proporcione as condições estruturais para que ela seja possível e garanta o funcionamento regular do coletivo (Soulet, 2005:240). No caso particular da Suíça, o processo de integração dos imigrantes está dependente, em grande medida, daqueles que definem “as regras do jogo”. Estas “regras” ou condições estruturais “oferecidas” aos imigrantes (i.e., legislação da autorização de residência e o acesso ao mercado de trabalho) condicionam fortemente as possibilidades de integração, mesmo antes, do imigrante ter a oportunidade de demonstrar essa intenção (*ibidem*). As singularidades do enclave suíço, em matéria de integração, corroboram o resultado obtido no MIPEX (2015).

---

<sup>29</sup> O termo Integração é normalmente usado para designar o modo como os atores são incorporados num espaço social comum e o modo como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais (Pires, 2003:13).

Comparativamente aos restantes países da Europa, a Suíça encontra-se distante<sup>30</sup> dos objetivos europeus desejáveis no que respeita a políticas de integração (MIPEX, 2015).

**Gráfico 1.9: Políticas de integração, principais conclusões, Suíça, 2014**



Fonte: MIPEX, 2015

As políticas de imigração são complexas (e em certa medida paradoxais), uma vez que são utilizados os critérios diferenciadores de admissão de estrangeiros (Soulet, 2005.:235), que para além de fomentarem a diferença, condicionam e influenciam *a priori* as probabilidades de uma integração com sucesso (*ibidem*). Ou seja, a situação dos estrangeiros varia em função do tipo de autorização de residência, da nacionalidade e da data de chegada ao país (*ibid.*:234).

No que concerne às crianças, como foi referido anteriormente, elas nascem, estudam e trabalham na Suíça e são consideradas estrangeiras “no seu próprio

<sup>30</sup> No ranking constituído por 38 países, a Suíça ocupa a 21ª posição em contraste com Portugal que ocupa a 2ª posição. Informação disponível em: <http://www.mipex.eu/switzerland> acesso a dezembro de 2015.

país”, impedidas de uma cidadania (social) plena e direitos consentâneos com o seu grau ou extensão de integração (Soulet, 2005). A sua integração é feita em primeiro lugar, via escola (formação), e, posteriormente pelo mercado de trabalho, pela aprendizagem contínua do modo de vida, das regras e dos costumes suíços. Por seu turno, a população que chega adulta, a inserção é feita pela via profissional (mercado de trabalho), contudo, mesmo que seja bem-sucedida, não acaba em integração aprovada pela cidadania (ibid.:241). Neste contexto, falar em integração é falar de um tema complexo e paradoxal, devido ao seu mosaico multicultural, à noção de nacionalidade prevalecente na Suíça e consequente lei de naturalização (ibid.:225), aos diferentes tipos de estatutos concedidos aos estrangeiros, ao acesso aos direitos sociais associados ou o sentimento de pertença ao país, e por último, ao mercado de trabalho.

#### **1.4.3. Tipos de autorização de residência atribuídos aos estrangeiros**

Na Suíça, “é-se legalmente estrangeiro de diferentes formas” (Soulet, 2005). Para o efeito, são emitidos diferentes tipos de autorização<sup>31</sup> aos quais são atribuídas letras.

**Autorização**<sup>32</sup> L EU/EFTA,<sup>33</sup> permite a residência ou estadia de curta duração, normalmente entre três a doze meses, visando ou não, a obtenção de emprego remunerado. Este estatuto abrange formandos (estudantes) que venham aperfeiçoar os seus conhecimentos profissionais ou linguísticos. Porém, engloba também os trabalhadores sazonais (anteriormente abrangidos pela autorização A) os quais só podem permanecer em território suíço durante a vigência dos seus contratos de trabalho. Não é permitido, neste estatuto, o reagrupamento familiar (Marques, 2008:140).

---

<sup>31</sup> Conforme Staatssekretariat für Migration (SEM) disponível em: [https://www.sem.admin.ch/sem/de/home/themen/aufenthalt/eu\\_efta.html](https://www.sem.admin.ch/sem/de/home/themen/aufenthalt/eu_efta.html) acesso a dezembro de 2015.

<sup>32</sup> Em alemão, *Ausländerausweis*; em francês, *Permis*; em italiano, *Permesso*

<sup>33</sup> EU - European Union; EFTA - European Free Trade Association, em português, Associação Europeia de Livre Comércio.

**Autorização B** EU/EFTA, concede a residência até a um período máximo de cinco anos ao seu titular, podendo ser renovável. Para estas autorizações é fixada uma cota em função das necessidades económicas em cada ramo de atividade e por cada cantão. A autorização é individual, contudo existe a possibilidade de reagrupamento familiar, extensível ao cônjuge e filhos com idade inferior a 18 anos. O reagrupamento familiar só é possível mediante certas condições, tais como, estabilidade de emprego, habitação condigna e recursos suficientes para cobrir as necessidades da família. Atualmente, esta autorização pode ser atribuída caso o titular celebre um contrato de trabalho que não possua uma data limite.

**Autorização C** EU/EFTA, concede residência permanente sendo emitida por norma, após um período entre cinco a dez anos de residência regular e ininterrupta no território suíço. O direito de residência é permanente e incondicional. Este estatuto representa uma mais-valia no acesso a algumas profissões e a outros recursos. É a autorização que antecede ao pedido de naturalização caso o titular assim o deseje. No caso de o estrangeiro ser português (oriundo de um país membro da EU), é possível ao fim de cinco anos solicitar este estatuto na comuna da sua área de residência.

**Autorização Ci** EU/EFTA, combina a autorização de estadia com atividade lucrativa a funcionários de organizações intergovernamentais e a membros das representações estrangeiras. É extensível aos cônjuges e filhos (até aos 25 anos de idade). A validade está limitada à duração da função do titular do cartão principal.

**Autorização G** EU/EFTA, resulta de acordos binacionais e é atribuída a pessoas que trabalham em zonas fronteiriças suíças, mas vivem em zonas fronteiriças estrangeiras. Os seus detentores devem regressar todas as noites ou pelo menos com muita regularidade à sua residência principal, que se situa no outro lado da fronteira. É válida por cinco anos, sendo renovável.

**Autorização N**, está associada a requerentes de asilo que se encontram a passar por um processo de pedido de asilo. Os requerentes podem aceitar empregos remunerados em circunstâncias muito concretas (Soulet, 2005:227).

#### 1.4.4. Aquisição da nacionalidade: procedimento legal

Pode dizer-se que a naturalização é o culminar de um processo “natural” de integração plena por parte do migrante. Por norma, a naturalização ou a aquisição da nacionalidade é adquirida por *jus sanguinis* ou por *jus soli*. A primeira, “o direito do sangue”, pressupõe que haja um laço de sangue (familiar) com, pelo menos, um dos progenitores. A segunda remete para o “direito do solo” adquirida através do local de nascimento. No caso particular da Suíça, a nacionalidade é adquirida por um dos pais (Soulet, 2005:227).

Nesta conceção, nascer em solo helvético não é sinónimo de “nacionalidade automática” por parte das crianças estrangeiras. É comum nascer, estudar, trabalhar - viver uma vida inteira - e ser-se considerado estrangeiro (ibid.). No acesso à nacionalidade, a Suíça de acordo com o MIPEX<sup>34</sup>, ocupa a 31ª posição (num total de 38). Esta posição, para além de ser sinónimo de políticas “desfavoráveis” em matéria de naturalização, poderá ser o reflexo da conceção de nacionalidade *jus soli*, do sistema de distribuição de poderes executivos e legislativos entre as comunas, os cantões e a Confederação (Soulet, 2005:227) e, sobretudo, pela elevada taxa de estrangeiros residentes no país. Perante isto, é expectável que o processo “normal” de naturalização suíço seja complexo, seletivo e exaustivo.

Sumariamente, o processo regular de aquisição de nacionalidade para um estrangeiro, (que não tenha antepassados suíços ou cujo conjugue não seja cidadão suíço), implica satisfazer as condições<sup>35</sup> estipuladas por lei para a obtenção da autorização ao nível da instância Federal - Departamento Nacional das Migrações<sup>36</sup>. O requerente deverá preencher os seguintes requisitos: viver na Suíça ininterruptamente durante doze anos (entre os dez e os vinte anos de idade, contam a dobrar); estar integrado na comunidade suíça; estar habituado ou familiarizado com a forma de vida e os costumes suíços; obedecer à ordem e às

---

<sup>34</sup> Migrant Integration Policy Index (MIPEX) disponível em: <http://www.mipex.eu/switzerland> acesso a 3.12.2015.

<sup>35</sup> vide Staatssekretariat für Migration (SEM) disponível em: [https://www.sem.admin.ch/sem/de/home/themen/buergerrecht/einbuergierung/ordentliche\\_einbuergierung.html](https://www.sem.admin.ch/sem/de/home/themen/buergerrecht/einbuergierung/ordentliche_einbuergierung.html)

<sup>36</sup> Departamento Nacional de Migrações, em alemão Bundesamt für Migration (BFM)

leis (ordem legal); não constituir uma ameaça nem pôr em perigo a segurança da Suíça a nível interno ou externo. Preenchendo-os na totalidade, o requerente apresenta o seu pedido de naturalização na Comuna da sua residência. Iniciado o processo, este divide-se em três fases (sequenciais e hierarquizadas) que correspondem às três instâncias: Comunal, Cantonal e Federal. Cada uma delas analisa o pedido de naturalização do candidato de forma independente. Contudo cabe à instância máxima, a Federal, dar “luz verde”. Tendo a autorização federal, os cantões e as comunas dão início às diligências e determinam o “procedimento prático” (Soulet, 2005:228). Contudo, o processo não se encerra aqui. Para além do pagamento de um imposto adicional (ibid.) e das condições gerais aplicáveis (variáveis de cantão para cantão de comuna para comuna), a comuna pode exigir outras condições ao candidato tais como a duração de residência no cantão, a prova de integração que testa o domínio da língua local, os conhecimentos cívicos e históricos do país. Nas comunas mais “conservadoras” chega-se, inclusivamente, a referendar localmente para atestar se o candidato está integrado na sua plenitude. Se o requerente passar todas as “provas de fogo” e se a comuna ou o cantão assim o determinar, é-lhe atribuída a nacionalidade suíça.

O complexo e restritivo processo de naturalização, “sob a forma de um privilégio concedido a um estrangeiro que já esteja assimilado”, reforça a ideia de que nem todos podem (estão aptos) ser suíços e “cultiva a sensação especial e prevalência da lei ou do direito do sangue” (*ibidem*). Esta imagem assimilatória<sup>37</sup> ou assimilacionista da naturalização, “não estimula o desejo em adquirir a cidadania suíça”, por parte dos imigrantes de longa duração, uma vez que isso, “representa em termos simbólicos, a abdicação ou abandono da sua identidade cultural de origem” (Soulet, 2005:242).

---

<sup>37</sup> No âmbito das relações interétnicas, a assimilação é o processo através do qual os grupos minoritários são absorvidos ou incorporados no sistema sociocultural da maioria, vindo a perder, eventualmente a sua identidade cultural e física (Simpson e Yinger, 1985 *apud* Rocha-Trindade, 1995:223).



## **CAPÍTULO II**

Juventude, identidades e identidade cultural



## Breve introdução

No presente capítulo serão definidos dois conceitos-operativos desta dissertação - Juventude e Identidade cultural. O conceito de Juventude será definido a partir de uma perspectiva contemporânea na qual a juventude passa a ser percebida enquanto categoria social e compreendida no plural refletindo as diferentes maneiras de ser-se jovem. Associado ao jovem, uma vez que este sujeito se encontra em processo de construção biopsicossocial - adolescência - será igualmente abordado de forma breve o conceito de Identidade. É dedicada particular atenção à cultura jovem imersa na Era do Global e do Digital. No que concerne ao conceito de Identidade cultural, será realizada uma incursão pela mão de autores de referência que contribuíram para a sua problematização e posterior teorização. Por último, serão articulados os conceitos Juventude e Identidade cultural e a sua operacionalidade em contexto migratório.

### 2.1. Ser-se jovem na contemporaneidade

Dado que a presente investigação gravita em torno do sujeito social - o jovem - é pertinente enquadrar e discorrer sobre este conceito. Porém, a definição de juventude<sup>38</sup> enquanto objeto de pesquisa social é uma tarefa complexa devido não só ao seu carácter heterogéneo e transdisciplinar como também à sua “instabilidade” enquanto fenómeno social (Gauthier, 2000 *apud* Pappámikail, 2010). Essa complexidade e instabilidade estão intrinsecamente ligadas a fatores de mudança e transformação social que ocorrem nas sociedades ocidentais globalizadas, alterando os contextos económico, político e socioculturais. Por outras palavras, a juventude, enquanto construção social, “reflete a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela

---

<sup>38</sup> No âmbito da sociologia da juventude bem como a nível institucional, a juventude foi definida com base no critério etário. Para a UNESCO - juventude - representa o grupo construído por jovens com idades entre os 15 e os 24 anos. Tendo como referência a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1965) a adolescência entendida como um período “biopsicossocial” situa-se entre os 10 e os 20 anos. Por último, a ONU, com base em critérios políticos e para fins estatísticos estabelece a juventude entre os 16 e os 21 anos de idade. Na presente investigação e com base nas instituições supracitadas considerou-se o sujeito da amostra situada na faixa etária entre os 16 e os 23 anos.

vê ou percebe os seus jovens” (Esteves & Abramovay, 2008). Por sua vez, essa “produção” resulta da “articulação ou junção de diversas variáveis tais como, os estereótipos, os contextos históricos, as referências múltiplas, para além das diferentes e diversificadas situações de classe, género, etnia e grupo” (Esteves & Abramovay, 2008:4).

Ao longo das últimas décadas do século passado, o sujeito jovem, “objecto sociologicamente inquietante,” desperta um crescente interesse por parte dos investigadores sociais (Pappámikail, 2010). Isto porque, na modernidade a juventude começou a ser concebida como fase “transitória e preparatória que precede a emancipação quer social quer económica, e, que tende a prolongar-se no tempo” (Galland, 1991 *apud* Pappámikail, 2010). Fruto de uma revisão conceptual do conceito, surge a necessidade da utilização do termo “juventude” no plural - “juventudes” - visto que a referência a uma juventude no singular seria uma visão muito redutora e pouco realista desta categoria social (Bourdieu, 1984; Pais, 1993).

Para sociólogo francês Pierre Bourdieu (1984:151), “a juventude é só uma palavra”. O autor propõe o uso do termo no plural, “as juventudes,” tendo como ponto de partida as suas diferenças, como um grupo heterogéneo onde coexistem diversas formas de ser e viver na adolescência. Falar dos “jovens como uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui uma evidente manipulação” (Bourdieu, 1984:153). Corroborando Bourdieu, Machado Pais (1993:149), defende que juventude deveria ser considerada “como aparente unidade quando referida a uma fase da vida, e como diversidade, quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir uns dos outros.” Em convergência com os autores supracitados, Néstor Canclini (2010:399), afirma que os estudos atuais deixaram de a caracterizar como um conjunto homogéneo, uma vez, que existem muitas “maneiras de ser jovem” nas diferentes sociedades. Na sua perspectiva, essas diferenças na forma e “maneira de ser jovem” são consequência da desigualdade da distribuição do capital económico e educativo, das redes formais e informais a que o jovem deseja aceder (Canclini *et al.*, 2012:7). Todavia, no meio da diferença e da diversidade existe a dimensão

simbólica quase universal que perpetua: a da imagem do jovem como um ser ou “sujeito inacabado, em processo de construção ou em devir, que se encontra numa fase da vida incontornável, de carácter transitório” e preparatório para a vida adulta (Pappámikail, 2010:399). Ao jovem está igualmente associado um estilo de vida *sui generis* a que se dá o nome de cultura juvenil.<sup>39</sup>

Na atualidade, a cultura juvenil é fortemente determinada e influenciada pelas tecnologias de comunicação, sobretudo as comunicações móveis, internet e as redes sociais dela emergentes. Para além dos desafios inerentes a esta fase da vida, como um universo plural e com as suas singularidades, acresce a realidade de que vivemos numa sociedade global e digital. Neste contexto, ser-se jovem, hoje, é sinónimo de estar preparado para novos desafios, de saber posicionar-se no mundo em constante evolução, de adaptar-se a novos ambientes físicos e virtuais, de manusear e dominar as tecnologias, reconstruindo-se quer do ponto de vista social e cultural quer do ponto de vista identitário. Dito isto, o jovem atual distingue-se das gerações antecedentes pela apropriação e integração das tecnologias digitais no seu *modus vivendi*.

### ***Ser-se jovem na Era do global e do Digital***

Um olhar mais atento permite-nos testemunhar, esse *modus vivendis* onde as tecnologias digitais fazem parte integrante das práticas sociais diárias dos jovens contemporâneos, em particular, dos que habitam os grandes centros urbanos. Os computadores portáteis (*laptops*) os leitores de Mp3, os *smartphones* (*iPhones*) e os *Tablets* (*iPads*) com acesso à internet móvel tornaram-se rapidamente numa “indumentária” tecnológica, com grande impacto na paisagem social e interacional dos jovens urbanos de hoje. Um pouco por toda a urbe, é frequente, ver jovens nos seus momentos de convívio e socialização, partilhando entre si os seus artefactos tecnológicos. Na atualidade os jovens e as tecnologias são indissociáveis. Para além de integrarem e modelarem o quotidiano dos

---

<sup>39</sup> *Lato sensu*, a noção de cultura juvenil “pode ser entendida como o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude, valores esses a que jovens de diferentes meios e condições sociais aderirão (Pais, 1993:69). Para Castells (2009:163), “cultura jovem” representa o sistema específico de valores e crenças que informa o comportamento de um determinado grupo etário, de modo que este apresenta características distintivas de outros grupos etários.

jovens, elas tornaram-se acima de tudo “marcas identitárias” da juventude contemporânea urbana. Perante a constatação de que a Internet e outros média sociais foram “adotados e integrados na vida social dos jovens, que os investigadores se têm debruçado no estudo da relação entre as tecnologias digitais e os jovens, a influência e o impacto, das mesmas nas suas atividades quotidianas, nas relações *inter pares*, e na sua perceção do mundo (Mesch, 2009:50).

“Net-generation”, “millennium generation” ou “digital natives” (Tapscott, 1998; Prensky, 2001)<sup>40</sup> são alguns dos termos que têm vindo a ser utilizados, na tentativa de identificar e descrever de forma abrangente a geração de jovens adolescentes que cresceu durante a expansão da Internet e imersa num ambiente rico em média sociais digitais (Mesch, 2009:50-51). Don Tapscott (1998) atribui o termo “Net-generation” aos jovens nascidos (1977-1997) num ambiente rico em tecnologia, ambiente esse propício à apropriação das tecnologias de forma espontânea e “natural”, quase como prodígios. Tapscott (1998, 2010) identificou oito dimensões (normas) que distinguem esta geração imersa nas tecnologias, das gerações precedentes: a liberdade de escolha; a tendência para a customização e personalização; o escrutínio / postura ou atitude para investigar um determinado tema; a integridade; a colaboração; o entretenimento; a velocidade e rapidez nas respostas; a busca da inovação.

Os “N-Geners”<sup>41</sup> (os jovens nascidos na *Net-generation*) são “ávidos por expressão, descoberta e autodidactismo; são conhecedores e sabedores, confiantes, analíticos, articulados, criativos, inquiridores, aceitando a diversidade e são socialmente conscientes (Tapscott, 1998 *apud* Buckingham, 2008:13). Para Néstor Canclini (2012), os “N-Geners” possuem traços comuns com os jovens por

---

<sup>40</sup> ver Tapscott, Don (1998). *Growing up Digital: The Rise of The Net Generation*. New York: McGraw-Hill e Prensky, Mark (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants Part 1, On the Horizon* 9.5 (October 2001).

<sup>41</sup> a noção de “Net-generation” está consistente com uma perspectiva determinista tecnológica. Esta perspectiva, postula o efeito positivo e inovador da tecnologia sobre a sociedade, ou seja, a tecnologia *per se* “exerce uma influência causal nas práticas sociais e na mudança tecnológica. Induz, igualmente, mudanças ao nível da organização social e cultural independentemente, do desejo social de mudança” (Mesch, 2009: 51).

ele designados de *trendsetters*.<sup>42</sup> Os *trendsetters*, devido ao fluído e constante acesso às redes sociais, possuem várias características, das quais Canclini (2012:8-9) destaca: uma maior abertura ao exterior, isto é, ao que se sucede fora do país e em grande parte do planeta; a vontade ou disposição de estar permanentemente conectado, diluindo por isso, a diferença entre tempo de trabalho e o tempo de lazer; a capacidade de ser um artista, um músico ou um editor multitarefa<sup>43</sup>, ou seja, o uso em simultâneo de diferentes meios e conexões (por exemplo: escrever um texto no computador enquanto acede às redes sociais, e em frente à televisão); maior habilidade do que as gerações anteriores para estabelecer interações sociais através de redes remotas (virtuais) e de cooperação; hábitos de *hiperlinks*, a intertextualidade e interdisciplinaridade na estrutura dos procedimentos de trabalho, tais como copiar/colar e Bluetooth.

Neste enquadramento, os jovens transformam-se num importante grupo social, que está constantemente conectado em rede, em particular, através das comunicações móveis. São rápidos na adoção e apropriação das tecnologias em particular as móveis, utilizando e explorando o seu potencial. As tecnologias proporcionam ao jovem liberdade, autonomia e independência (Castells *et al.* 2009:215-16).

Os “N-Geners ou Trendsetters” são emancipados, dotados tecnologicamente, portadores de uma mentalidade comunitária, com poder transformador, capaz de abalar as estruturas do poder, através não só do «poder da informação» como também da partilha e organização dessa informação (Tapscott, 1998:16-17).

As novas tecnologias, especialmente as móveis, trazem uma mudança “tectónica na formação da identidade adolescente”, afastando-o “da esfera de influência das estruturas de socialização tradicionais, tais como, a casa, o sistema educativo e

---

<sup>42</sup> Para Néstor Canclini (2012:8-9) os “trendsetters” são uma categoria que define os jovens com um nível de instrução médio/elevado, e por esse motivo, mais capacitados para a utilização das tecnologias, e que dispõem de recursos económicos/familiares, linguísticos (domínio da língua inglesa), bem como o acesso à tecnologia.

<sup>43</sup> Do Inglês, *multitasking* - person's ability to do more than one thing at a time. Conforme o Cambridge dictionary online, disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/multitasking> ou *vide* Oxford dictionary - the handling of more than one task at the same time by a single person. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/pt/definição/inglês-americano/multitasking> acessos em Outubro de 2015

os meios de comunicação social” (Holmes e Russell, 1999:75 *apud* Castells *et al.*, 2007:182). Porém, é nesta fase da vida - juventude - que o jovem constrói e molda “as suas identidades” (pessoal, social, narrativa, nacional e cultural).

Assim a identidade assume grande relevância, é a bússola que orienta e posiciona o jovem no mundo social, a partir da qual, ele constrói o seu sentimento de pertença (Ortiz, 2013:159).

## **2.2. A(s) Identidade(s) do jovem**

Falar de jovens é também falar de identidade. Nesta perspectiva, e enquadrada nos estudos da juventude e da psicologia, a Identidade assume grande centralidade, isto porque, na adolescência o jovem inicia um “longo caminho ascendente e irreversível rumo à maturidade” (Daunis, 2000:21-22). Ao longo deste caminho vai construir e afirmar a(s) sua(s) identidade(s), em particular, a identidade pessoal.

Do latim “*idem*” que significa “o mesmo”, o termo Identidade, reporta para a identidade pessoal; a identidade que se centra no Eu (*self*), na autoconsciência (*self-awareness*), na personalidade, na autoestima e na individuação (Daunis, 200:92). Segundo Robert Daunis (2000:109), a identidade pessoal constitui “o cunho interno e autopercepção da coerência contínua do Eu perante si mesmo”. Perante as mudanças que possam ocorrer na vida, o Eu, representa um “regulador central que mantém a constância e coerência que caracterizam a identidade pessoal de cada indivíduo” (*ibidem*). Assim sendo, a identidade pessoal encontra-se relacionada “com as características pessoais dos indivíduos que são mais ou menos constantes. Esta identidade é transmitida pelo próprio indivíduo, é reflexiva e incorporada” (Oliveira Mendes, 2005:495). Outro contributo pertinente no domínio da identidade é o de Paul Ricoeur. Ricoeur (1990;1995), teoriza a relação entre a identidade e a narrativa, melhor dizendo, a “identidade narrativa”. O autor postula que a identidade pessoal é “um princípio de permanência no tempo e, por isso, se articula na dimensão temporal num projeto de vida” (Ricoeur, 1995 *apud* Oliveira Mendes, 2005:505). Para ele, é a dialética entre ipseidade e mesmidade presente na narrativa que mais define e constrói a identidade pessoal (Ricoeur, 1991 *apud* Daunis, 2000). Segundo esta teoria, a

identidade pessoal encerra em si a identidade-*idem* e a identidade-*ipse*. A primeira identidade, -*idem*, “o mesmo”, é a mesmidade do eu, o ser idêntico a si mesmo e constante através do tempo. Por seu turno, a segunda identidade, -*ipse* remete para o “mesmo, pessoalmente ou mesmo em pessoa”, é a ipseidade do eu, isto é, a sua identidade reflexiva (Ricoeur, 1991 *apud* Daunis, 2000:101). A identidade mesmidade possui uma certa “constância ou estabilidade e provem dos hábitos, disposições adquiridas, como alteridades assumidas enquanto membros de certos grupos ou comunidades” (Oliveira Mendes, 2005:505-506). A identidade ipseidade “integra a alteridade, de tal forma que o indivíduo não se consegue pensar sem o outro, tendo que dialogar constantemente com a polissemia da alteridade” (ibid.:506).

Contudo, para além da identidade pessoal existem as identidades sociais e as culturais. As sociais “derivam dos contextos sociais a que o indivíduo pertence e no qual decorre a interação social” (Oliveira Mendes, 2005:494-495) e as culturais que resultam do contacto com culturas ou contextos culturais assimétricos (alteridade externa).

Esta leve abordagem ao conceito de identidade, permite em primeiro lugar, entender a identidade “como um processo em contínua formação que pressupõe a existência de identidades múltiplas ancoradas em diferentes âmbitos” (Ortiz, 2103), e em segundo lugar, compreender que na realidade a identidade pessoal se define a partir da dialética entre várias identidades. A partir desta perspetiva, pode inferir-se que o jovem possui múltiplas identidades, umas de carácter mais dinâmico outras mais estáveis e reflexivas, que se encontram em permanente diálogo entre o Eu, a alteridade e os diversos contextos. Assim, a identidade define não só o jovem como também o posiciona no mundo social. É através da identidade que ele constrói o seu sentimento de pertença (De la Torre, 2002:29). Em situação de emigração, e em estreita articulação com o fenómeno da globalização, a identidade mais questionada do jovem e que emerge do confronto intercultural é a Identidade cultural.

### 2.3. A Identidade Cultural

À semelhança da identidade pessoal, a identidade cultural é um conceito complexo de difícil definição e delimitação devido ao seu carácter flutuante e dinâmico (Cuche, 1999:196). Dado que este conceito se avista central, nesta investigação, faz-se uma breve resenha a partir dos contributos teóricos de referência sobre esta temática.

Segundo Denys Cuche (1999), as interrogações sobre a identidade remetem frequentemente para a questão da cultura, uma vez, que “existe o desejo de se ver cultura em tudo e de encontrar identidade para todos” (Cuche,1999:175). Por outro lado, “vêm-se as crises culturais como crises de identidade, quando algo que se supõe como fixo, estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990:43 *apud* Hall, 2005).

Para Boaventura de Sousa Santos (1994) é com a modernidade que a identidade ganha grande ênfase e pertinência. De acordo com o autor, pode-se até mesmo dizer, que a “modernidade nasce dela [identidade] e com ela, sendo o primeiro nome moderno de identidade, a subjetividade” (Boaventura, 1994:120). Neste sentido, tal como a modernidade, a identidade torna-se reflexiva e subjetiva.

Segundo o sociólogo Edward Stuart Hall (2005), sensivelmente até finais do século XX, a sociedade é “sólida” devido, sobretudo, à estabilidade dada pelas tradições, pelas estruturas centrais das sociedades modernas. Estas referências fornecem “sólidas localizações” e um “centro unificador” ao sujeito. Todavia, no final do século XX, as “paisagens culturais” sofrem profundas mudanças, fruto do processo de globalização<sup>44</sup> cujo impacto enfraquece o modelo do Estado-Nação e abala os quadros de referência que ancoram, de forma estável, os indivíduos no mundo social (ibid.:7). Foi precisamente o enfraquecimento do Estado-Nação<sup>45</sup> que, na perspetiva de Liszt Vieira (2006:71), fez despertar o “ressurgimento” de

---

<sup>44</sup> Boaventura de Sousa Santos (2002:85) define globalização como conjuntos de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transacionais, sejam elas práticas intraestatais, práticas capitalistas globais ou práticas sociais e culturais transacionais.

<sup>45</sup> De acordo com Liszt Vieira (2006:82), os Estados nacionais enfraquecem na medida em que não podem controlar as dinâmicas que extrapolam seus limites territoriais. A interdependência mundial de diversos processos acabou por reduzir o seu poder e capacidade de decisão. O “centro” de decisão “deslocou-se”.

identidades culturais, anteriormente “sufocadas” pela construção e consolidação do Estado nacional. Ou seja, na Europa “nos séculos XVIII e XIX, a construção da identidade nacional, privilegia o sentimento de unidade em detrimento da diversidade”. Para Liszt, trata-se de “construir a Nação, oprimindo e “sufocando” as identidades culturais, religiosas, étnicas, e de gênero, bem como, a divisão da sociedade em classes”. Parafraçando o autor (2006),

“As identidades culturais antes sufocadas agora reaparecem, colocam no espaço público suas demandas e sobrepõem muitas vezes a identidade nacional, visivelmente abalada com o processo de globalização que enfraquece os atributos básicos do Estado-Nação: territorialidade, soberania, autonomia” (Liszt Vieira, 2001; 2006:74).

Associada ao Estado nacional, está a identidade nacional, muitas vezes confundida com a identidade cultural. Liszt Vieira (2006:71) socorrendo-se de vários autores, caracteriza-a:

“A identidade nacional é tradicionalmente apresentada como uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1983), uma “criação histórica arbitrária” (Gellner, 1988) ancorada a diversos elementos, tais como a narrativa da nação, ênfase nas suas origens, na continuidade, na intemporalidade e na tradição (Hall, 2002), na invenção da tradição e no mito fundacional (Hobsbawn, 1990), na memória do passado, na perpetuação da esperança e no esquecimento dos conflitos de origem (Renan, 1996).”

No fundo, a identidade nacional é um discurso unificador do coletivo, uma narrativa com uma grande carga histórico-simbólica, que produz um sistema de representação cultural, capaz de suscitar nos indivíduos uma fonte de significados culturais e de identificação, e, em última instância, de poder cultural. Retomando Hall (1992, 2005), esta mudança [consequência da globalização] fragmenta as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos forneceram sólidas localizações enquanto indivíduos sociais. No seu ensaio sobre “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2005), o autor questiona as velhas identidades que entraram em declínio na modernidade tardia. Essa “crise” ou declínio das velhas identidades faz emergir novas identidades, desta vez, “descentradas, deslocadas e fragmentadas” contribuindo para a “deslocação ou descentração” dos sujeitos. Hall (2005:46) conceptualiza três tipos

de identidade: o sujeito iluminista (individualista, centrado, unificado e dotado de razão); o sujeito sociológico (interacionista - em que a identidade é formada na interação entre o “eu” e a sociedade); e o sujeito pós-moderno (onde a identidade se torna aberta, uma “celebração móvel”).

Em suma, a identidade pós-moderna, “torna-se uma celebração móvel: formada, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2005:12-13).

À luz do paradigma que designou de “modernidade líquida” ou era “líquido-moderna”, também Zygmunt Bauman (2005) problematiza e discorre sobre a noção de identidade. Para o sociólogo de origem polaca passámos da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluída” na pós-modernidade, cuja força motriz [desse processo] tem sido a acelerada “liquidificação” das estruturas e instituições sociais. Nas suas palavras, a “modernidade líquida” é imediata, leve, veloz, líquida, fluída e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou, e onde nada é para durar (Bauman, 2005:57). Esta propriedade líquida afetou os pilares da identidade, segundo o autor,

“O pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo - isso são factores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005:17).

Em convergência com Bauman, Boaventura de Sousa Santos (2013) acrescenta,

“sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas, nem muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação, mesmo as identidades mais sólidas (...) escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação (...). Identidade são, pois, identificações em curso” (Boaventura de Sousa Santos, 1994:31).

Porém, a identidade constrói-se igualmente a partir de “significados”. Para Manuel Castells (2007) a identidade cultural é entendida como:

“O processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado. Para um dado indivíduo ou ainda um actor colectivo pode haver identidades múltiplas” (Castells, 2007:3).

O “significado” é então definido como a identificação simbólica, por parte de um ator social. Por seu turno, as identidades, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e, construídas através de um processo de individualização. Desta feita, a construção de identidades “vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso” (Castells, 2007:4). Por outro prisma, De la Torre (2001;2002;2008), afirma que as identidades foram associadas, por alguns os cientistas sociais, a uma necessidade:

“a necessidade de um forte sentido de identificação grupal (Lewin, 1948); a necessidade de raízes e de identidade (Fromm, 1941, 1956, 1974); a necessidade de nos conhecermos a nós mesmos e de sermos reconhecidos (Rogers, 1961, 1980); a necessidade básica de auto-determinação, protecção e dignidade (Kelman, 1983); a necessidade de um sentido (sentimento) de pertença e de auto-conceito positivo (Tajfel, 1984); a e necessidade de processos de construção de significados (Castells, 1998, 2005).”

Nesta linha teórica e reflexiva, conclui-se que as identidades (individuais, sociais, coletivas e nacionais e culturais) formam-se ao longo das nossas vidas, influenciadas por fatores exógenos e endógenos, por fantasias e imaginação, fruto das experiências dos sujeitos. A identidade permanece mutável, em contínua reconfiguração e adaptação a novas solicitações e novos contextos, caso contrário, “constituiria um fardo, uma repressão, uma limitação de liberdade de escolha para o sujeito moderno” (Bauman, 2005:60). A mutabilidade, a liberdade de escolha, a adaptação a novos contextos e a necessidade de um forte sentido de identificação e de pertença espelha na íntegra o processo de negociação identitário do indivíduo, sobretudo em contexto migratório

## 2.4. A importância da Identidade cultural em contexto migratório

Em estreita articulação com o fenómeno da globalização e das migrações contemporâneas, a “identidade da cultura” ou a “identidade cultural” adquire uma semântica e dimensão singular fruto do contacto com a alteridade e marcada pela experiência do deslocamento. Segundo Appadurai (2004:26) é possível “desconstruir” este conceito. A identidade da “cultura,” enquanto substantivo, “é entendida, no seu mais amplo sentido etnográfico, como o complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume, e toda a demais capacidade ou hábito adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (Tylor, 1871). Por seu turno, “cultural” enquanto adjetivo, “transporta-nos para um reino de diferenças, de contrastes e de comparações” (Appadurai, 2004:26). A diferença<sup>46</sup> é a característica mais valiosa da cultura, um “instrumento heurístico útil que permite não só pensar a cultura como também a capacidade de destacar pontos de semelhanças e contraste entre qualquer tipo de categorias (*ibidem*).

Em contexto migratório os sujeitos migrantes confrontam-se com diversos fatores de diferenciação, sobretudo a nível cultural. Assim, desse confronto (*clash of cultures*) a identidade que desperta e serve de auto-referência e identificação ao migrante é a identidade cultural. Ela representa, por excelência, o fator de diferenciamento entre indivíduos de culturas distintas.

É importante referir que a situação de emigração proporciona a interceção de duas culturas ou identidades culturais: a que o migrante traz consigo e a da sociedade recetora. Com a interceção dessas culturas surge um “novo discurso”, discurso esse, que é fruto de um processo de “tradução cultural” (Bhabha, 1994 *apud* Horta, 2008:39). O “novo discurso” dá, por sua vez, origem a uma “identidade híbrida<sup>47</sup> ou a “um hibridismo cultural” no sentido conferido por

---

<sup>46</sup> A diferença ou “*la différence*”, remete para Jacques Derrida. Para Derrida, a diferença não é uma palavra nem um conceito pode possuir outros significados para além de não ser idêntico, distinto, ser outro ou discernível. Ver *L’écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967.

<sup>47</sup> Para Young (1996) o conceito de “híbrido” possui um duplo sentido: por um lado, é entendido como a descrição de uma combinação de elementos diferentes e, por outro, como um processo, onde um espaço de descontinuidades é construído. Denys Cuhe (199:233), designa de culturas sincréticas ou mestiças surgidas dos contactos culturais assimétricos.

Canclini (1997) e Hall (2003). Este processo de tradução cultural ou hibridismo é particularmente visível, no processo de negociação e de construção da identidade cultural das crianças e dos jovens em situação de emigração.

### ***Os jovens migrantes e a identidade [cultural] híbrida***

Com a emigração, o jovem migrante encontra-se descentrado e perante uma nova realidade fortemente marcada por diferenças e assimetrias. Ao chegar à nova geografia de destino e à nova sociedade de acolhimento, os jovens migrantes confrontam-se com uma cultura desconhecida, dominante e difusa com uma língua que não falam ou dominam, outros costumes e tradições bem distintas da sua cultura de origem. Inicia-se então o seu processo de “tradução” cultural.

“Do confronto com a nova situação surgem as primeiras crises [choque cultural] que provocam confusão de papéis e difusão de identidade” (Daunis, 2000:34). Por um lado, em contexto familiar, no qual se partilha a mesma nacionalidade privilegia-se a herança cultural ou a cultura de origem. Fala-se a língua de herança materna, preservam-se os hábitos, as tradições e as raízes. Por outro, em contexto escolar ou profissional, à medida que se adaptam e integram o coletivo dominante, vão ter de aprender uma outra língua, adquirir novos hábitos e costumes.

Ser jovem migrante é acima de tudo viver numa situação de dupla (ou múltipla) pertença cultural - dualismo cultural. Este sentimento de dupla pertença coloca o jovem migrante perante um grande desafio: a da negociação e (re)construção da sua identidade cultural. Perante este desafio, cabe ao jovem migrante decidir (optar ou não) acrescentar novas pertenças, aspetos ou características da sociedade de acolhimento aos traços culturais herdados na origem. Contudo, e dado que esta negociação (ou tensão) é constante e permanente, o jovem migrante vive num “*in-between*” (Bhabha, 1997:53-60 *apud* Ferreira, 2007) cultural: entre e as suas raízes<sup>48</sup> a herança cultural origem e a cultura dominante.

---

<sup>48</sup> Na senda de Boaventura Sousa Santos (1996:9 *apud* Oliveira Mendes, 2005:498), as raízes e as opções são relevantes no processo de construção identitária. Por um lado, o pensamento das raízes remete para tudo o que é profundo, permanente, único e singular, que dá segurança e

Fruto desse processo complexo de negociação entre as duas culturas emerge uma identidade cultural híbrida, no sentido conferido por Canclini (1997) e Hall (2003), a qual permite ao jovem em situação de emigração encontrar o seu espaço (ou lugar) na sociedade de acolhimento. Encontrar o seu lugar no coletivo dominante é sinónimo de ser reconhecido, socialmente aceite e mais importante do que isso, é criar um vínculo ou sentimento de pertença a uma determinada comunidade (ainda que imaginada), cultura, território, país ou nação.

---

consistência, e por outro, o pensamento das opções que remete para tudo o que é variável, efêmero, substituível, possível e indeterminado a partir das raízes.

## **CAPÍTULO III**

Internet, redes sociais e comunidades virtuais em contexto  
migratório



### 3.1. Tecnologias de Informação e Comunicação em contexto migratório

Na última década do séc. XXI, os estudos sobre Migrações, Diáspora e Tecnologias de Informação e Comunicação, em concreto a Internet, captaram o interesse da comunidade científica, como consequência da intensificação e aumento dos fluxos migratórios sobretudo, os transnacionais<sup>49</sup>. Apesar dos diferentes ângulos presentes em grande parte das pesquisas que englobam estas variáveis, verifica-se um denominador comum: o reconhecimento da Internet como a via de comunicação e mediação<sup>50</sup> privilegiada entre migrantes, o país de origem e o país de acolhimento. Neste sentido, considera-se a génese da Internet, como uma infraestrutura tecnológica de elevada importância que possibilita a circulação da informação, em diferentes formatos, ao longo do percurso migratório<sup>51</sup> constituindo-se como um fator de elevada importância na adaptação e posterior a integração do migrante no seu país de acolhimento. Porém, a experiência da migração, nem sempre foi assim:

“No passado, deixar o país por tempo longo ou indeterminado representava para os migrantes, em geral, uma experiência radical e frequentemente traumática, de rotura com o quotidiano conhecido, em favor de um novo espaço geográfico, social e culturalmente exótico” (Rocha-Trindade, 1995:40).

---

<sup>49</sup> Para Alejandro Portes (2004:74) o fenómeno das migrações transnacionais teve um forte impulso com o advento das tecnologias, nomeadamente na área dos transportes e das tecnologias das telecomunicações, que facilitaram enormemente a rápida comunicação das fronteiras nacionais e grandes distâncias.

<sup>50</sup> Conceito desenvolvido por Martín-Barbero, (1987) que articula cultura e comunicação. Para o autor, mediação constitui o cenário onde as manifestações comunicacionais “orquestram tramas culturais”. Na mediação, “a cultura é vivida na sua dinâmica comunicativa tendo o seu enfoque no “sentido” processado na comunicação.

<sup>51</sup> Percurso ou itinerário migratório designa, segundo Beatriz Rocha-Trindade (1995:37) o conjunto de passos, ações ou situações, dados ou experimentados por um indivíduo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido; este conceito tem uma natureza sequencial cronológica, mais do que propriamente espacial, e encontra interesse e aplicação sobretudo em situações de migrações internacionais. Etapas: 1) intenção de partir (obtenção informações sobre o destino); 2) preparativos de partida (obtenção de documentação, bilhetes para a viagem); 3) viagem propriamente dita; 4) chegada ao destino (instalação); 5) inserção na sociedade;

A circulação de informação, a comunicação e a manutenção dos laços familiares e sociais, com o país de origem, são de baixa intensidade e fazem a longa-distância, por meio de recados orais, cartas, encomendas - via correio, e eventualmente, via telefone com custos elevados (Dekker & Engbersen 2012; Brignol, 2011). Em meados da década de 80, com o surgimento das novas tecnologias, assiste-se a um acentuado crescimento, do sector das telecomunicações, crescimento esse que permitiu reduzir os elevados custos das chamadas internacionais, agilizando a comunicação entre fronteiras nacionais e as grandes distâncias. Esta conjuntura tecnológica dá um novo impulso e significado às chamadas telefónicas “transformando-as numa espécie de «cola social» que liga redes sociais de pequena escala (de indivíduos migrantes e não migrantes) a todo o mundo” (Vertovec, 2004). Associado ao processo de globalização da comunicação, também os custos das viagens (sobretudo das aéreas) e dos transportes (Lee, 2011:6) diminuem propiciando uma maior mobilidade de pessoas e bens. Verifica-se, igualmente, uma maior facilidade não só no acesso ao computador, mas também, posteriormente, à utilização da Internet.

### ***Internet: a “Rede das redes”***

A Internet, expoente máximo da globalização, vem revolucionar o universo comunicacional e interacional do nosso tempo. Deslocada da esfera científica e militar, fins para os quais é desenvolvida há mais de três décadas, torna-se rapidamente no veículo de informação e comunicação intercultural privilegiado, constituindo a base estrutural e organizacional da sociedade contemporânea, em Rede (Castells, 2007). A sua incorporação nas práticas quotidianas potência e reforça a comunicação em rede (Silva, 2002:18). Com a Internet, surge “o primeiro meio que é simultaneamente oral e escrito, privado e público, individual e coletivo” (Kerckhove, 1997:249 *apud* Silva, 2002:20). Neste sentido, enquanto meio de linguagem, a Internet é “híbrida dado que acolhe em simultâneo vários suportes, como a escrita, a imagem, o som e o vídeo” (Silva, 2002:21). Contudo, para além da sua dimensão informativa e comunicacional ela inaugura um novo espaço - o ciberespaço - um espaço não físico, artificial, sem fronteiras ligado à

rede (Gibson, 1984 *apud* Silva, 2002), no qual as coordenadas tempo e espaço se comprimem. Neste espaço, o tempo está intrinsecamente ligado à sincronização - tempo real (Lévy, 1996). Para Pierre Lévy, o ciberespaço é um objeto comum, dinâmico, construído por todos aqueles que o usam, representando o quarto espaço antropológico (Lévy, 2000 *apud* Silva, 2004:2). Também a noção de território sofre uma metamorfose. Assim, o sujeito pode estar simultaneamente enraizado num lugar físico, mas suspenso numa pluralidade de lugares na rede (Silva, 2002:26).

Por último, a Internet pode ser entendida como um espaço de fluxos (Castells, 2011) onde o público e o privado, o local e o global, o imaterial e o virtual coexistem (Silva, 2002:28). Este espaço-fluxo postulado por Castells aproxima-se dos não-lugares teorizados por Marc Augé (2012).

### ***Internet: espaço intermediário e simbólico da migração***

Na sua essência, a Internet parece servir os mesmos propósitos para o indivíduo migrante e não-migrante no acesso, na circulação, troca ou partilha de conteúdos informacionais e na possibilidade de comunicação online. Contudo, a experiência da migração, altera a natureza dos seus propósitos e usos. Deslocados ou “descentrados” (Hall, 2005), os sujeitos migrantes vêm nesta ferramenta uma “força vital que os assiste na sua transição de vida” (Lee, 2011:18). Assim sendo, a Internet espaço intermediário entre o eu e o Outro (Silva, 2002:22) pode constituir um precioso e ilimitado recurso em situação de migração, nomeadamente: no apoio à construção de projetos de migração; na manutenção de laços entre famílias e nas relações transnacionais; nos vínculos informativos com o país de origem ou nascimento; no consumo e na produção culturais; na aprendizagem dos idiomas/línguas locais para onde migram; na obtenção de informações relacionadas com cidadania e assuntos jurídicos; no uso dos média de migração; como companhia e ócio; na participação política mediada; e nos movimentos associativos (Brignol, 2011:3). Para além das dimensões referidas “o terceiro espaço” (Bhabha, 2004:53 *apud* Ferreira, 2009:3726) possui uma dimensão simbólica e nostálgica que proporciona ao indivíduo migrante um “território ou lugar social subjetivo, onde este pode revivificar o sentimento de

pertença, o espírito de comunidade e a identidade cultural de origem” (ElHajji e Escudeiro, 2015).

Deste modo, a Internet parece ter um papel “catalisador na partilha de experiências coletivas entre migrantes (narrativas coletivas) criando uma memória coletiva”.<sup>52</sup> A memória (construção social) “constrói identidades, sem memória ou sem transmissão de memória não há identidade social” (Silva, 2002:30), nacional ou até mesmo cultural. Ela “preserva o passado, ativa o presente e projeta o futuro, permitindo aos sujeitos migrantes ativar discursos de reconhecimento e identificação” (ElHajji e Escudeiro, 2015:12). Deste espaço intermediário [Internet] irrompem ambientes “nómadas, qualitativos e dinâmicos” (Lévy, 1997:17 *apud* Silva, 2002:21) que geram uma “proximidade representacional” (Silva, 2002:27) entre migrantes e permitem vivenciar e reinterpretar a migração.

### ***Média sociais digitais***

Também os média se transportam para a esfera digital. Com advento da *Web 2.0* surgem os média sociais, tecnologicamente mediados, que rapidamente se tornam importantes canais de difusão e distribuição de informação (O’Reilly, 2005 *apud* Dekker & Engbersen, 2012). Este termo também conhecido como “média de segunda geração” (Poster, 2000 *apud* Silva, 2002:16) foi amplamente difundido como sinónimo de *sites* (lugares) colaborativos, os quais “ampliam as possibilidades interativas a partir do aproveitamento da dinâmica de redes sociais com a inserção, personalização e partilha de conteúdos produzidos ou selecionados pelos seus usuários” (Gogo e Brignol, 2011:87-88). Tecnicamente, esta plataforma é responsável pelo surgimento dos média sociais, que são nada mais nada menos do que “ferramentas de autoedição associadas a elementos de interação social” (Amaral e Sousa, 2009). Estes média podem ser, definidos como canais de comunicação coletivos *online* assentes, na lógica da interação entre os usuários, onde vários suportes se entrecruzam: o texto, a imagem, o vídeo e o

---

<sup>52</sup> *Vide* o conceito de “memória coletiva” postulado por Maurice Halbwachs (2006) em articulação com o conceito de “espaço nostálgico” teorizado por Abdelmalek Sayad (1998) citados por ElHajji e Escudeiro (2015).

áudio. Estes suportes unidos pela estrutura do *link* (laço) dão pelo nome de hipermédia (Silva, 2002:21). Do ponto de vista comunicacional, a possibilidade de “autoedição” coloca o indivíduo comum no centro da comunicação, exercendo em simultâneo, o papel quer de emissor quer de recetor (Amaral e Sousa, 2009). Ao indivíduo é dada a total liberdade de escolha e de decisão sobre a informação a que deseja aceder e consumir, partilhar ou, até mesmo, no tipo de interações que pretende estabelecer (Silva, 2002:16). A interatividade e individualização presentes nesta dinâmica de comunicação tem como base o modelo de personalização, conhecido por *self-media*, no qual o receptor se converte em utilizador/produtor (Amaral e Sousa, 2009). Os *self-media* atingem o seu apogeu com os *weblogs*<sup>53</sup> (*ibidem*) transformando-os em “importantes agentes de dinamização do conteúdo e proliferação das vozes que os emitem” (Brignol, 2001:7).

### ***Média sociais e a migração***

Enquadrado nos estudos das migrações, King & Wood (2001:1-2) concluem que o uso dos média digitais pode intervir no processo de migração e na experiência individual e coletiva da migração de três formas. A primeira, através das imagens transmitidas dos países de destino. Globalmente, os média digitais, podem constituir um importante recurso ou fonte de informação para os futuros migrantes. A segunda, diz respeito aos discursos dos média, o seu contributo e influência na construção da imagem ou do estereótipo do migrante. Por último, os média digitais, permitem distribuir informação. Nesse sentido, as tecnologias em geral e os média em formato digital, em particular, tem no mundo atual, um papel determinante na identidade cultural e política das comunidades diaspóricas.

A apropriação e uso dos média, por parte do indivíduo migrante, proporciona a aproximação ao país de origem, fazendo-o “sentir-se em casa” no seu país de acolhimento; possibilita “a monitorização passiva dos outros, através da circulação da voz, vídeo, texto e imagens” (Lee, 2011:1), permite dar eco à sua

---

<sup>53</sup> Conforme Amaral e Sousa (2009:3), *weblog* é “uma abreviatura de *Web* – rede, e *log* – diário de bordo. O fenómeno dos *weblogs* assume-se como o expoente máximo dos *self-media*, permitindo a publicação de conteúdos por indivíduos comuns (não especialistas).”

voz através do seu posicionamento no espaço mediático da comunidade migrante dispersa - diáspora. Do ponto de vista identitário, é importante salientar, o papel preponderante que os média digitais têm assumido no paradigma da construção social de identidades.

### ***Webdiaspóricas: espaços de mediatização da diáspora***

Falar na Internet como um espaço público, étnico, simbólico e nostálgico é falar de Webdiaspóricas<sup>54</sup>. Emergidas do espaço *web*, as webdiaspóricas, e-diásporas ou diásporas digitais representam, segundo Scopsi (2009),

“(...) novos espaços mediáticos ou ambientes de comunicação, produzidos pelas comunidades transnacionais a partir de um dos lugares dispersão, organizada em torno de um ou mais elementos culturais compartilhados (língua, religião e etnia), destinado explicitamente a membros da comunidade espalhados pelo mundo pela migração, contribuindo para a consciência de uma ligação identitária, sua afirmação pública e sua implementação por ações de reivindicação, representação e desenvolvimento económico e cultural em benefício de seus membros” (Claire Scopsi, 2009:92).

Neste sentido, estes espaços diaspóricos inovam e mudam a vida dos migrantes, a sua perceção e o seu relacionamento com o seu país, desempenhando um papel cada vez maior na sua vida quotidiana (*ibidem*). São inúmeros, hoje, os *sites*, os *blogs*, as revistas eletrónicas, os grupos e/ou comunidades e páginas nas redes sociais elaborados, mantidos e frequentados, exclusiva ou predominantemente, por membros dessas comunidades diaspóricas (ElHajji e Escudeiro, 2015:1). Na senda de Dutra Brignol, as webdiaspóricas representam “múltiplos ambientes de comunicação na internet, criados, utilizados, mantidos e atualizados por migrantes (*self-media*) que se apropriam da facilidade de acesso

---

<sup>54</sup> *Webdiaspóricas*, remete para o conceito de Diáspora. Na contemporaneidade, o conceito de diáspora associado à ideia de dispersão de povos motivados por perseguições, contrastes culturais, religiosos ou étnicos, adquire um outro significado. À luz de Stuart Hall, diáspora é um “conceito fechado que se apoia sobre a conceção binária de diferença” (Hall, 2003:33), que permite “trazer elementos para pensar sobre as identidades cada vez mais fluídas, marcadas pelo jogo das diferenças, pelo confronto entre um passado imaginado e um presente cada vez mais compartilhado” (Brignol, 2011).

à esfera da produção na internet para concretizar os seus objetivos” (Brignol, 2011:8). Consideram-se webdiaspóricas, páginas *web*, *sites* temáticos sobre migrações, de carácter individual ou coletivo, tais como *blogs*, fóruns de discussões ou debates, comunidades virtuais, *sites* pessoais, *sites* de ONGs e associações vocacionadas ou direcionadas para questões relacionadas com o âmbito das migrações (*ibidem*). Importa referir, que estes ambientes comunicacionais na *web*, constituem uma forma alternativa “para a manifestação e a comunicação de diferentes grupos migrantes, servindo com um espaço de reordenamento de experiências, vivências e práticas sociais e subjetivas dos migrantes e comunidades diaspóricas” (ElHajji e Escudeiro, 2015:2).

### 3.2. Redes sociais

As redes sociais, «sistemas vivos e dinâmicos», constituem uma prática humana muito antiga. No entanto, com as Tecnologias de Comunicação e Informação digitais, em particular com a Internet, o conceito de Rede social adquire novos significados e novas dinâmicas. Nas ciências sociais e humanas, as redes e as teorias a elas associadas<sup>55</sup> permitem interpretar uma vasta panóplia de fenómenos sociais dos mais diversos domínios do saber.

Este conceito, teorizado por vários autores, “tem sido utilizado de diferentes modos e sentidos, referindo-se metaforicamente a uma conceção de sociedade construída e alicerçada por redes de relações quer interpessoais quer intergrupais” (Fialho, 2014:11).

Ancorada na Antropologia Social, a génese do conceito Rede<sup>56</sup>, remete-nos para a análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco teorizadas por Claude Lévi-Strauss, na década de 40 do século passado (Fialho, 2014:11). Na década de 50, o antropólogo Alfred Radcliffe-Brown (1974), define a estrutura social como a “rede de relações existentes entre os indivíduos implicados numa

---

<sup>55</sup> Teoria do ator-rede (TAR) consiste numa abordagem do estudo das relações entre humanos e não humanos oriunda das pesquisas sociológicas sobre a ciência natural e a pesquisa científica, popularizada pelo francês Bruno Latour (1993, 2005 *apud* Giddens, 2007:921-922).

<sup>56</sup> *Lato sensu*, o conceito de «Rede Social» remonta ao final do século XVIII, em concreto, aos teóricos Ferdinand Tönnies (1887) e Émile Durkheim (1893).

determinada sociedade” (Radcliffe-Brown, 1974 *apud* Rocha-Trindade, 1995:90). Por seu turno, Radcliffe-Brown introduz o conceito de «Rede Social Total» com o objetivo de caracterizar a estrutura social enquanto rede de relações institucionalmente controladas ou definidas (Radcliffe-Brown *apud* Fialho, 2014:11). Entre os anos 1940 e 1950, os investigadores sociais de Harvard, Radcliffe-Brown, Émile Durkheim, Elton Mayo e W. Lloyd Warner, ocupam-se da análise dos padrões de relações interpessoais e a formação de grupos pequenos (Baird, 2014:7). Todavia, o conceito de «Rede Social» é referenciado e utilizado pela primeira vez em 1954, por John Arundel Barnes. À época Barnes analisou a importância da amizade, parentesco e da vizinhança como relações informais e interpessoais na produção e integração dos pescadores numa pequena comunidade (*ibidem*). Para o antropólogo, a vida social constitui uma dimensão de análise composta por um conjunto de pontos (nós) que se estruturam em teias de relações (Fialho, 2014:11). Essas teias de relações, i.e., redes sociais «naturais ou tradicionais» representam a estrutura construída por uma trama de relações e interações interpessoais ou intergrupais (famílias, pequenos grupos ou comunidades). A “trama” representa os laços humanos (de sangue ou de parentesco) ou vínculos sociais (amizades, trabalho, comunitários) entre os indivíduos, tornando-os parte integrante da rede, melhor dizendo, da comunidade. As redes sociais naturais ou tradicionais são limitadas na sua dimensão e na sua abrangência.

Na contemporaneidade, o conceito de Rede alcança uma heterogeneidade de usos e polissemia. A Rede, o complexo padrão de interligação planetária a que chamamos globalização, assume não só a forma de várias redes que se constituem com diferentes propósitos, âmbitos escalas e níveis de integração (Carmo e Simões, 2009:18) como também, uma dinâmica descrita e explicativa dos diferentes fenómenos e contextos sociais atuais (Fialho, 2014:9). Corroborando Barney (2004), na sua essência, uma rede é constituída por nódulos, laços e fluxos (Barney, 2004 *apud* Carmo e Simões, 2009:19). “Um laço liga um nódulo, pelo menos, a outro. O fluxo representa aquilo que circula entre nódulos através do laço. Por seu turno, é a junção específica das qualidades destes três elementos - nódulos, laços e fluxos - que criam uma rede. Por último,

cada nódulo, laço e fluxo apresenta determinadas características que combinadas produzem o carácter de determinada rede” (Carmo e Simões, 2009:19). Na sociedade em rede, postulada por Castells (2011) as Redes:

“(…) constituem a nova morfologia social das nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em rede tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social.” (Castells, 2011:497)

### ***Redes sociais no ciberespaço***

Hoje existem um sem número de redes sociais sendo as mais comuns o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*. As redes sociais no ciberespaço são “uma tecnologia social na medida em que através delas os seus utilizadores não procuram apenas informação, mas sim interação social, relações intersubjetivas geradoras de sentimento de pertença e afirmação pessoal.” (Silva, 2002 :58). Neste sentido, constituem também “redes de encontros que se fazem através da conversa, do debate, da discussão e das confidências” (Cardoso, 1998:25 *apud* Silva, 2002:24), e, das quais emergem novas formas de sociabilidade em rede. Para além de permitir a criação de vínculos sociais, afetivos ou identitários entre indivíduos de diversas geografias e/ou culturas, assumem-se espaços simbólicos, de representação e de construção identitária. É sobretudo através da partilha de símbolos que ativam discursos, que se constroem as identidades. Nas redes sociais digitais é possível criar a sua própria rede de contactos, ser membro de vários grupos em simultâneo ou, até mesmo, pertencer a uma comunidade virtual.

### **3.3. Comunidade: uma rede de laços de sociais**

Atualmente, o conceito de comunidade encontra-se imbricado com os discursos sobre a Internet (Silva, 2002:18), uma vez que ela veio proporcionar um novo espaço social, novas formas de sociabilidade que conduzem, inevitavelmente, à criação de laços sociais, de novas identidades e formas de pertença. Comunidade, do latim *communitas*, que entre outros, significa “qualidade do que é

comum e quando muitos formam uma unidade”, remonta a Aristóteles como expressão “de uma totalidade de indivíduos ligados por laços sociais”. Porém, somente em meados do século XIX é que o conceito foi teorizado de forma aturada sendo o seu precursor o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936). Em 1887, no seu ensaio “*Gemeinschaft und Gesellschaft*”<sup>57</sup> teorizou o conceito de comunidade em contraposição ao conceito de sociedade. Este dualismo, na sua essência, descreve dois modelos conceituais ou formas dos seres humanos se agruparem e organizarem socialmente; a “*Gesellschaft*” expressa um forte sentimento de pertença e de identificação com o todo, a partilha de uma origem, um modo de vida comum e laços de sangue. A “*Gemeinschaft*” representa “um grupo” que os homens encontram, formado desde de que nascem. Tönnies (1995) define comunidade como:

“tudo o que é confiante, íntimo, vivendo exclusivamente em conjunto é entendido como a vida em comunidade [...] encontramos-nos em comunidade com os nossos desde que nascemos, ligados a ela no bem como no mal.” (Tönnies, 1887:47- 48, 1995; 2001).

Na comunidade idealizada pelo autor, as relações existentes são marcadas pela proximidade e intensidade. Na comunidade as relações pessoais são definidas e reguladas com base em regras sociais tradicionais. As pessoas, entre si, têm relações face-a-face, simples e diretas determinadas pela “*Wesenwille*” - vontade natural, orgânica ou vontade essencial - isto é, pelas emoções, espontâneas e naturais bem como pela expressão de sentimentos.

Neste sentido, a comunidade materializa um tipo de associação com base na vontade de ser, enquanto vontade essencial do próprio ser. Finalizando, para Tönnies a comunidade é marcada pelo passado, possui uma “vontade orgânica” que se manifesta na afetividade, no hábito e na memória através de uma “totalidade afetiva”.

Aprofundando as relações sociais dominantes quer nas sociedades tradicionais quer nas sociedades industriais e tomando como referencial a obra “*Gemeinschaft und Gesellschaft*” de Tönnies, o sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917)

---

<sup>57</sup> Traduzido para o português “Comunidade e Sociedade”

reitera não só a natureza da dicotomia “Comunidade e Sociedade” como também evidencia que sociedade deriva da comunidade. Não obstante, Durkheim assume uma posição crítica em relação à sociedade. Para ele, a sociedade tem, de igual modo, um carácter “natural e orgânico”, tal como a comunidade postulada por Tönnies. Essa postura crítica, bem como as suas reflexões sobre a comunidade são compiladas na obra “*De la division du travail social*”, em 1893. Émile incorpora as ideias conceptuais de “Comunidade e Sociedade” e as suas influências nas divisões do trabalho. Na sua obra é perceptível um paralelismo entre a “Comunidade e Sociedade” de Tönnies e a “Solidariedade Orgânica e a Solidariedade Mecânica” de Durkheim. Enquadrada na teoria da Solidariedade, a “Solidariedade mecânica” remete para um tipo de comunidade na qual a coesão social provém da homogeneidade dos indivíduos. Por seu turno, a “Solidariedade Mecânica” diz respeito à divisão do trabalho moderado, encontrando eco nas normas sociais exibidas pela “*Gemeinschaft*” Tönesiana. Em concordância com os teóricos anteriores, Max Weber (1864-1920) postula que o conceito de comunidade se alicerça na orientação da ação social. Para o autor,

“Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da acção social, na média ou no tipo ideal - baseia-se num sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”. (Weber, 1987:77 *apud* Recuero, s/d:3)

Consequência da modernidade, a “conceção de comunidade como forma idílica de convivência e associação humana”, redefine-se. Assim, segundo Howard Rheingold (1994), as comunidades tendem a desaparecer da vida moderna devido à falta dos lugares, “*great good places*”, a saber: o lar, o trabalho e os terceiros lugares, lugares onde se formam os laços sociais” (Rheingold, 1994:61 *apud* Recuero, s/d:4). Também Zygmunt Bauman (2003), no seu ensaio “Comunidade em busca de segurança no mundo atual”, atribui à palavra comunidade uma dimensão simbólica e sensitiva:

“a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um tecto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual aquecemos a nossas mãos num dia gelado (...) numa comunidade podemos

contar com a boa vontade dos outros. (...) Comunidade é, nos dias de hoje, outro nome do paraíso perdido.” (Bauman, 2003:7-8)

Na contemporaneidade e enquadrada no contexto migratório das migrações, as comunidades fornecem ao sujeito migrante descentrado uma via através da qual ele preserva ou mantém o seu elo de ligação com a cultura de origem aproximando-o dos seus pares, criando vínculos sociais, um sentimento de pertença, de partilha e de proximidade. As comunidades garantem e asseguram a preservação da identidade cultural, dado que conseguem resistir a todo o deslocamento servindo de uma forte e sólida ancoragem, no caso particular de processos migratórios. Neste contexto, a nacionalidade, o idioma e a etnia tornam-se fontes de significado e de reconhecimento, isto é, objetos de identidade por excelência (*ibidem*). Para além de constituírem “redes de laços” interpessoais, as comunidades proporcionam, igualmente sociabilidade, apoio, informação, um sentimento de pertença e uma identidade social (Wellman, 2001 *apud* Castells, 2007:157). Na perspetiva de Castells (1997:84), a comunidade construída por meio da ação coletiva e preservada pela memória coletiva, constitui fonte específica de identidades, designadas de identidade cultural comunal. Este tipo de comunidade “culturalmente construída é estruturada em torno de um conjunto específico de valores cujo significado e uso compartilhado são marcados por códigos de autoidentificação” (*ibidem*). De igual modo, constituem identidades defensivas que servem de refúgio e são fontes de solidariedade, como forma de proteção do mundo externo (sociedade dominante ou país de acolhimento).

### ***Comunidades (re)construídas na virtualidade***

Impulsionada pelas tecnologias [Internet] a sociabilidade desloca-se para a esfera do virtual, construindo novos espaços partilhados e intersubjetivos. É precisamente nesses espaços sociais virtuais que “a constituição do “nós” se transforma em comunidades virtuais” (Lévy, 1996:11). A emergência de comunidades na virtualidade, segundo Howard Rheingold (1993), é consequência da vida moderna, na qual a conceção de comunidade tradicional entra em declínio. Assim, as comunidades no espaço virtual,

“podem ser comunidades reais, elas podem ser pseudo-comunidades, ou podem constituir um tipo de contrato social completamente novo, mas eu acredito que sejam em parte uma resposta à necessidade de comunidade que seguiu à desintegração das comunidades tradicionais no mundo.” (Rheingold, 1993 *apud* Fernback e Thompson, 1995:7)

De igual modo, Rheingold (1993) defende que as comunidades surgidas do espaço virtual são “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (Rheingold, 1993:5). Por seu turno, Fernback e Thompson (1995:8) acrescentam que as comunidades virtuais resultam das “relações sociais formadas no ciberespaço através de um contacto repetido num limite ou local específico simbolicamente delineado por tópico ou interesse.” Nesse sentido, as comunidades virtuais “geram-se por mecanismo de aglutinação motivacional e não geográfica, existindo para além dos constrangimentos espaciais e temporais” (Silva, 2002:22).

### ***Locus, imaginação e significado: a génese da comunidade virtual***

Para a formação de comunidades tradicionais, no sentido conferido por Tönnies, é necessário um agrupamento de indivíduos delimitados por uma determinada base territorial (espaço-território). Ou seja, nas comunidades tradicionais as pessoas partilham um forte sentido de espaço (o quarto, a aldeia a cidade) onde as interações têm lugar. Por outro lado, no espaço virtual, para que uma comunidade se possa formar é igualmente essencial “uma base no ciberespaço: um *locus* virtual onde grande parte da interação se possa desenrolar” (Recuero, s/d:5). Esse *locus* ou *cyber-place*<sup>58</sup> permite, então, delimitar um espaço [social] virtual, onde os indivíduos podem interagir mutuamente e estabelecer relações sociais, dado que o virtual não possui um território espaço-temporal (Lévy, 1996). A delimitação do *locus* pode concretizar-se através de um tópico de interesse, uma sala de *chat*, uma *webpage*, um *weblog* ou um mural de um determinado grupo

---

<sup>58</sup> *vide* Quentin Jones (2006). Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: A Theoretical Outline. Article first published online, 23.06.2006.

numa determinada rede social. Quentin Jones (1997, 2006 *apud* Recuero, s/d:5-8) advoga que o *locus* é um *virtual settlement* ao qual a comunidade virtual se associa. No entanto, é importante ter em conta que as comunidades virtuais, não possuem “um lugar de referência estável” (Lévy, 2001:20 *apud* Amaral, 2008:330).

À semelhança do que acontece nas comunidades tradicionais, “os indivíduos possuem um modelo mental do sentido de lugar intensamente partilhado – a sala, aldeia ou cidade onde ocorrem as suas interações, também nas comunidades virtuais, “o sentido de lugar resulta (ou requer) de um ato de imaginação por parte do indivíduo” (Rheingold, 1993:63-64). Por outras palavras, o “sentido” de comunidade materializa-se por meio da imaginação. Assim, no plano do pensamento abstrato, a “imaginação” remete para o conceito de “comunidades imaginadas” postulado por Benedict Anderson (1993). Para Anderson as nações (e conseqüentemente as comunidades) existem fruto de uma aceitação (ou interiorização) mental (leia-se virtual), do imaginário comum e partilhado entre indivíduos (cidadãos). Nesta lógica reflexiva, no espaço virtual, a imaginação dá significado (sentido ou substrato) à ideia de comunidade, onde o “virtual assume o lugar do significado” (Lévy, 1996). À luz do dualismo virtual / real, é interessante referir que as comunidades virtuais podem ser “reais, no sentido da existência da interatividade dos sujeitos, mas virtuais, no sentido da não presença corpórea, e por vezes, do não conhecimento físico” (Markham, 1998 *apud* Silva, 2002:22).

### ***Dinâmicas e práticas das Comunidades virtuais***

As comunidades virtuais surgem para responder às necessidades sociais dos indivíduos, baseando-se na proximidade intelectual e emocional (Rheingold, 1993 *apud* Fernback e Thompson, 1995). Estas comunidades são uma extensão das comunidades físicas, tendo como finalidade colmatar, e dar resposta às questões que os indivíduos não encontram na comunidade tradicional ou física. A respeito das suas práticas e propósitos, Rheingold (1993:3) refere que os indivíduos “utilizam as palavras nos ecrãs para trocar amabilidades e argumentar; para envolver-se em discursos ou debates intelectuais, realizar negócios, trocar conhecimento, partilhar e apoiar em questões emocionais, fazer planos,

*brainstorm*, bisbilhotar, apaixonar-se, encontrar amigos e perdê-los, jogar jogos, namorar e ter conversa fiada.” Assim, as comunidades virtuais são construídas e constituídas por pessoas reais, nas quais é feito precisamente tudo o que se faz na vida real, apenas se deixa o nosso corpo para trás" (*ibidem*).

Todavia as comunidades no espaço virtual são “instrumentos práticos, na medida em, que se o indivíduo necessitar de uma informação específica ou de opinião de um especialista ou um redireccionamento para uma determinada fonte de informação, a comunidade retribui como uma resposta. Para Rheingold, a comunidade é uma “enciclopédia viva” (1993:57), um espaço de dinâmicas de cooperação, de convergências de interesses, de solidariedade e de entreajuda entre membros e onde se desenvolvem as relações sociais.

As comunidades virtuais são semelhantes às “comunidades imaginadas” no sentido conferido por Benedict Anderson (1993), nas quais os sujeitos migrantes encontram um espaço intermediário de comunicação e interação na virtualidade, um espaço simbólico onde podem manifestar, afirmar, revivificar os seus sentimentos de pertença.



**Parte II**  
Investigação empírica



## **CAPÍTULO IV**

Opções metodológicas, *locus* e momentos da investigação  
empírica (no terreno)



## **Breve contextualização**

Os capítulos anteriores da presente dissertação fazem o enquadramento teórico ao longo do qual se construiu um eixo de análise teórico que propõe refletir sobre os principais temas e conceitos operativos a eles associados. O referido enquadramento teórico, necessário para a análise e discussão dos dados empíricos, resulta de uma aturada pesquisa bibliográfica de autores e investigadores de referência no domínio das migrações internacionais e da emigração portuguesa, da juventude, da identidade e identidade cultural pós-moderna bem como das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em contexto migratório. Em complementaridade com a revisão bibliográfica efetua-se uma pesquisa de cariz documental com o intuito de recolher e comparar dados ou indicadores estatísticos disponíveis em ambos os países. Pretende-se com esta pesquisa: estimar aproximadamente o número de migrantes portugueses residentes em território suíço, procurando superar algumas limitações estatísticas nacionais; conhecer a intensidade e as singularidades do fluxo migratório português para a Suíça, e por último, perfilar sócio demograficamente os jovens migrantes portugueses a residir neste destino. Porém um outro desafio se impôs a esta investigação: a construção de um percurso empírico com uma estratégia metodológica própria, escolhida pelo objeto de estudo e adequada ao seu *locus* empírico. Assim sendo, adota-se uma metodologia predominantemente qualitativa aberta e flexível, em ambiente virtual, na qual se entrecruzam várias técnicas de recolha de dados.

### **4.1. A perspetiva etnográfica como ponto de partida empírico**

Considerando o *locus* empírico da investigação a rede social *Facebook*, na qual se pretende explorar, observar e participar, descrever e interpretar as interações e produções culturais dos jovens migrantes quer nos grupos diaspóricos quer nas cronologias dos jovens selecionados, privilegia-se a perspetiva etnográfica em ambiente virtual.

Este ponto de partida com um olhar etnográfico, no sentido conferido por Atkinson & Hammersley (*apud* Ribeiro, 2003), permite a utilização de técnicas de recolha

de informação não só textual como a observação participante, o trabalho de campo, as entrevistas semiestruturadas, mas também informação visual tais como imagens e/ou fotografias. A flexibilidade e abertura que caracteriza esta metodologia e que se traduz pela sua “não-rigidez” ou “predeterminação” dos seus procedimentos possibilita, de igual modo, a introdução de outras técnicas de recolha de dados.

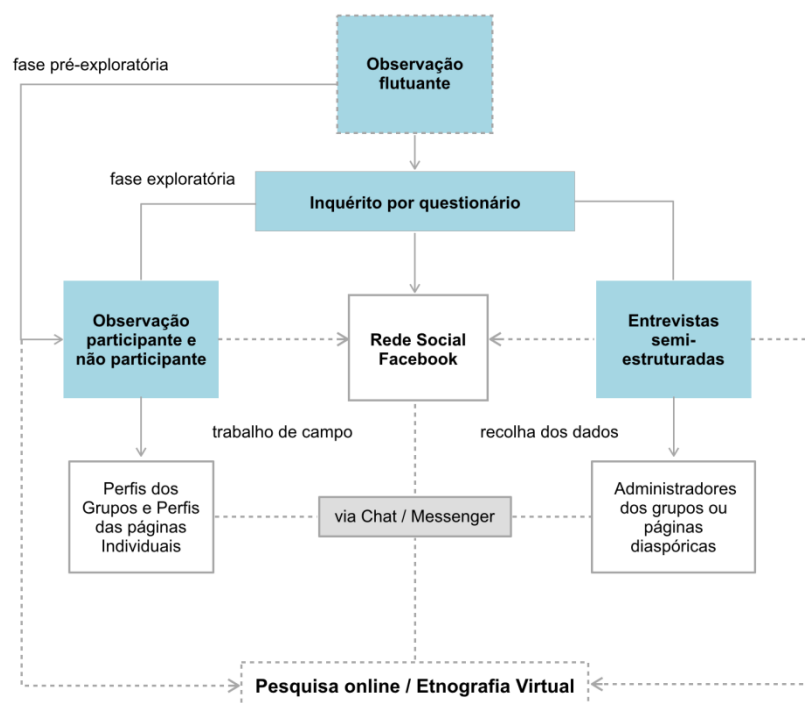
## **A etnografia virtual**

Ancorado à Antropologia, o termo etnografia remete-nos para as monografias de Malinowski e os métodos por ele postulados: a observação participante e o trabalho de campo, sendo o etnógrafo em exercício aquele que se encontra em qualquer parte [longínqua e exótica] e descreve o que observa ou o que ouve nesse mesmo lugar (Augé, 2012:14). Na senda de Lévy-Strauss (cit. Ribeiro, 2003:227) a etnografia “corresponde aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição, trabalho de campo.” Porém, na atual e complexa sociedade “do aqui e agora e em qualquer lugar” - em rede - a etnografia procura revalidar e adaptar o seu método/técnicas a novos terrenos, novos contextos, novas temáticas e a novas práticas sociais e culturais (Ribeiro, s/d:1), deslocando-se para a esfera do virtual. Deste modo, a etnografia virtual, também conhecida por netnografia (Kozinets, 2002), constitui uma metodologia de pesquisa qualitativa que se adapta às técnicas de pesquisa etnográfica “clássica” para o estudo das culturas e das comunidades emergentes na Internet, mediadas por computador - CMC (Kozinets, 2002:2). Para Christine Hine (2004) a etnografia virtual ocupa-se das práticas sociais na internet e o “significado” destas para os participantes, estudando em detalhe as relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a “interface” quotidiano da vida das pessoas e o lugar de encontro que permite a formação de comunidades e/ou grupos estáveis bem como a emergência de novas formas de sociabilidade (Hine, 2004; Kozinets, 2002). Por seu turno, a partir e através da etnografia virtual é possível obter o estudo detalhado das relações em linha, de modo a que a Internet não seja somente um meio de comunicação, mas também um artefacto “cultural” quotidiano na vida dos indivíduos e um lugar de encontro que possibilite a formação de comunidades, de

grupos mais ou menos estáveis e à emergência de uma nova forma de sociabilidade (Ardèvol *et al.*, 2003:2). Questões como a identidade, a sociabilidade em linha, o estabelecimento de categorias online, de regras de funcionamento e de comportamento das comunidades, o sentimento de pertença a um grupo, figuram entre as matérias/ objeto de estudo desta “nova” etnografia (*ibidem*).

Neste sentido, as opções metodológicas adotadas nesta pesquisa podem ser sintetizadas no seguinte mapa (Mapa 2).

**Mapa 4.1: Estratégia e opções metodológicas**



## 4.2. Momentos empíricos e procedimentos metodológicos

### ***Primeiro momento: (re)conhecer o terreno (locus)***

Após a revisão bibliográfica, fase prévia de abordagem teórica, na qual se estrutura e articula os propósitos da pesquisa com os eixos teóricos e conceitos-operativos, segue-se a ida para o terreno. A primeira viagem pré-exploratória decorre de forma flutuante - observação flutuante - com o objetivo não só de

observar a morfologia, estrutura e características da Rede Social *Facebook*, mas também os grupos direcionados aos emigrantes portugueses a viver na Suíça. Para o efeito, e tirando partido da minha experiência enquanto migrante e utilizadora regular desta Rede Social, exploro as potencialidades do seu *software* localizando grupos diaspóricos e/ou páginas comunitárias portuguesas. Digitando palavras-chave como: “emigrantes, portugueses, jovens, Suíça, imigrantes, comunidade, amizades, convívio”, são vários os resultados obtidos. Na senda destes resultados, observo as páginas dos grupos diaspóricos<sup>59</sup>, em particular, os seus conteúdos, membros, administradores, publicações e dinâmicas interacionais entre membros bem como traços indicadores da cultura portuguesa através de símbolos, imagens ou significados. Contudo, ao longo deste processo de conhecimento do terreno surgem as primeiras constatações e questões: como delimitar o *locus* da pesquisa? Como captar os jovens? Percorrendo os membros desses grupos e verificando que entre os membros dos grupos ou páginas diaspóricas, existem jovens (16-23 anos). Porém, a interação dos jovens é praticamente inexistente. Ou seja, os jovens gozam de uma certa “invisibilidade” na maioria dos grupos. Outras questões se levantam: será que essa “estaticidade interacional” e “invisibilidade” se prende com o facto de não se identificarem com os grupos em si ou com a cultura portuguesa. Procurando dar resposta a estas

---

<sup>59</sup> Grupos diaspóricos portugueses identificados na rede Social Facebook, nos quais ocorreu a observação flutuante e onde a posteriormente se aplicou o inquérito por questionário, a saber:

“Amigos Da Suíça” <https://www.facebook.com/groups/161682717352156/>;

“Amigos da suíça e de portugal” <https://www.facebook.com/groups/portugues63/>;

“Amigos na Suíça” <https://www.facebook.com/groups/amigosnasuica/>

“Amigos portugueses na Suíça para convívio” <https://www.facebook.com/groups/185947728171647/>;

“Comunidade Portuguesa na Suíça” <https://www.facebook.com/groups/comunidade.portuguesa.ch/>

“Emigrantes na Suíça (original)” <https://www.facebook.com/groups/204706082992438/>

“Emigrantes na suíça” <https://www.facebook.com/groups/204706082992438/>;

“Jovens portugueses na Suíça” <https://www.facebook.com/groups/jovens.portugueses.na.suica/>;

“Portugueses imigrantes em terras Helvéticas” <https://www.facebook.com/groups/1603136983238270/>;

“Portugueses na Suíça” <https://www.facebook.com/groups/GrupoDosPortuguesesNaSuica/> ;

“Portugueses na Suíça - Comunidade” <https://www.facebook.com/PaginaDosPortuguesesNaSuica/>

“portugueses da Suíça” <https://www.facebook.com/groups/358451271550/>;

“Portugueses em Zurique” <https://www.facebook.com/groups/PortuguesesEmZurique/>;

“Portuguese speakers (expacts Zug, Zurich, Luzern)” <https://www.facebook.com/groups/217788818331956/>; <acessos entre agosto de 2015 e janeiro de 2016>

questões, fiz uma primeira abordagem, aleatória, a alguns jovens via Chat/Messenger, colocando algumas das questões, mas a sua recetividade foi nula. Nesta sequência, senti necessidade de recorrer a um instrumento que me permitisse a recolha de informações e que se adequasse às características da própria “amostra”, isto é, articular as necessidades da investigação com as características da amostra [jovens]; se os jovens figuram como membros, mas não interagem nem respondem as questões colocadas via Chat, pode-se inferir, que um questionário é a melhor forma de desinibir os jovens e de lhes garantir anonimato total. Para o efeito, elaborei um inquérito por questionário, sem solicitar informações que pudessem conduzir à verdadeira identidade do respondente.

### ***Segundo momento: aplicação do questionário nos grupos diaspóricos pré-selecionados***

Pese embora, constitua uma técnica de recolha de dados de cariz quantitativo, e por isso, não muito comum em investigações etnográficas, a aplicação de um inquérito por questionário, nesta pesquisa em particular, permitiu não só captar a atenção dos respondentes, jovens migrantes portugueses entre os 16-23 anos de idade a residir na Suíça, como também garantir o seu total anonimato.

Na sua essência, o inquérito por questionário visa a recolha de dados e tem como base de análise a inquirição de um grupo representativo da população que se pretende estudar. Por norma, este instrumento permite não só obter dados que visam testar as hipóteses e medir variáveis (confirmando ou não essas hipóteses) bem como, obter respostas às questões da investigação que conduzem ao objetivo fundamental da investigação empírica (Hill & Hill, 2005:22). Outra utilidade do questionário é a recolha de informações mais amplas das que podem ser obtidas por meio de entrevistas.

Contudo, nesta pesquisa etnográfica, o questionário não teve uma medição quantitativa em exclusivo, uma vez que foram introduzidas perguntas de resposta aberta. Tirando partido das vantagens deste instrumento de recolha de dados, elaborei um inquérito por questionário digital por forma a obter informações com maior amplitude e rigor. Assim para análise posterior, o questionário foi dividido em seis dimensões:

- I. Perfil sociodemográfico dos jovens portugueses migrantes na Suíça;
- II. Tecnologias digitais no quotidiano dos jovens migrantes;
- III. Internet, acessibilidades e usos;
- IV. Redes Sociais e Comunidades Virtuais;
- V. Identidade Cultural e Redes Sociais;
- VI. Língua Portuguesa;

O questionário é precedido de uma introdução sumária contendo um pedido de cooperação, a razão da aplicação do questionário, o conhecimento da natureza geral da problemática que se pretendeu explorar, o tempo de aplicabilidade, seguido de uma declaração formal de confidencialidade e anonimato dos respondentes (consentimento informado). É igualmente facultado, um endereço eletrónico para o qual os respondentes podem dirigir os seus pedidos de esclarecimento. As questões são elaboradas indo ao encontro dos jovens cativando-os com um layout apelativo, perguntas claras e objetivas, na sua língua materna - o Português - recorrendo, cirurgicamente, às línguas alemã e francesa e à utilização da segunda pessoa do singular. Com o intuito de diminuir exponencialmente o tempo de aplicação, alternou-se várias opções de respostas tais como, escolha múltipla, alternativas com escala de avaliação, sendo pontualmente solicitadas respostas abertas. O questionário, criado através do editor *SurveyMonkey*® cujo link<sup>60</sup> foi posteriormente partilhado na Rede Social Facebook nos grupos anteriormente referidos onde se realizou a observação flutuante. Nos grupos fechados, foi necessário efectuar quer um pedido de adesão ao grupo quer um pedido de autorização para publicar o questionário nas suas cronologias. Em alguns grupos a resposta ao pedido foi muito demorada e noutros inviabilizada a sua publicação. Vários foram os grupos que apesar da autorização dada passado alguns minutos apagavam e em alguns casos bloqueiam a sua publicação.

No sentido de contornar o problema, solicitei a colaboração da Coordenação de Ensino do Português na Embaixada de Portugal, em Berna, para a aplicação dos

---

<sup>60</sup> <https://pt.surveymonkey.com/r/C6PX8DF> questionario tese mestrado carolinapinto

questionários aos alunos migrantes portugueses que frequentam aulas de português na Suíça. Deferido o pedido, procedi de imediato ao envio dos questionários, posteriormente distribuídos, aos alunos pelos respetivos docentes. Esses questionários, 43 no total, foram manualmente introduzidos pela investigadora no editor *SurveyMonkey*®. Fechado o *status* do questionário, fiz uma primeira leitura de todos os dados recolhidos. Relativamente às informações resultantes das questões de resposta aberta, procedi em primeiro lugar, à sua categorização e posteriormente à sua análise.

Confirmado o *Facebook*, como a rede social privilegiada dos jovens migrantes para o contacto com familiares e amigos em Portugal, e que parte dos jovens respondentes afirmou pertencer ou ser membro de grupos diaspóricos, nessa rede, redirecionei a pesquisa para os grupos mais referidos no questionário.

### ***Terceiro momento: observação direta nos grupos mais mencionados no questionário***

Revisitando o terreno, desta vez já na posse dos dados analisados sobre o perfil dos jovens migrantes bem como o nome dos grupos mais referidos no questionário, dei início à observação nos grupos diaspóricos. Em dois dos grupos foi necessário efetuar um pedido de adesão. Aceite o pedido, iniciei a observação e descrição longitudinal dos murais dos respetivos grupos diaspóricos. Observei esses mesmos murais e seus conteúdos explorei as potencialidades das páginas, a panóplia de atividades e de aplicações disponíveis ao alcance dos seus membros, como a possibilidade de participação e iniciação de discussões, o livre acesso a todas publicações de venda e respetivos comentários, aos membros do grupo, a fotos partilhadas, a recursos audiovisuais, ao calendário de eventos e outros documentos disponíveis pelos administradores. Contudo, devido à natureza pouco interacional entre membros dos grupos, e a quase total ausência dos jovens nas publicações a nível de comentários, a observação participante não se consumou.

### ***Observação participante nos perfis pessoais dos jovens migrantes***

Paralela e gradualmente, fui passando a pente-fino, os perfis dos jovens membros dos grupos observados, abordando-os individualmente através de mensagens via Messenger na página dos seus perfis. Este processo foi muito moroso, mas necessário sobretudo para obter a participação voluntária dos jovens. Nesse sentido, segui o protocolo, informando-os dos objetivos deste estudo, solicitando o seu consentimento (consentimento informado) e mostrando total disponibilidade em esclarecer quaisquer questões e inclusivamente fazê-lo via telefone ou *offline*. Contudo, os constrangimentos repetem-se. Os jovens não se mostram cooperativos, sentiu-se uma predisposição em não colaborar neste tipo de investigação, na qual estão mais expostos e, portanto, menos à vontade. A não-presença e o não-conhecimento físico entre o participante e o investigador revelam-se um dos maiores constrangimentos neste tipo de *locus* empírico. Assim, por forma a não comprometer a investigação, em particular a observação participante nas páginas individuais dos jovens, recorri a dois contactos da minha própria rede no *Facebook*. Esses contactos foram a base e o garante da confiança mútua, o “*link* seguro” ao qual se uniram outros participantes - “efeito bola de neve”. Com a observação participante nos perfis das páginas individuais do *Facebook* pretendi cartografar e analisar a forma como este espaço social é utilizado para o contacto com familiares e amigos que se encontrem em Portugal, nomeadamente, interações, símbolos e atividades que unam, liguem ou vinculam os jovens portugueses em situação de migração à cultura portuguesa. É importante salientar que os jovens que participam na observação participante, também fazem parte da “amostra” do inquérito por questionário, dado que antes de se iniciar a observação enviei o *link* do inquérito por questionário.

### ***Quarto momento: entrevistas semiestruturadas aos administradores dos grupos diaspóricos***

Este momento pretende clarificar o motivo da “invisibilidade” interacional dos jovens nos grupos diaspóricos, uma vez, que parte expressiva dos respondentes do questionário referiram ser membros desses mesmos grupos. Com o intuito de

ouvir outras vozes, estruturei e enviei posteriormente, um guião de entrevista semidirecto dirigido aos administradores dos grupos em estudo, via *Facebook - Messenger*. O conteúdo das entrevistas foi analisado através do método postulado por Laurence Bardin (1977), análise de conteúdo.

#### ***Quinto momento: tratamento, análise e validação dos dados recolhidos***

Neste último momento, crucial da investigação empírica são evocados todos os dados recolhidos, colocando-os em diálogo entre si. Para efeitos de validação (interna e externa dos dados) empírica recorreu-se à triangulação metodológica - de dados e intra-métodos. Este quinto momento conduz às conclusões.

### **4.3. Desafios metodológicos**

No decurso da investigação empírica o investigador é confrontado com situações inesperadas, fruto de constrangimentos externos, perante os quais é obrigado a repensar ou a reajustar as estratégias previamente definidas. Todavia, os constrangimentos devem ser encarados como desafios ou como oportunidades de realização do trabalho de campo. Nesta investigação os desafios, resultam sobretudo, das características do *locus* empírico e das singularidades da “amostra”: os jovens migrantes portugueses.

Os ambientes ou espaços virtuais, as redes sociais e as comunidades virtuais, têm vindo a ser teorizados não só como *locus* híbridos, dinâmicos em constante evolução, mas também como ambientes efémeros sem espelhar a “realidade”. Neste sentido, foi crucial explorar os grupos diaspóricos seleccionados diária e continuamente, durante um período de tempo prolongado, por forma a verificar uma determinada constância e estabilidade dos grupos ou comunidades em estudo. Conhecer a sua dinâmica, aceder aos conteúdos disponíveis nas suas páginas/cronologias dos grupos, obter informações diversas sobre a identidade dos grupos e seus membros, fazem parte do levantamento pré-exploratório que deve ser realizado de forma não participante.

Em termos metodológicos a estratégia inicial consistia em explorar, conhecer e descrever os grupos diaspóricos portugueses, direccionados para a comunidade

migrante portuguesa na Suíça, no *Facebook*, e, posteriormente, interagir com os jovens migrantes membros desses mesmos grupos. Contudo, devido à retração dos jovens portugueses não foi possível seguir a estratégia predefinida sendo necessário redefinir uma nova abordagem.

A retração (ou distanciamento) dos jovens parece, por um lado, estar associada a uma falta de vontade em se exporem e de se darem a conhecer e, por outro, a uma falta de receptividade em participar em estudos portugueses. Verifica-se alguma desconfiança entre os migrantes portugueses, gerada dentro da própria comunidade portuguesa, na qual os migrantes são muitas vezes enganados e explorados pelos seus pares. Outro ponto a salientar é a falta de paciência, de tempo e de disponibilidade por parte dos jovens para a realização de entrevistas. Questões de segurança (por exemplo: perfis falsos) e de preservação da privacidade no *Facebook* acentuam o distanciamento, dificultando a “aproximação mais direta” por parte do investigador. O não conhecimento, a ausência física e a falta de interação face-a-face entre o investigador e o investigado constituem fortes entraves numa investigação desta natureza.

Assim, face aos constrangimentos descritos, o grande desafio metodológico foi construir um percurso empírico que se adequasse às “novas” necessidades e que conciliasse técnicas oriundas quer do paradigma quantitativo quer do qualitativo, garantindo a realização e o êxito da investigação empírica.

Para concluir, importa salientar que o *locus* desta investigação fornece muita informação sendo necessário algum cuidado na seleção e recolha da informação mais relevante evitando cair num “nevoeiro informacional”.

## **PARTE III**

Apresentação e discussão dos resultados empíricos



## **CAPÍTULO V**

Tratamento, análise e apresentação dos resultados



## **Breve contextualização**

Após a recolha de dados é necessário proceder ao seu tratamento, interpretação e validação. Neste capítulo serão reunidos e apresentados todos resultados empíricos obtidos. Como referido, esta pesquisa encontra-se ancorada nos pressupostos etnográficos adequados ao ambiente virtual, o que permite uma investigação alternativa, aberta e flexível a partir do qual se descreve e interpreta os fenómenos sociais e culturais observados. Esta abertura e flexibilidade possibilitou a introdução de um inquérito por questionário online, captando uma perspetiva externa (macro) da realidade em estudo.

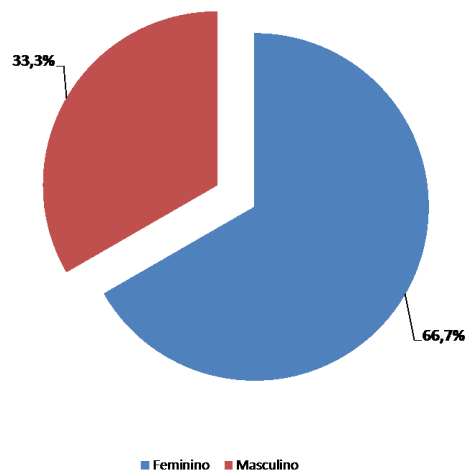
### **5.1. Apresentação dos resultados do questionário *online***

Alcançado um número significativo de questionários respondidos na totalidade, foi feita uma primeira leitura dos dados, por forma a “verificar a fiabilidade das respostas obtidas e iniciar a codificação das respostas resultantes das perguntas abertas”. Após essa leitura, os dados são organizados e tratados estatisticamente através do software de cálculo, Excel. Apresenta-se de seguida a análise e os resultados do questionário *online*.

#### ***Primeira dimensão de análise: caracterização da “amostra”***

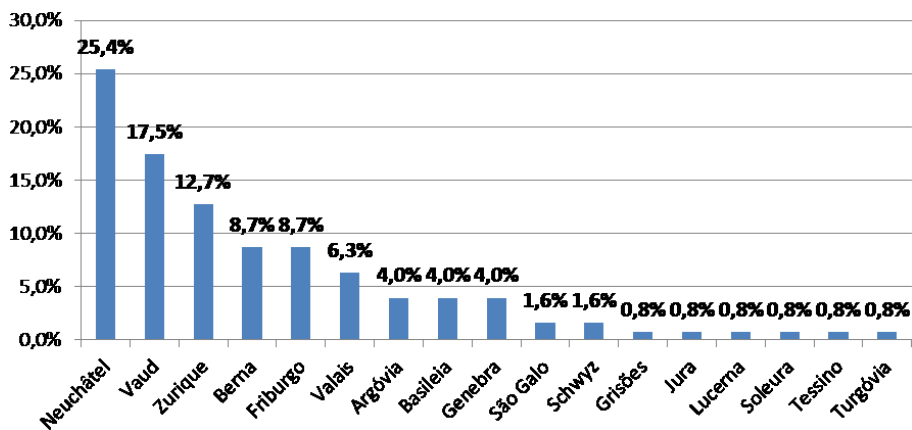
A “amostra” (por conveniência) utilizada consiste em 129 indivíduos com as idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos. A idade média é de 19,4 anos, sendo que não se verifica uma grande diferença entre homens e mulheres, idades médias de 19,1 e 19,6 respetivamente. Ainda em relação ao equilíbrio de género, verifica-se que existe uma maior predominância de indivíduos do sexo feminino (66,7%) face aos indivíduos do sexo masculino (33,3%), como pode ser verificado no gráfico 5.1.

Gráfico 5.1: Distribuição de género



Quanto à distribuição geográfica (gráfico 5.2), a maioria dos inquiridos (25,4%) reside em no cantão de Neuchâtel, seguindo-se os cantões de Vaud e de Zurique como os mais representados, com 17,5% e 12,7% respetivamente.

Gráfico 5.2: Distribuição geográfica



Relativamente à nacionalidade dos inquiridos, a larga maioria tem a nacionalidade portuguesa (86,5%) ao passo que os restantes acumulam a nacionalidade portuguesa com a suíça (13,5%). Quando consideramos a naturalidade (quadro 5.1) é fácil identificar um padrão, no qual, a maioria dos jovens naturais de Portugal possuem nacionalidade portuguesa (72,5%) enquanto que os naturais da Suíça têm na maioria dupla nacionalidade (88,2%). Estes dados sugerem que o local onde estes inquiridos nascem tem algum impacto na decisão/possibilidade

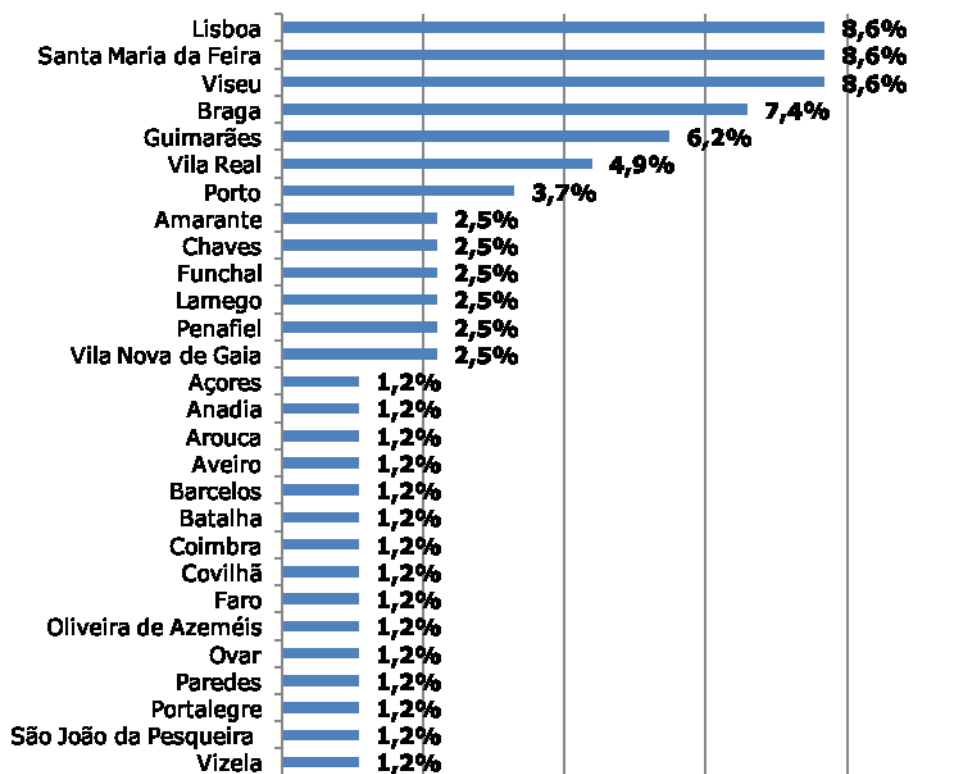
de acederem à cidadania suíça. Apesar da baixa percentagem de naturais de outro país, o padrão repete-se e nenhum dos inquiridos nascidos noutra país tem dupla nacionalidade.

**Quadro 5.1: Naturalidade X Nacionalidade**

Nacionalidade	Naturalidade		
	Portugal	Suíça	Outro país
Dupla nacionalidade	11,8%	88,2%	0,0%
Portuguesa	72,5%	23,9%	3,7%

Em relação aos jovens naturais de Portugal (64,3%), verifica-se um padrão acerca da área geográfica de origem. A maioria destes jovens, 60,5%, nasceu a norte ou centro-norte o que sugere que as suas famílias sejam originárias dessas zonas. Não podendo tirar conclusões objetivas em termos de padrões migratórios das famílias, é, contudo, possível sugerir que há um maior movimento migratório para a Suíça do norte do país.

**Gráfico 5.3: Naturalidade em Portugal**



No que respeita ao nível de escolaridade dos jovens migrantes inquiridos, verifica-se que em ambos os grupos o “Ensino secundário via universitária” “Gymnasium/Maturité gymnasiale” é o nível de ensino mais comum (54,2%), seguida da *Sekundarschule B* (12,7%), Universitário (10,3%), *Lehre* (9,5%) e *Sekundarschule A* (4,0%). Esta informação é meramente descritiva pois, como já foi referido, a análise do nível de escolaridade nesta amostra está obviamente condicionada pelo facto de se referir a um grupo etário onde algumas das categorias não são possíveis de ser observadas em alguns dos inquiridos. De qualquer forma é possível concluir que estamos perante uma amostra onde todos têm pelo menos algum nível de instrução. Relativamente ao estatuto de permanência, o mais frequente é o “*Permis ou Bewiligung B*” (45,2%) seguido pelo “*Permis ou Bewiligung C*” (35,7%). Na categoria outros, uma percentagem considerável de inquiridos indicou que era a nacionalidade suíça que lhes conferia o direito à permanência e desse modo foi recodificada essa nova categoria. O “*Permis ou Bewiligung L*” é inexpressivo (4,8%).

Gráfico 5.4: Nível de escolaridade global e por escalão etário

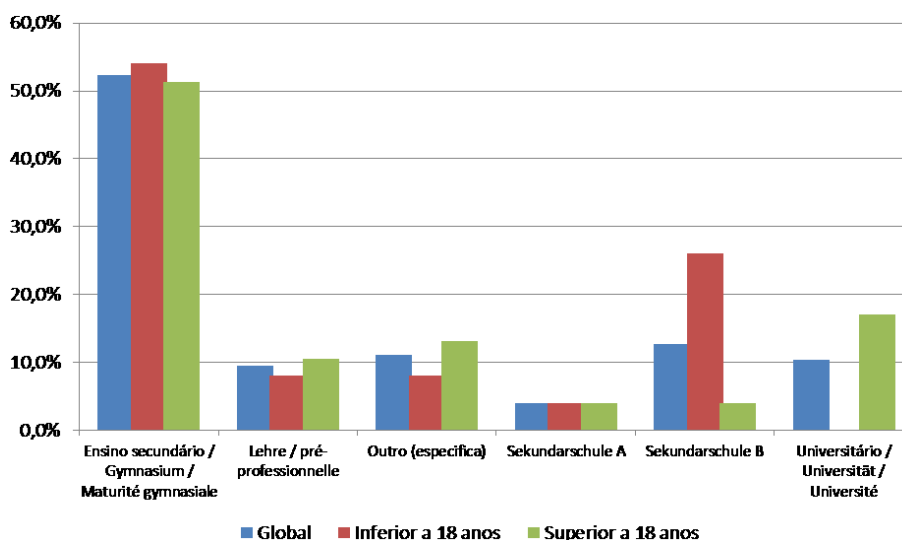
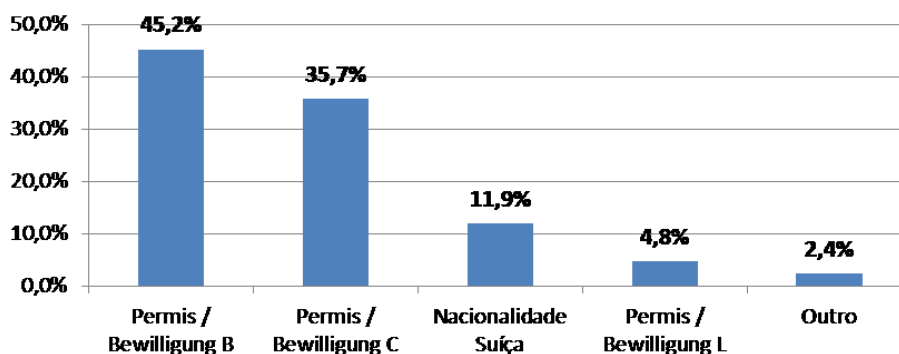
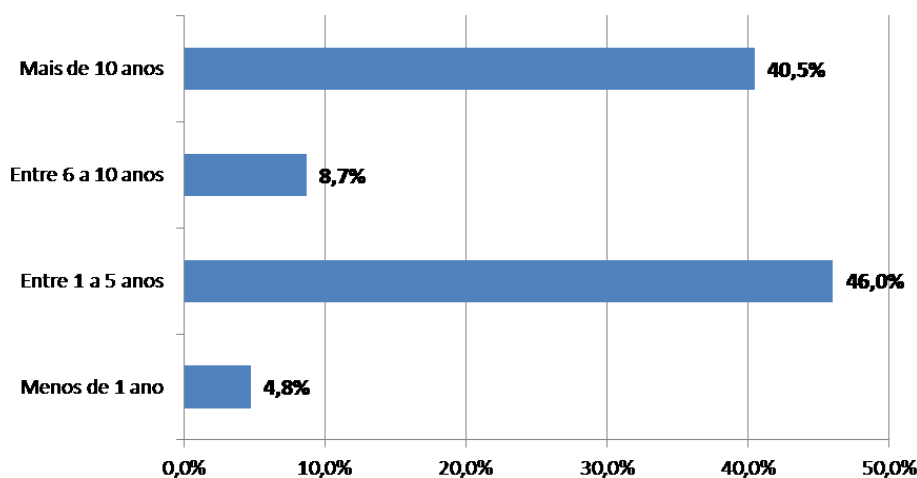


Gráfico 5.5: Estatutos de permanência (%)



Em termos de há quanto tempo residem na Suíça, as respostas obtidas permitem identificar um padrão curioso que consiste numa espécie de polarização entre os que vivem há mais tempo e os que vivem há menos tempo. A maioria dos inquiridos divide-se entre aqueles que vivem na Suíça há mais de 10 anos e os que residem entre 1 e 5 anos, 40,5% e 46% respetivamente.

Gráfico 5.6: Tempo de residência na Suíça



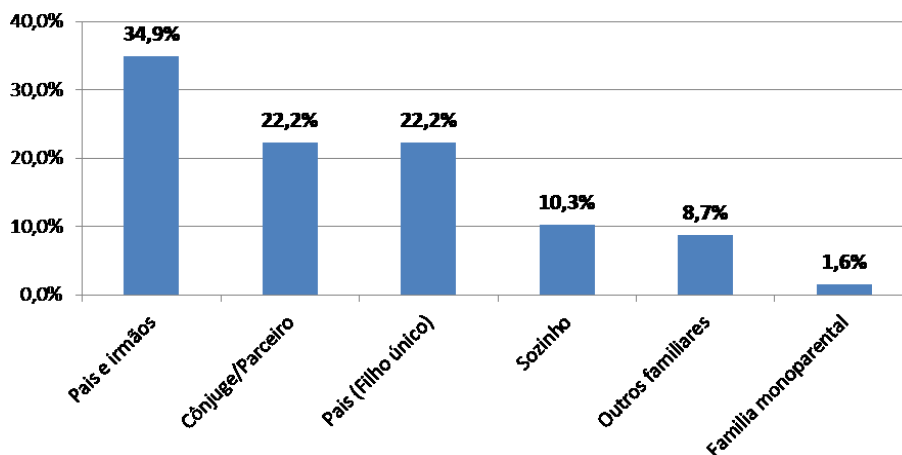
Este dado torna-se mais esclarecedor quando consideramos a nacionalidade dos inquiridos (quadro 5.2) onde é possível verificar que a larga maioria do grupo “Entre 1 e 5 anos” é natural de Portugal. O padrão inverso ocorre na categoria “Mais de 10 anos” onde a maioria, embora com menos expressão, é natural da Suíça.

**Quadro 5.2: Naturalidade X Tempo de residência**

Residência	Naturalidade		
	Portugal	Suíça	Outro país
Menos de 1 ano	66,7%	16,7%	16,7%
Entre 1 a 5 anos	93,1%	5,2%	1,7%
Entre 6 a 10 anos	81,8%	9,1%	9,1%
Mais de 10 anos	27,5%	70,6%	2,0%

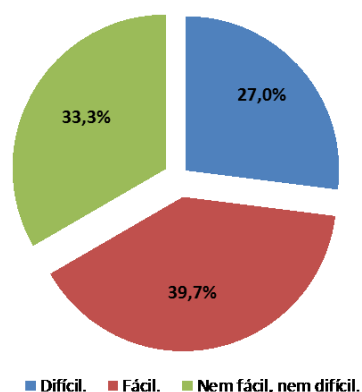
Quanto ao contexto familiar (gráfico 5.7), a maioria dos inquiridos vive com os pais (57,1%), sendo que 34,9% têm pelo menos um irmão e 22,2% são filhos únicos. A situação familiar mais comum para além destas é a vida conjugal, seja com o cônjuge ou com um parceiro (22,2%). Refira-se que existe uma percentagem assinalável, considerando o grupo etário em análise, de inquiridos a viverem sozinhos.

**Gráfico 5.7: Configuração do agregado ou estado familiar**



Fatores como o processo de integração numa sociedade não são os mais comuns em termos de caracterização sociográfica; contudo, é pertinente, dado que se fala de migrantes, incluir um indicador dessa natureza (gráfico 5.8). A maioria considera que a sua adaptação foi fácil (39,7%) com um peso consideravelmente maior do que aqueles que consideram que a sua adaptação foi difícil (27,0%).

**Gráfico 5.8: Adaptação/Integração na sociedade Suíça**



Os processos de integração/adaptação de migrantes e respetivos descendentes dependem de múltiplos fatores sendo que o ter nascido no país em questão ou o ser formalmente um cidadão daquele país são, tradicionalmente, fatores de mitigação de eventuais dificuldades de adaptação. A análise do processo de integração por naturalidade e nacionalidade sugere que no caso da amostra inquirida confirma-se essa tendência mitigadora. Os jovens migrantes inquiridos que nasceram na Suíça e consideram que o processo de integração foi difícil são uma minoria (4,9%). A vasta maioria dos naturais da Suíça consideram que o processo foi fácil ou então adotam uma postura neutra (Nem fácil, nem difícil) ao passo que entre os que são naturais de Portugal já se verifica uma percentagem considerável de inquiridos que tiveram um processo de adaptação/integração difícil. No caso dos que nasceram noutro país, o número de inquiridos é pequeno demais ( $n=4$ ) para se tirar uma conclusão sobre o comportamento destes. Quando consideramos a nacionalidade (quadro 5.3 e 5.4) verifica-se um padrão semelhante. Aqueles que possuem a nacionalidade suíça indicam ter menos dificuldade de integração/adaptação do que os que são exclusivamente cidadãos portugueses. O comportamento verificado na “amostra” sugere que os naturais da Suíça e/ou os que possuem nacionalidade suíça têm um processo de adaptação/integração à sociedade suíça mais facilitado.

**Quadro 5.3: Processo de adaptação X Naturalidade**

Processo de adaptação/integração	Naturalidade		
	Portugal	Suíça	Outro país
Difícil	38,3%	4,9%	25,0%
Fácil	22,2%	73,2%	50,0%
Nem fácil, nem difícil	39,5%	22,0%	25,0%

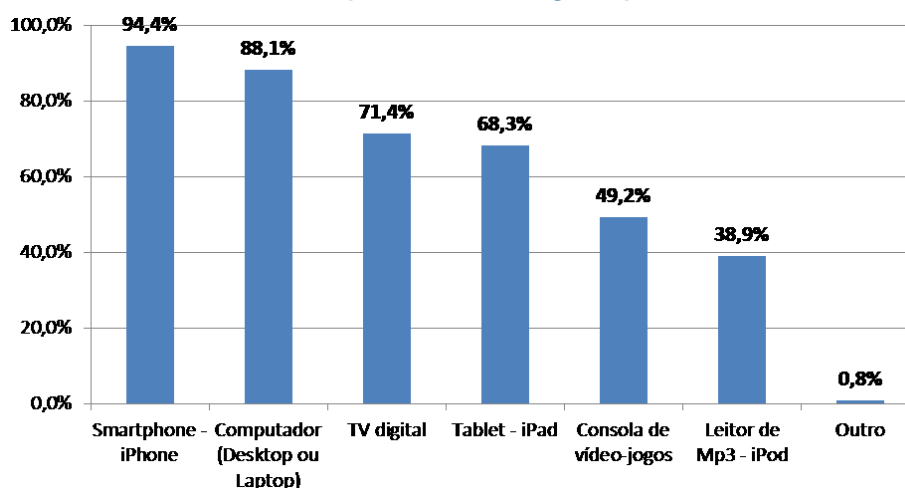
**Quadro 5.4: Processo de adaptação X Nacionalidade**

Processo de adaptação/integração	Nacionalidade	
	Dupla nacionalidade	Portuguesa
Difícil	11,8%	29,4%
Fácil	64,7%	35,8%
Nem fácil, nem difícil	23,5%	34,9%

### **Segunda dimensão de análise: tecnologias no quotidiano dos jovens**

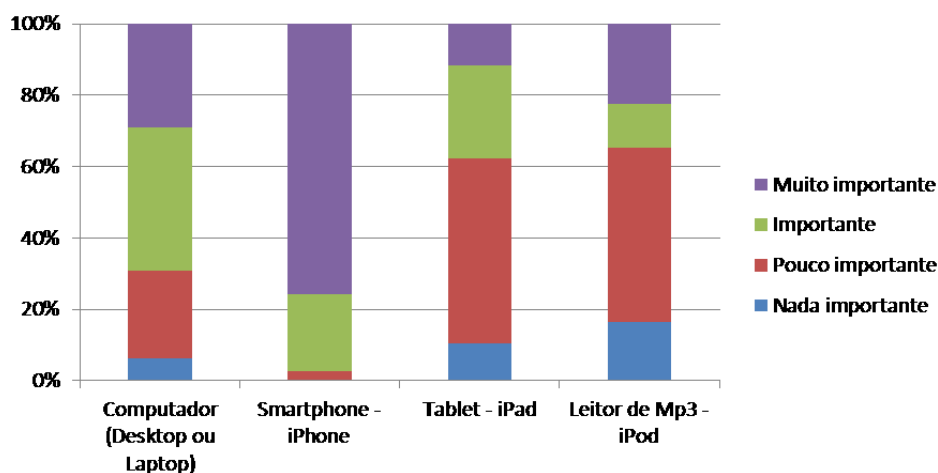
Antes de se avançar para a utilização e presença das redes sociais por parte dos inquiridos, é relevante aferir quais aparelhos tecnológicos que os inquiridos possuem (gráfico 5.9). O *smartphone* é o mais referido pelos inquiridos, 94,4% dos mesmos possui um. O computador pessoal, *lap* ou *desktop*, está também muito representado (88,1%) e a percentagem mais baixa do computador pessoal face aos *smartphones* pode eventualmente sugerir uma tendência da utilização dos *smartphones* em substituição dos computadores em algumas tarefas/atividades nomeadamente a da presença nas redes sociais.

Gráfico 5.9: Aparelhos tecnológicos possuídos



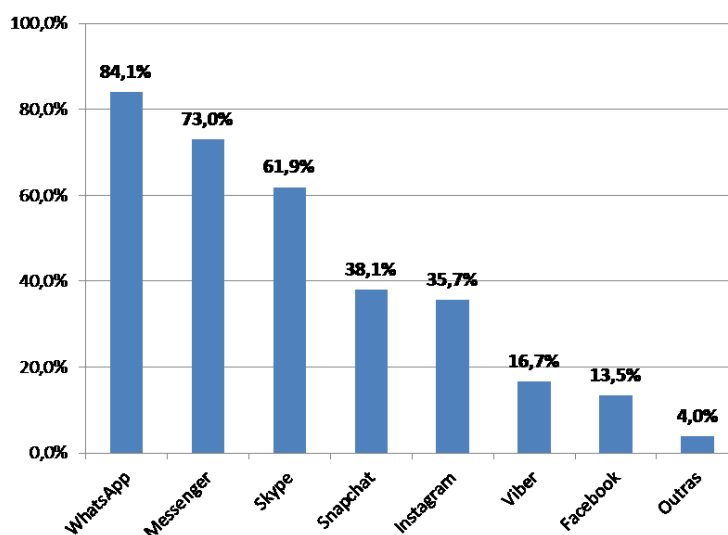
Os *smartphones* e computadores têm uma presença junto dos inquiridos consideravelmente mais forte do que os restantes aparelhos (a evolução tecnológica dos *smartphones* poderá eventualmente justificar a não necessidade de outros aparelhos como o leitor de mp3 ou uma plataforma para jogar jogos.) Em termos de importância destes aparelhos para o dia-a-dia dos inquiridos, o *smartphone* e computador pessoal apresentam um maior nível de importância do que os outros aparelhos (gráfico 5.10). A percentagem de jovens migrantes inquiridos que lhes atribui pouca ou nenhuma importância é consideravelmente baixa, especialmente se comparada com o *tablet* ou leitor de mp3, onde a categoria “pouco importante” é a que tem maior peso. O caso do *smartphone* tem ainda a particularidade de ter uma percentagem da categoria “muito importante” bastante superior ao que se verifica no computador pessoal, 75,6% e 28,8% respetivamente. O *smartphone* é o aparelho tecnológico mais possuído e é, igualmente, aquele ao qual os seus utilizadores conferem maior importância.

Gráfico 5.10: Importância dos aparelhos no dia-a-dia



A elevada utilização e importância atribuída aos *smartphones* torna pertinente ter algum conhecimento sobre os tipos de utilização destes aparelhos. A aplicação “WhatsApp” de troca de mensagens surge destacada; 84,1% dos inquiridos possui esta aplicação. O “top 3” de aplicações, (gráfico 5.11), no âmbito de troca de mensagens revela que 84,1% dos jovens inquiridos utiliza o “WhatsApp”, seguindo-se 73% e 61,9% dos que utilizam respetivamente o “Messenger” e o “Skype”. Estes dados revelam a necessidade e importância de comunicar permanentemente.

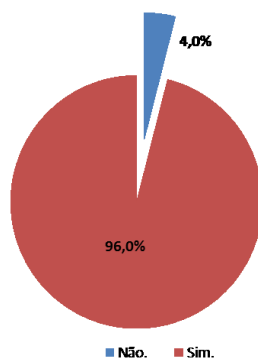
Gráfico 5.11: Aplicações (Apps) mais utilizadas



### ***Terceira dimensão de análise: internet, acessibilidade e usos sociais***

A totalidade dos inquiridos tem algum tipo de acesso à internet (gráfico 5.12 e 5.13), a larga maioria dos inquiridos tem internet em casa (96%) e os que não têm indicam que têm acesso à mesma fora de casa. Em termos de utilização, o acesso diário à internet é quase total, 96% dos inquiridos navegam na internet todos os dias.

**Gráfico 5.12: Acesso doméstico à internet**



**Gráfico 5.13: Acesso à internet fora de casa**

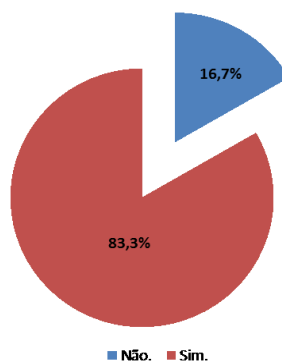
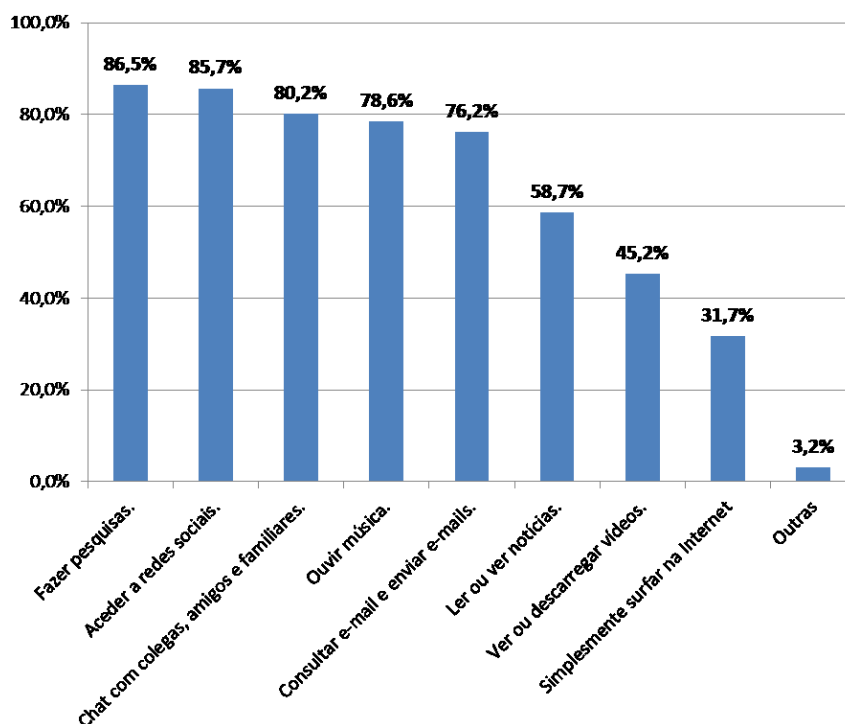
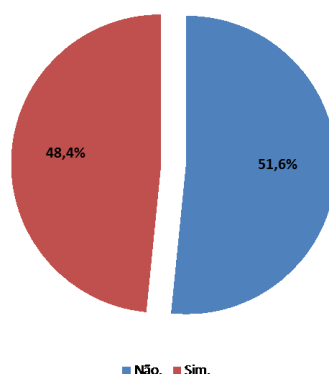


Gráfico 5.14: Utilização da internet



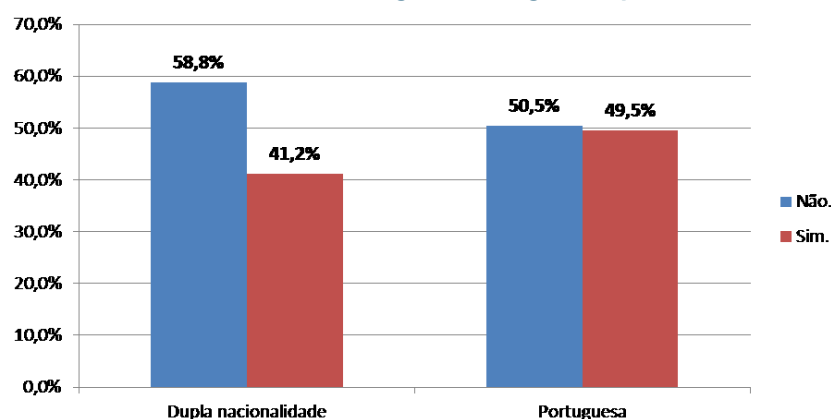
A utilização da internet é diversa (gráfico 5.14). A maioria dos inquiridos utiliza-a para fins diversos tais como fazer pesquisas, aceder a redes sociais ou conversar com amigos e familiares, entre outras. Apenas quando consideramos a leitura/visualização de notícias, ver/descarregar vídeos ou simplesmente “surfear” na internet é que a percentagem de inquiridos que efetuam esse tipo de atividades, é mais baixa. Pode-se sugerir que a utilização da internet é, na sua maioria, para comunicar ou para lazer. A ligação a Portugal é um assunto pertinente e que pode ser, de certa forma aferido, através da ligação dos inquiridos ao “ciberespaço português”. Pouco menos de metade dos inquiridos (48,4%) indica que costuma aceder a sites ou blogues portugueses (gráfico 5.15). Estando em análise um grupo de jovens migrantes portugueses é de destacar que pouco mais de metade (51,6%) não consulta sites/blogues portugueses. Pode-se inferir que o grupo revela um nível de afastamento face à realidade portuguesa.

**Gráfico 5.15: Acesso a Sites/Blogues Portugueses**



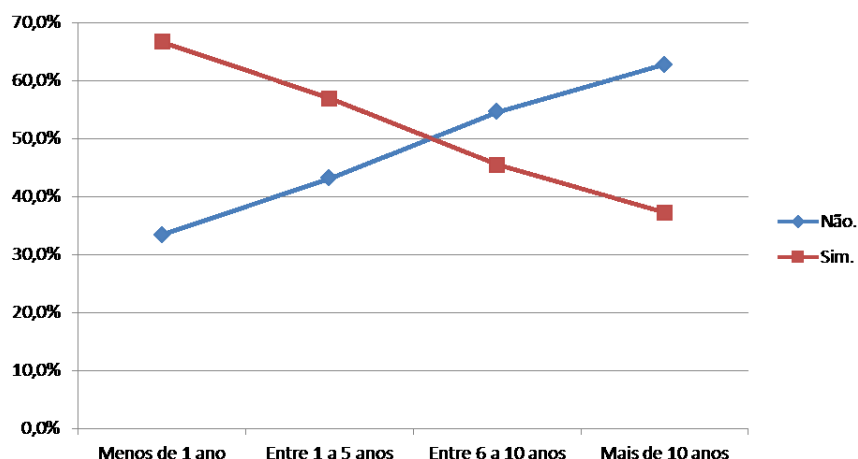
Considerando a questão da nacionalidade quando se analisa o acesso ou não a sites/blogues portugueses verifica-se que o padrão é semelhante, a prevalência do “Não”. Mas no caso dos jovens que têm dupla nacionalidade verifica-se que há uma diferença considerável entre os que não acedem a sites/blogues portugueses (58,8%) e aqueles que acedem (41,2%). Este dado sugere que os inquiridos que têm nacionalidade Suíça sentem menos necessidade de consultar o ciberespaço português quando comparados com os que são apenas portugueses.

**Gráfico 5.16: Acesso a Sites/Blogues Portugueses por Nacionalidade**



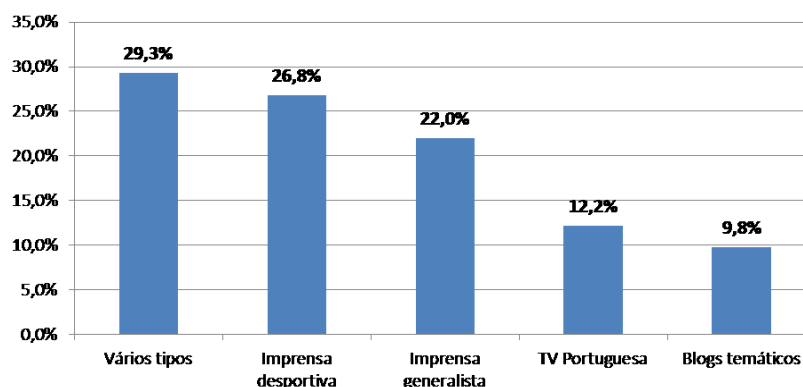
Se o fator nacionalidade, enquanto facto de integração formal destes jovens, pode ser um fator de afastamento do ciberespaço português, o tempo de permanência, independentemente da nacionalidade é um fator diferenciador bastante mais acentuado como se pode verificar no gráfico 5.17.

**Gráfico 5.17: Acesso a Sites/Blogues Portugueses por tempo de residência**



Quanto mais tempo os inquiridos residem na Suíça menor é o acesso a sites/blogues portugueses. Esta informação conjugada com os dados do gráfico anteriores das diferenças de nacionalidade sugere, mais uma vez, que estes jovens quanto mais imbuídos estão na sociedade e cultura suíças, têm menor propensão para recorrer ao ciberespaço português e, possivelmente, à própria cultura e realidade portuguesa. Contudo, é curioso verificar que apesar deste afastamento virtual, a vasta maioria dos inquiridos considera-se identificado com a cultura Portuguesa. Em resposta à questão “Ainda te identificas com a cultura Portuguesa”, 98,4% dos jovens responderam que “sim”, o que sugere que se sentem culturalmente ligados a Portugal apesar de não acederem a sites/blogues portugueses. Outra questão relevante nesta matéria é a da importância e utilidade da internet para quem está em situação de emigração: quase a totalidade dos inquiridos, 95,2%, considera que a internet é uma ferramenta indispensável para os emigrantes. Relativamente aos conteúdos portugueses acedidos, a maioria dos inquiridos indica que acedem a vários tipos de sites, entre os quais se destaca, a imprensa desportiva (gráfico 5.18).

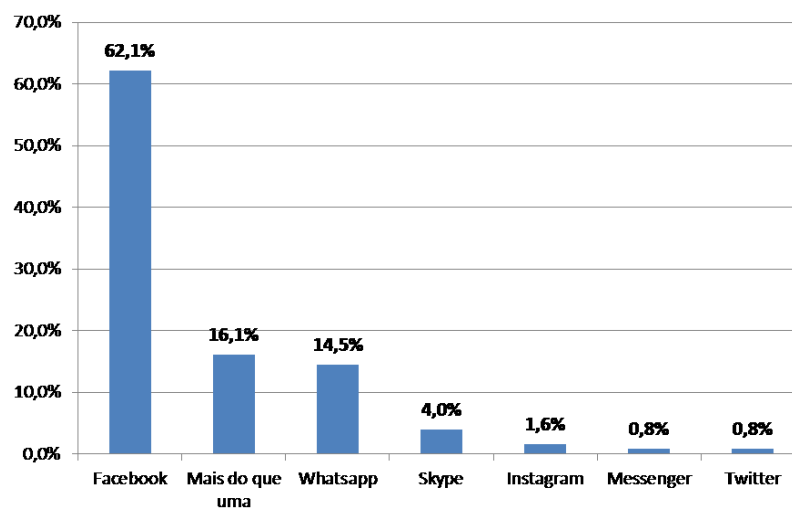
Gráfico 5.18: Tipos de Sites/blogues em português



### Quarta dimensão de análise: as redes sociais

Para efeitos de partilha de informações ou conteúdos com familiares e amigos em Portugal, o *Facebook* destaca-se dos restantes meios, 62,1%. Apenas 16,1% dos jovens referem que utilizam mais do que uma rede social.

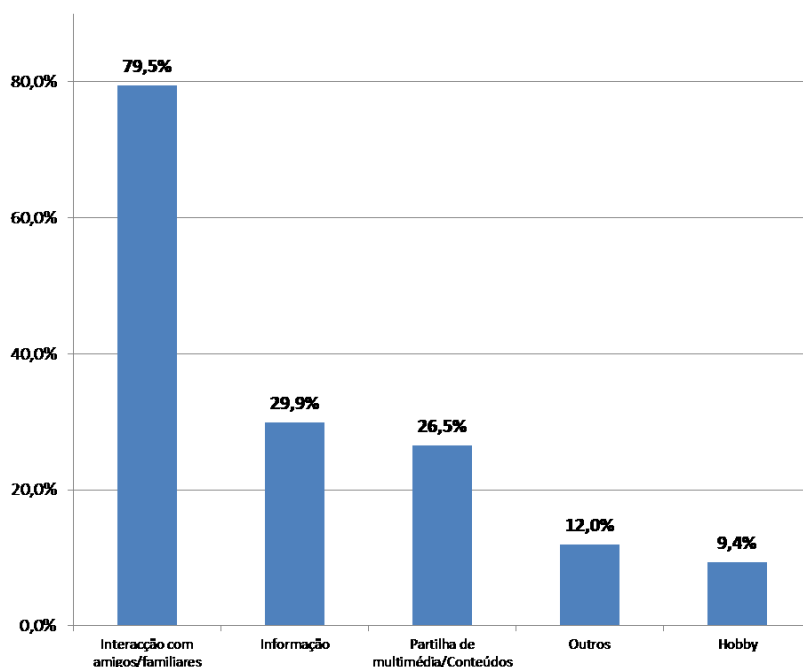
Gráfico 5.19: Rede Social mais utilizada para partilha de informações ou conteúdos com familiares e amigos em Portugal



O facto de 92,9% dos inquiridos terem conta ativa no *Facebook* reforça esta ideia de domínio do *Facebook* enquanto rede social junto dos jovens inquiridos. O *Facebook* (gráfico 5.20) é utilizado enquanto ferramenta de contacto/interacção com os familiares e amigos em Portugal 79,5%. Com menor presença, 29,9% dos jovens recorrem ao *Facebook* para se manterem informados ou informarem.

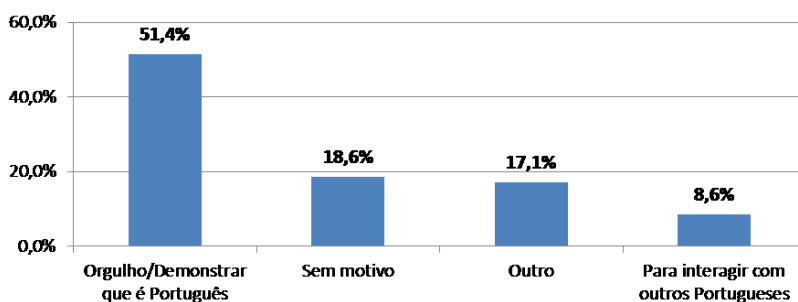
Com uma frequência inferior, de 26,5%, surge a partilha de multimédia e/ou outros conteúdos.

**Gráfico 5.20: Fins para os quais é utilizado o Facebook**

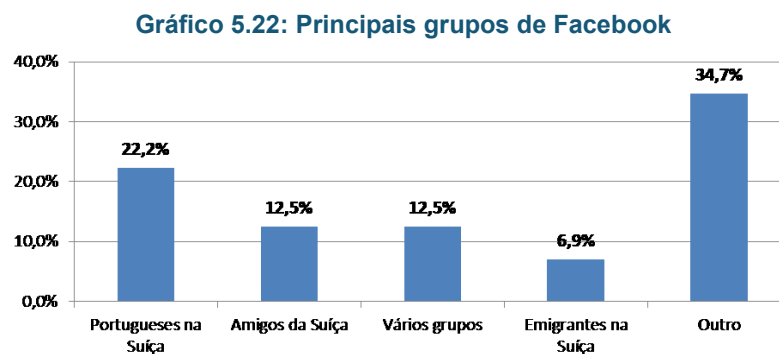


59,8% dos inquiridos fazem a afirmação pública da sua origem portuguesa no perfil dos *Facebook*. Quando questionados sobre os motivos, cerca de metade dos jovens, indica que sente orgulho e gosto em demonstrar a sua origem (gráfico 5.21). É também relevante referir que de todos os que mencionaram ter orgulho em divulgar a sua identidade Portuguesa, 94,4% têm apenas a nacionalidade Portuguesa. Na sequência deste dado, refira-se ainda, que 57,8% dos migrantes que possuem nacionalidade exclusivamente portuguesa tornam público a sua origem, face aos 41,2% dos que têm dupla nacionalidade.

**Gráfico 5.21: Motivos para ter a origem Portuguesa pública no perfil de Facebook**



Quanto à participação em grupos, 61,5% dos jovens inquiridos que têm conta ativa no *Facebook* indicam pertencer a um grupo constituído só por portugueses. A dispersão por vários grupos é grande, 34,7% indicam pertencer a um grupo que foi mencionado uma vez entre as respostas. Dos grupos mais referenciados pelos jovens surge o “Portugueses na Suíça” que conta com a presença de 22,2% destes jovens. É ainda de destacar que há 12,5% de jovens que pertencem a vários grupos indiciando uma vontade de contacto com a realidade Portuguesa no *Facebook*, podendo inclusive, pertencer em simultâneo aos restantes grupos, a saber, Portugueses na Suíça, Emigrantes na Suíça e Amigos da Suíça (gráfico 5.22).



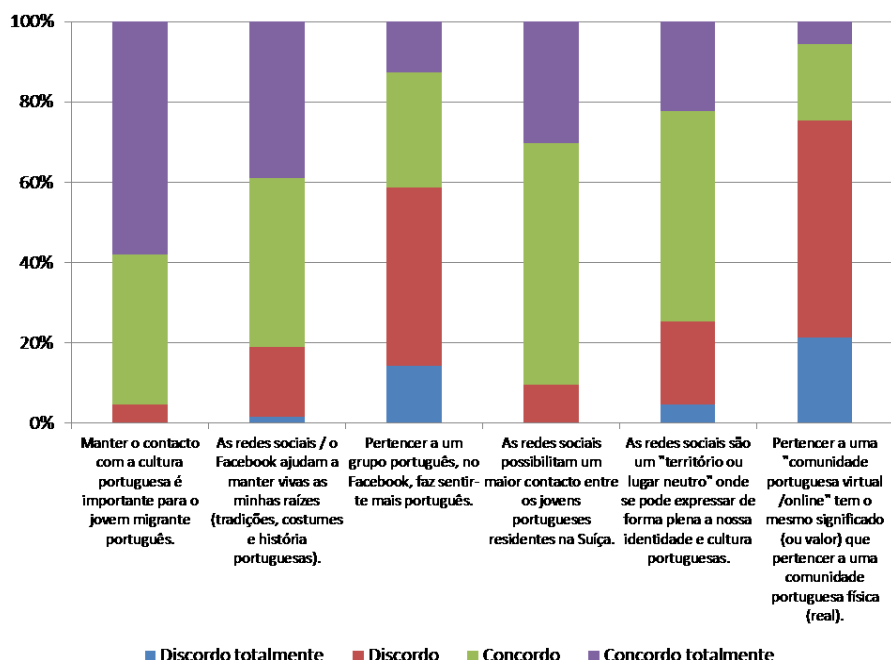
Em relação à questão da pertença ou não a um grupo diaspórico do *Facebook*, verifica-se que aqueles que não pertencem têm uma média de idades inferior aos que pertencem, 18,4 e 20,4 respetivamente. Não é uma diferença muito acentuada, mas considerando que todo o grupo em análise é bastante jovem (variando entre os 16 e os 23 anos) é possível sugerir que os mais novos tendem a não pertencer a estes grupos portugueses do *Facebook*.

#### **Quinta dimensão de análise: identidade cultural e redes sociais**

Após a aferição da relevância da internet enquanto ferramenta importante para jovens em situação de migração, bem como, do peso que a utilização do *Facebook* tem junto dos mesmos, torna-se pertinente analisar o modo como a

internet, no geral, as redes sociais, em particular, são ou não importantes para a afirmação da herança cultural portuguesa destes jovens migrantes.

**Gráfico 5.23: Nível de concordância com afirmações**



A primeira observação digna de destacar é o baixo nível de discordância na questão da importância para o jovem migrante em manter contacto com a cultura Portuguesa. Mais de metade (57,9%) concorda totalmente com essa importância e 37,3% concorda. Apenas 4,8% discordam dessa afirmação e é curioso verificar, que desses 4,8% apenas um tem dupla nacionalidade. Considera-se uma percentagem pouco significativa.

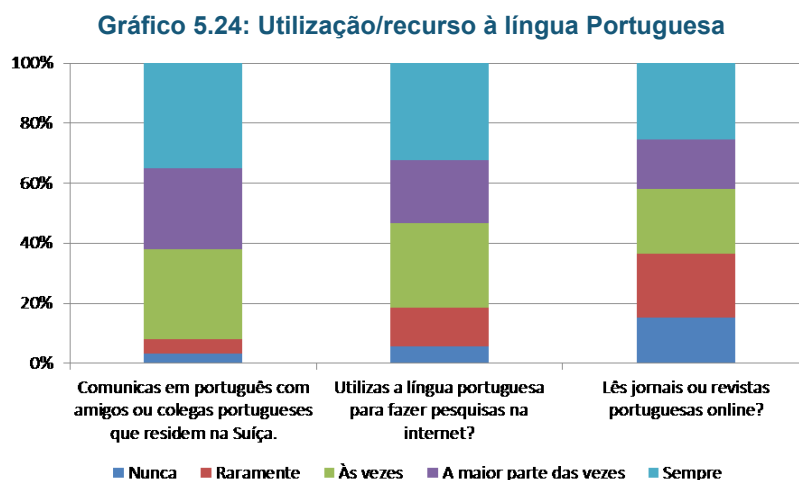
No geral, as afirmações em análise têm um nível de concordância elevado (quer seja concordo totalmente ou apenas concordo), apenas as duas afirmações que referem a pertença a uma comunidade/grupo Português têm níveis de discordância mais elevados. Este dado pode sugerir que as redes (enquanto espaços para divulgar, interagir, exprimir, aprender, etc.) são importantes na medida em que permitem o contacto e a ligação a uma identidade e cultura portuguesas. Todavia não é essencial que haja uma participação ativa em grupos, dado que a afirmação que apresenta o maior nível de discordância é a que

considera que pertencer a um grupo online tem o mesmo significado/valor que pertencer a uma comunidade física/real.

A importância do *Facebook*, para estes jovens, já foi de certa forma aferida anteriormente e a sua relação com o desenvolvimento interno da sua herança portuguesa está patente no elevado nível de concordância com a afirmação de que as redes sociais, no geral, e o *Facebook* em particular, ajudam a manter essa herança viva. Apesar de ligeiras flutuações nas respostas consoante a naturalidade, os padrões gerais são os mesmos para os jovens com nacionalidade portuguesa e com dupla nacionalidade.

### **Sexta dimensão de análise: língua e cultura portuguesas**

A língua é um dos principais elementos caracterizadores de uma cultura e um dos principais veículos da sua difusão. Quando se fala de grupos migratórios, de deslocação e afastamento da região geográfica de onde origina toda uma cultura, a relação desses grupos com a língua é um fator de análise muito importante. Independentemente das perceções que os jovens migrantes possam ter da sua identidade cultural ou até mesmo do orgulho que possam sentir face à sua herança/identidade, a utilização e recurso à língua é um dos principais veículos de construção da identidade e nesse sentido a frequência com que estes jovens utilizam a língua portuguesa é um dado essencial. No gráfico 5.24 é possível observar a frequência da utilização da língua portuguesa.



Na comunicação com outros portugueses as categorias “Nunca” e “Raramente” têm uma expressão quase residual, o que sugere um nível considerável da língua na interação com a restante comunidade Portuguesa, sendo que mais de metade indica que fala português com amigos ou colegas a maior parte das vezes ou sempre. Em termos de utilização da língua para pesquisar na internet o padrão é semelhante embora que haja um ligeiro aumento dos que raramente usam e dos que nunca usam, mas ainda em minoria. Quanto à consulta da imprensa Portuguesa, já se verifica um padrão diferente das restantes situações, o “Nunca” e o “Raramente” apresentam uma percentagem considerável. A questão da consulta ou menos consulta da imprensa portuguesa pode eventualmente remeter para duas possibilidades: a primeira é a não existência de hábitos de leitura de imprensa (relembre-se que a utilização do *Facebook* para se manterem informados tinha um peso considerável) e a segunda é o facto da imprensa em português poder não cobrir a realidade local e o recurso à imprensa local noutra língua ser a opção a tomar.

## **5.2. Apresentação dos dados etnográficos**

Na senda de Ribeiro (2003:226) o termo “etnografia é utilizado não só para referir uma forma particular de investigação, mas também o seu eventual produto escrito.” A pesquisa etnográfica baseia-se no trabalho de campo, no qual o investigador tem ao seu dispor uma variedade de métodos e técnicas de pesquisa. O “produto escrito do trabalho de campo - uma etnografia - retira os seus dados recolhidos durante o trabalho de campo, e por norma, deve dar ênfase ao detalhe descritivo” (Ellen, 1984; Hammersley e Atkinson, 1994 *apud* Ribeiro, 2003:226). Dito isto, a observação é “uma atividade complexa, inseparável da descrição de que constitui o primeiro passo ou prévio” (*ibidem*).

## Notas decorrentes da observação direta: descrição dos grupos diaspóricos

Imagem 5.1: Grupo I “Portugueses na Suíça”



Link: <https://www.facebook.com/groups/GrupoDosPortuguesesNaSuica/>

Com administrador desconhecido, o grupo fechado possui cerca de 22 875 membros (8/12/2015). Revendo os seus membros é possível afirmar que o grupo foi criado há mais de um ano. Na sua foto de capa facilmente se identifica a bandeira portuguesa pintada num rosto feminino tendo em plano de fundo, uma paisagem alpina coberta pela neve. Às palavras “portugueses na Suíça” foram atribuídas as três cores da bandeira portuguesa. A imagem capta a interceção de dois países distintos: Suíça e Portugal, traduzindo em pleno as grandes diferenças culturais: de um lado, um país “quente” e do outro, um país “frio”. Na descrição deste grupo, destaca-se um código de conduta: *“para uma convivência saudável entre todos os membros, pedimos que algumas regrinhas básicas sejam observadas em nosso Grupo: Assunto particular é para comentar em chat, reservado, e não aberto a todos. Evite comentar algo fora do assunto do tópico já aberto. (...) todos os perfis que violarem nossas REGRAS BÁSICAS serão banidos e, em casos mais graves, denunciados ao Facebook (em massa, via perfis amigos). Não aceitamos na nossa comunidade os tais “fakes” (perfis falsos), estamos banindo todos que encontrarmos! Mantenha a cordialidade, a educação e respeito, mesmo se você. não pratica isso no mundo real.”* O grupo assume na sua descrição “compra, venda e troca”, o que espelha na íntegra a maioria dos conteúdos publicados no seu mural. De um total de 1120 publicações

de venda é possível identificar as temáticas mais frequentes: **Vendas:** de artigos de cosmética, (lentes de contacto, extensão de pestanas, tratamentos faciais); de perfumaria, de emagrecimento, de calçado e roupa e acessórios de moda, direcionados ao público feminino; anúncios de imóveis em venda em Portugal (apartamentos e moradias). Existem vários anúncios de venda de automóveis e acessórios a eles associados (pneus, localizador de veículos); artigos eletrónicos, consolas de jogos, *smartphones*, mais vocacionados para o público masculino. Por fim, destacam-se outros artigos como a venda de móveis ou eletrodomésticos para casa, até mesmo, cães de raça diversa. Dentro das vendas, publicitam-se, igualmente, artigos tradicionais (toalhas bordadas, ou lenços minhotos), e produtos da gastronomia (vinhos, azeite e pratos regionais) e mercearia portuguesa. **Prestação de serviços:** anúncios a publicitar apoio jurídico, cursos e aulas particulares de alemão, apoio informático (TV box satélite, andróides, câmeras, *gadgets* e sistemas operativos), transportadoras portuguesas, consultas de *Tarot* e tatuagens. Produção de eventos (Altosom produções) e animações musicais de festas (Tody Moreira).

**Eventos culturais:** divulgação de festas e eventos culturais portugueses (Festa Ibérica, concertos ao vivo de fadistas, artistas de música popular portuguesa, bandas portuguesas (Daniel Fernandes, Joana Cota, Miguel de Paiva, João Baltazar, a dupla “Versus”, Chico Moreno, Banda Miranka, Dj “Miss In” entre outros). Enquadram-se aqui, a divulgação de rádios portuguesas (Rádio da margem Sul, RDS - Rádio de sempre, Rádio de Portugal, Rádio e TV Lusa e Rádio Onda Tuga).

**Vídeos sobre a cultura e tradição portuguesas:** numa observação mais atenta e insistente é possível encontrar alguns vídeos de índole turístico-cultural de Portugal, nomeadamente das regiões norte do país. Interessantes, são as publicações de duas páginas: “Ser transmontano” uma página etnográfica, disponível em <https://www.facebook.com/sertransmontano/> com 27 704 “Gostos” e “Descobrir Alentejo” disponível em <https://www.facebook.com/Descobrir-Alentejo-1598189133758057/timeline> com 24 032 “Gostos”. Existem vídeos dedicados aos emigrantes outros de componente histórico-cultural, como por

exemplo, “Espinho dos nossos avós”, “Regressar às origens Minho”, “Mira Saudades” ou “Regressar às origens - um Portugal deslumbrante”. Dentro da temática audiovisual, encontra-se “A Porta Santa de Fátima” de índole católica. Ainda se registam vídeos autopromocionais de cantores populares portugueses. **Lazer/ócio:** várias anedotas, vídeos de situações hilariantes. Mensagens animadas em formato (.gif) com conteúdos católicos, orações do dia e ainda mensagens a desejar os “bons dias, boa noite, bom ano”.

**Notícias:** os conteúdos noticiosos (alguns suportes audiovisuais) no domínio político-social em Portugal e no âmbito desportivo (vídeos com entrevistas dadas por treinadores de clubes de futebol portugueses). Destaca-se o jornal do Algarve.

**Anúncios de emprego:** sobretudo de consultoria na área da cosmética e no ramo imobiliário.

“Portugueses na Suíça” é um grupo com atualizações constantes; sendo por isso, necessário tempo e disponibilidade para visualizar todas as publicações existentes. Todavia, a interação entre membros é quase nula e quando se regista é fora da faixa etária em estudo.

Imagem 5.2: Grupo II “Amigos da Suíça”



Link: <https://www.facebook.com/groups/161682717352156/?ref=ts>

Criado em 2014, o grupo fechado “Amigos da Suíça” possui cerca de 11 186 membros e é administrado por um português de Vila Real a residir em Nyon, Suíça. A adesão a este grupo é feita mediante um pedido, posteriormente aceite ou não pelo administrador. Em oposição aos grupos anteriores, destaca-se a sua foto de capa, pelo facto de não possuir qualquer indício que permita uma associação a Portugal ou à cultura portuguesa. Neste grupo é possível vender artigos, iniciar discussões e até mesmo fazer sondagens; é igualmente possível, aceder à sua lista de membros, fotos, eventos e outros ficheiros bem como convidar potenciais membros através do e-mail. Registam-se, a 29/12/2015, um total de 1448 publicações de venda. As **vendas** são na sua maioria de automóveis, motos, bicicletas em segunda-mão, perfumes de personalidades portuguesas (Mikael Carreira, Cristina Ferreira ou Cristiano Ronaldo), produtos de emagrecimentos, bijutaria em prata, artigos de moda para senhora e criança, camisolas de futebol, calçado, *smartphones*, jogos, eletrodomésticos e mobiliário de casa usado. No mural, é visível **publicidade** feita pelos proprietários de negócios portugueses de pequena dimensão tais como lojas de moda (*online*), salões de cosmética, restaurantes, lojas de informática, pequenas mercearias com produtos regionais ou tradicionais (vinhos, enchidos, azeite e bacalhau graúdo) e pastelarias (pastéis de nata). Por seu turno, também se publicitam anúncios de **prestações de serviços** na área da contabilidade, créditos ou empréstimos a particulares; na área da saúde dentária e da cosmética; *babysitting*, consultas de Tarot e magia cigana; serviços de transportes ou mudanças; cursos de *Reiki*, cursos intensivos de Alemão, aulas de acordeão. No ramo imobiliário, constata-se anúncios de aluguer de casas de férias em Portugal, em zonas costeiras; anúncios de aluguer de apartamentos na Suíça. Por fim, é feita a divulgação de eventos e festas portuguesas, sendo a Rádio e TV Lusa um dos canais privilegiado através do qual se registam em formato audiovisual, festas e acontecimentos da comunidade portuguesa. No que respeita à interação entre membros, seja de forma reativa ou mútua é praticamente nula. Verificando o número de “gostos” facilmente comprovamos essa ausência de interação.

### 5.3. Observação participante nas páginas individuais dos jovens migrantes selecionados

Na presente investigação, os pressupostos etnográficos nos quais assenta a observação participante, foram interiorizados e reproduzidos na íntegra no terreno. A observação participante nas páginas e cronologias individuais dos jovens migrantes na rede social *Facebook* pretendeu caracterizar o perfil dos jovens participantes, identificar traços identitários portugueses que revelem a manutenção do contacto com amigos e familiares em Portugal e de preservação ou afirmação da sua identidade de origem. A troca de informações efetuou-se, via “*Messenger*”, uma aplicação (*App*) disponível no *Facebook*.

Antes de se proceder à apresentação dos dados etnográficos recolhidos, clarifica-se o termo observação participante. Na senda de Ribeiro (2003), a observação participante, “não é a única estratégia nem é uma estratégia única de investigação em antropologia”. Este tipo de observação traduz-se pela presença física de longa duração de um investigador no seu terreno (Kilani, 1996:48 *apud* Ribeiro, 2003:213) e o conseqüente envolvimento pessoal com aqueles que são estudados, incluindo a participação nas suas vidas (Ribeiro, 2003:217). Numa primeira abordagem, este termo complexo, indica duas atividades contraditórias, mas que se complementam entre si: “observar enquanto se participa e participar enquanto se observa.” Corroborando O’Reilly (2005):

“Participant observation is a problematic term for a method for two reasons. First is not really a method on its own: it involves making notes, asking questions, doing interviews, collecting data, drawing up lists, constructing databases, being active in research. It is never simply a matter of participating and observing. (...) to *participate* involves getting involved, joining in, being subjective, immersing yourself; to *observe* involves being subjective, keeping your emotional and perhaps physical distance, being scientific, clear-eyed, unbiased critical. This tension (...) it is what gives participant observation its strength.” (O’Reilly, 2005:101-102).

Assim, a observação participante envolve uma diversidade de ações como tirar notas decorrentes da observação, levantar questões, recolher dados e construir bases de dados. O investigador deve envolver-se e participar na interação,

porém, deve manter uma distância física e emocional por forma a garantir um olhar crítico e reflexivo - ser científico e ético.

Quadro 5.5: Perfil 1

Nome	Idade	Onde vem? Onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página do Facebook
Ana	23 anos	Vila Real Zurique	12º ano Profissional		<a href="https://www.facebook.com/ana.vilela.12?fref=ts">https://www.facebook.com/ana.vilela.12?fref=ts</a>  444 "amigos"

**Foto:** publicada a 2 de Maio, aniversário da Ana, a comer uma francesinha na companhia do namorado, num restaurante português em Schlieren, Cantão de Zurique, Suíça.

Ana foi um dos contactos acionados através da minha rede no *Facebook*. Foi necessário algum tempo para ganhar a sua confiança e extrair alguma informação. Ana mostrou-se disponível embora muito contida e reservada. Devido à escassez de oportunidades de trabalho em Portugal, sobretudo no norte do país, a Ana decidiu aproveitar o estatuto de imigrante do pai para se estabelecer na Suíça. Está em Zurique há 4 anos e a trabalhar no ramo das limpezas domésticas. Contudo, ao longo deste tempo, tem apostado na aquisição de suas competências linguísticas, frequentando cursos de alemão que lhe irão facilitar o acesso à formação profissional na área da cosmética. Ana partilha, no *Facebook*, os momentos em que realiza visitas de estudo com as colegas de curso e os diplomas profissionais que vai conquistando. Na sua cronologia, encontramos imagens da gastronomia portuguesa em restaurantes portugueses em Zurique: francesinhas, bolos de amêndoa e de aniversário, tipicamente portugueses. Também se registam outros produtos de artistas portugueses, como perfumes. Confirma-se a interação entre familiares e amigos que estão em Portugal e na Suíça. São visíveis convívios: em Portugal; casamento dos primos; em Zurique convivemos com familiares. Para ela, o *Facebook* é importante para

manter o contacto com os amigos e familiares que estão não só em Portugal como também na Suíça. No seu aniversário, dia 2 de Maio de 2015, o número total de pessoas que a parabenizaram, foi de 63, das quais 41 residem em Portugal e a grande maioria a residir em Vila Real. O que significa que é seguida pelos familiares e amigos em Portugal corroborando, uma vez mais, o *Facebook* como plataforma mediadora do contacto com o país natal. Destacam-se os seguintes comentários:

**Ana Moreira** (Vila Real) para Ana Vilela, 2 de Maio 2015:

*“Parabéns priminha.□”*

**João Moreira** (Vila Real) para Ana Vilela, 2 de Maio de 2015:

*“Feliz aniversário prima, que este dia corra tudo como tu quiseres, beijinho grande.”*

**Andreia Teixeira** (Zurique) para Ana Varela, 2 de Maio de 2015:

*“Mts Parabéns minha linda que tenhas um dia cheio de coisas boas priminha □□□”*

Ana confidenciou-me que gosta de estar informada e de saber o que se passa na comunidade portuguesa. Para o efeito tornou-se membro de alguns grupos, entre os quais “Portugueses na Suíça”. O motivo da adesão a este grupo, segundo ela, prende-se com facto de se *“publicarem coisas para venda e produtos regionais e por isso despertou-me o interesse.”* Diz que através deste grupo está, igualmente, a par dos últimos eventos e festas da comunidade. Aproveitando a questão das festas, questionei se os jovens estão muito presentes nesses eventos. Ana respondeu: *“fui a uma festa divulgada no Facebook. A última “Made in Portugal” foi em Outubro (2015) os jovens aderem muito a festas.”* Pedi-lhe a sua opinião sobre o facto de os jovens não serem interativos nesse grupo, respondeu: *“talvez, porque não gostem de se comunicar entre eles e alguns por vergonha. Os jovens em relação aos mais velhos têm vergonha de se exprimirem e de publicar as coisas (...) fecham-se mais nesses grupos e pouco lhes ligam. Mas eles têm sempre interesse em saber das coisas e das suas raízes.”*

É possível inferir que apesar de estarem atentos e atualizados através destes grupos, os jovens preferem manter-se “invisíveis”, sendo mais ativos *offline*.

Ana comunica sobretudo em português.

Quadro 5.6: Perfil 2

Nome	Idade	De onde vem? onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página do Facebook
José	21 anos	Braga Zurique	Curso profissional na área da construção civil		<a href="https://www.facebook.com/jose.pedro.104?ref=ts">https://www.facebook.com/jose.pedro.104?ref=ts</a>  809 "amigos"

**Foto:** “ Concurso Mister Casa do Benfica de Zurique” publicada a 20/04/2015, Schlieren, Suíça.

José vive, desde os seis anos de idade, com os pais e o irmão mais novo em Zurique. A sua página no *Facebook*, serve entre outros propósitos, para manter o contacto com os familiares e amigos que deixou em Portugal. Pese embora, numa primeira observação possa parecer uma página de um jovem português não-migrante que gosta muito de futebol, de festas e eventos. Observando com maior acuidade a sua cronologia, desde 2008, são vários os momentos que testemunham, através da partilha de imagens, as férias passadas em Braga, Portugal, na companhia dos seus amigos e familiares próximos. Contudo, fruto da sua integração de quinze anos a esta data, o José possui uma vasta rede de amigos que se dividem entre amigos e família em Portugal, família emigrada na Suíça, amigos portugueses que vai conhecendo ao longo do seu trajeto de vida e amigos suíços [ou até mesmo de outros migrantes] que tal como ele vivem em Zurique. Este facto é corroborado pela utilização do português e do suíço-alemão como línguas de contacto no seu perfil. A foto escolhida capta não só o momento em que ganhou o título de “Mister Casa do Benfica em Zurique” (20/04/2015) como também reforça a ligação do José a um clube de futebol português, ou seja, a Portugal. Neste clube conhece outros portugueses com quem convive e partilha momentos de futebol. O facto de partilhar, tornar público as fotos em que usa o equipamento do Benfica, os seus treinos no ginásio e vídeos dos treinos ou jogos

em que participa, revela que através do futebol, e em modo *offline*, preserva a sua identidade e cultura portuguesas. Zé, como gosta de ser chamado é frequentador da igreja católica portuguesa em Zurique tendo feito a primeira comunhão e o crisma na Suíça.

Quadro 5.7: Perfil 3

Nome	Idade	De onde vem? onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página do Facebook
Anabela	23 anos	Braga Zurique	Lic. Enfermagem		<a href="https://www.facebook.com/AnabelaPinto13?fref=ts">https://www.facebook.com/AnabelaPinto13?fref=ts</a> 598 "amigos"

**Foto:** despedida do seu clube de futebol - ACRD Pico Regalos Feminino; Braga-Vila Verde; página do jornal desportivo Val do Homem, a 11 de Novembro de 2014.

Anabela é prima direita de José. Emigrou para a Suíça na esperança de um futuro promissor e de realização profissional. Ter os tios (pais de José) a residir em Zurique facilitou a sua entrada neste país. Para trás ficaram os pais, os familiares, o namorado e as amigas chegadas. É visível, na sua página do *Facebook*, a alteração de conteúdos e o mês (Outubro de 2014) da sua partida para a Suíça. Anabela possui uma grande paixão pelo futebol a sua página e amizades assim o corroboram. A interação é feita pelas amigas mais próximas que são as suas colegas de equipa. Nota-se uma grande cumplicidade entre todas, contudo, a maioria dos comentários pertencem a Sara, que vive em Braga e aproveita a rede social para comunicar com Anabela, com o propósito de não ser esquecida. Na barra do menu da cronologia, nas suas informações, Anabela refere três familiares que são precisamente as amigas mais ativas nas suas publicações.

A título de exemplo:

**Sara Bernardino** 😊 a sentir-se nostálgica, a 2 de Dezembro de 2014

*“E a saudade já aperta...Parece que já foste a tanto tempo, milhares de km que nos separam fisicamente...”*

**Sara Bernardino**, a 13 de Janeiro de 2015

*“Saudades tuas minha Capitã”* ☐


**Anabela Pinto**, responde:

*“Também tenho saudades tuas minha gémea”* ☐

Anabela diz que não faz publicações senão quando acha *“que realmente vale a pena ou é mesmo importante.”* Relativamente à necessidade em publicar mais conteúdos ou mensagens mais saudosistas, *“acho que isso se deve a ainda estar pouco tempo cá. Se calhar à medida que os anos passem poderei agir de outra forma não sei.”* Anabela é membro de alguns grupos no *Facebook*, mas todos relacionados com a sua área académica - Enfermagem. Quando questionada, quanto ao motivo de não pertencer a nenhum grupo diaspórico no *Facebook* responde: *“ não pertenço a nenhum da comunidade portuguesa, não os acho interessantes.”* *A imagem que tenho deles é muito má, não tanto pelo que publicam, mas sim pelo que respondem (...) há muita gente a falar do que não sabe. Acho que a comunidade portuguesa que está aqui não representa Portugal. São pessoas com pouca formação e raras são aquelas que se integraram com a comunidade do país de acolhimento.”*

Em jeito de síntese, analisando o seu perfil e cronologia, destaca-se a utilização do *Facebook* como forma de “matar” as saudades, de “reviver” os momentos de um passado recente, que não quer que passem a um passado distante e definitivo. Para o efeito as três amigas que vivem em Portugal, tudo fazem para manter as memórias dos bons momentos vividos em conjunto, por forma a não serem esquecidas, corroborando o provérbio português, “quem não é visto é esquecido.” A língua portuguesa é a língua mais utilizada, contudo, Anabela faz algumas publicações na língua alemã.

Quadro 5.8: Perfil 4

Nome	Idade	De onde vem? onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página do Facebook
Emanuel	23 anos	Genebra Zurique	Lic. em Engenharia Civil		<a href="https://www.facebook.com/emanuel.conde.9?fref=photo">https://www.facebook.com/emanuel.conde.9?fref=photo</a> 777 "amigos"

**Foto:** Avô e neto! 15 de Novembro de 2015, Caldas da Rainha, Portugal, Arraial Festa Painho


No decorrer da observação participante com a Anabela, tomei conhecimento de que o seu namorado, Emanuel, já se encontrava a caminho da Suíça. Enviei-lhe o link com o inquérito por questionário *online* e posteriormente iniciei a observação participante. O Emanuel é filho de dois ex-emigrantes residentes em Grabs no Cantão de St. Gallen, Suíça. Com poucos meses de vida regressa definitivamente a Painho, Portugal. Devido ao ambiente onde foi criado nutre uma grande paixão pela música, visível nos vídeos em que se promove. Registam-se interações com alguns amigos e familiares, mas sobretudo, com a namorada Anabela que emigrou. Emanuel tenta atenuar as saudades interagindo no seu mural e no da sua namorada. Na sua cronologia, deixa um comentário "Saudades" numa foto da Cidade de Leiria. Agora em contexto migratório, vai publicando fotos com a Anabela em diferentes cenários da cidade de Zurique, a cidade onde vivem. Confidenciou que possui uma página no *Facebook* "fãs do Emanuel", mas é nos grupos privados de amigos que comunica de forma mais ativa. Aproveitando o tema grupos, questionei se pertencia a algum grupo de emigrantes no *Facebook*, respondeu, não. Enviei-lhe um *link* com um dos grupos mais referidos no inquérito por questionário pedindo-lhe a opinião. Emanuel escreveu: *"pois, era o que esperava digamos que, na minha modesta opinião, é desinteressante!"*

*Sinceramente não só é esse grupo, mas todos os grupos "virtuais" que tentam simular uma espécie de comunidade real. À priori não me chama a atenção, pois acho que um "grupo" deste género deveria ser principalmente para a partilha de experiências e por exemplo ajuda mútua." Não me identifico. No entanto, acho que apesar de ser um grupo com um suposto nome que remete aos "emigrantes na Suíça", no seu conteúdo nada ou quase nada se relaciona com tal tema; eu gosto de grupos e páginas, digamos que mais concretas. Mas isto é a minha opinião, acho que a internet e neste caso o Facebook, disponibiliza muitas funcionalidades superinteressantes que são muito úteis quando bem aproveitadas, porém, na maioria das vezes esses recursos são usados sem qualquer fundamento."*

Apesar da curta de experiência como emigrante, corroborou a importância do papel do *Facebook*, na manutenção do contacto com familiares e amigos em Portugal, em particular, na preservação das origens e conseqüentemente da identidade cultural portuguesa: *"os portugueses emigrados tendem a esquecer o bom do nosso país. Pelo menos no que toca a falar da crise e de política nunca falta novidades, porém o que realmente deveriam recordar, por vezes esquecem. No que toca à saudade, com tantas páginas de cidades, aldeias, etc. podemos manter as nossas origens vivas e torna-se mais fácil suportar a distância."*

Numa das minhas deslocações a Zurique tive oportunidade de conhecer o casal Anabela e Emanuel. Em *offline*, ambos corroboraram a importância do *Facebook*, mas preferem outras redes sociais como o "Skype" e o "WhatsApp" para o contacto diário com os familiares mais chegados, pais e irmãos que se encontram em Portugal.

Quadro 5.9: Perfil 5

Nome	Idade	De onde vem? Onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página no Facebook
João	18 anos	Vila Real St. António Zurique	9º ano Trabalha no ramo das limpezas		<a href="https://www.facebook.com/joao.carlos.9?ref=ts">https:// www.facebook.co m/joao.carlos.9? ref=ts</a>  2890 "amigos"

**Foto:** publicada a 27 de Novembro de 2015 assinalar os seus 3 anos na Suíça

Conheci o João através do José, também participante na pesquisa (perfil 2). Ambos responderam ao inquérito por questionário online. João e José partilham a mesma paixão pelo futebol e são jogadores da Casa do Benfica em Zurique. Há precisamente três anos, João com 15 anos e com o 9º ano concluído, decidiu ir ao encontro do seu pai para tentar uma melhor sorte. O seu pai, identificado nas publicações do seu mural, reside em Zurique. No seu álbum de fotos *no Facebook*, encontram-se momentos do seu dia-a-a, fotos da gastronomia e pastelaria portuguesa (francesinhas, pudim de ovos ou torta de laranja). No entanto é a sua ligação ao futebol que mais relevo tem, sendo por isso mais foto documentada.

Uma publicação curiosa foi a que partilhou a 27 de Novembro de 2015:

*“hoje faz 3 anos e 5 meses que cheguei a este país que já muito me deu, hoje só posso agradecer a todas a pessoas que me ajudaram ao longo de todo este tempo, na adaptação etc., muito agradecido aos verdadeiros amigos sem eles não seria tão fácil como foi e como está a ser. Claro um agradecimento especial ao meu Pai e à minha segunda Mãe que me deu a oportunidade de estar aqui, sem eles não estaria cá e nunca teria conhecido as pessoas de quem realmente tanto gosto. Estou bastante agradecido por tudo que vocês dois têm feito por mim*

*e continuam a fazer, só posso dizer que também irei estar aqui do vosso lado para o que for preciso.”* Dos 39 “gostos” 13 são de amigos e família em Portugal (Vila Real, Matosinhos, Mourão, Faro, Lisboa, Évora), 2 de amigos que estão em Colónia (Alemanha) e em Luanda (Angola) e os restantes 23 “gostos” pertencem a emigrantes portugueses maioritariamente do cantão de Zurique. Outra publicação, acompanhada pela foto de uma criança, João escreve:

*“Hoje (19/11/2015) faz anos o primo mais fofinho do mundo, mais um anito que passou e já estás a ficar um homem. Dava tudo para poder estar ao pé de ti e ouvir a tua voz e ver as tuas brincadeiras malucas. Em breve estarei aí ao pé de ti pequenino. Muitos muitos parabéns, espero que recebas muitas prendinhas e que a tua festa seja muito grande como tu gostas... Já não falta muito para ver se tu já estás feito um homenzinho ou se ainda bebes leite do biberon. Mais uma vez parabéns e um beijinho muito grande do primo!”* □

Estas publicações, para além de outras, corroboram, de certa forma, um dos propósitos e a abrangência da rede social em apreço, para comunicar e preservar os laços familiares e de amizade com quem está em Portugal e na Suíça. Sublinha-se: *“Dava tudo para poder estar ao pé de ti e de ouvir a tua voz...em breve estarei aí... já não falta muito”*. Com esta mensagem, João demonstra a forte vontade em estar próximo, um sentimento enorme de saudade de quem está longe, sendo esta a forma encontrada para se expressar e remediar a ausência física e a distância geográfica. Questão curiosa e pouco habitual nestas idades, tendo em conta que os jovens gostam de ter privacidade, é o facto de o pai e a mãe interagirem muito na sua página. Durante as nossas conversas via “Messenger” sobre outros propósitos da utilização do *Facebook*, respondeu: *“Como já disse (no inquérito por questionário) utilizo o Facebook para ver novidades dos dois países e para divulgar a nossa página desportiva: os Aprendizizes Futsal”*.

João é membro do grupo “Amigos na Suíça” e “Amigos portugueses na Suíça para convívio” e gosta da página: “Emigrantes Portugueses” cujo mote: *“és Português e moras fora de Portugal? Manda uma foto! Não te esqueças do teu*

*nome, localidade de Portugal e onde moras fora de Portugal (País e cidade). Partilha a nossa página pelos teus amigos!*

Resumindo, existe de facto interação entre familiares em Portugal e na Suíça, em concreto, a família chegada: pai, mãe, primos e tios. O seu perfil, no *Facebook*, corrobora ser uma via de contacto e de informação quer com o país de origem quer com o país de destino. Quanto à utilização da língua portuguesa, esta continua a ser a privilegiada para comunicar no *Facebook*, se bem que, pontualmente, já se registe o recurso ao suíço-alemão, o que espelha uma boa integração neste país de acolhimento.

**Quadro 5.10: Perfil 6**

Nome	Idade	De onde vem? onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página do Facebook
Mónica	23 anos	nasceu em Zurique	Profissional da área da saúde, num hospital em Zurique		<a href="https://www.facebook.com/monica.carvalhais.9?fref=ts">https://www.facebook.com/monica.carvalhais.9?fref=ts</a>

**Foto:** publicada a 28 de Junho de 2015, “My life, my passion, my love ❤️ [#ranchoclz](#)”

Nasceu na Suíça, casada e neste momento a fazer um curso profissional na área da saúde. Mónica utiliza o *Facebook* para comunicar e contactar com os seus amigos e familiares que se encontram quer em Portugal quer na Suíça. Ao manifestar-se num dos grupos em que o questionário foi publicado, decido contactar a Mónica de imediato via chat. A sua cronologia revela a sua paixão, desde pequena, pelo Folclore através das fotos que publica trajada com fatos regionais. Questionada sobre a utilização da sua própria página do *Facebook* para se manter ligada a familiares e amigos em Portugal, Mónica responde:

*“(...) sim, o Facebook é a onde tenho mais contactos com os meus familiares de Portugal. Nasci aqui identifico-me como emigrante, mas para mim a Suíça também é a minha casa.”* Reiterando *“a Suíça também é a minha casa”*.

Num dos eventos mais importantes da sua vida, o dia em que se casou (13 de Agosto de 2015), Mónica partilha uma foto desse momento escreve *“Best day of my life ♡”*. A foto teve um total de 54 “gostos” incluindo 2 “gostos” dos noivos. Assim sendo de um total de 52, os “gostos” distribuem-se da seguinte forma: 35 de familiares e colegas de trabalho a residir na Suíça, 15 pertencentes a familiares ou amigos em Portugal e 2 por apurar. Mónica concorda que os jovens portugueses criam a sua própria rede de contactos com Portugal, nas suas páginas do *Facebook*, mas acredita, que essa não é a única via de manter contactos com a cultura portuguesa. A esse respeito, disse: *“eu não é só por Facebook que mantenho o contacto com a cultura portuguesa, e penso que muitos jovens também não. Se é de Zurique este sábado (7/09/2015) há o festival do Rancho Clube Lusitano de Zurique (CLZ) penso que se fosse lá, fazia o questionário aos jovens e via que há mais participantes jovens.”* Mónica, enfatiza:

*“os jovens aderem muito a esses eventos. Eu já ando no rancho desde pequena e aqui na Suíça, há muita gente jovem.”* Pediu a sua opinião sobre o facto do *Facebook*, enquanto rede social, ter um papel importante na divulgação de festas e eventos portugueses. Mónica responde, *“sim quase tudo, mas muita coisa também é de conviver com as pessoas do rancho, e assim.”*

Por outras palavras, pode interpretar-se que o *Facebook* tem um papel determinante no alcance da divulgação de festas e eventos, porém, os centros ou clubes associativos continuam paralelamente (*offline*) a ser um importante veículo de informação sobretudo na transmissão “boca-a-boca.”

Durante a nossa interação via chat, fiquei a saber que em Novembro de 2013, a Mónica criou um grupo fechado no *Facebook* como nome de “Festas Portuguesas na Suíça”<sup>61</sup>. Este grupo tem como objetivo divulgar, promover e organizar festas e


---

<sup>61</sup> *Link* do grupo disponível em <https://www.facebook.com/groups/232408566908301/?fref=ts> (acesso em Agosto de 2015)

eventos para a comunidade portuguesa a viver na Suíça. Aproveitando o tema “grupo”, perguntei qual a sua opinião sobre o facto de os jovens não serem mais dinâmicos nos grupos de emigrantes. Mónica diz, “(...) *porque provavelmente não têm lá nada que lhes interesse ou não sei, penso que os jovens estão mais interessados em sair com amigos ou escrever com amigos do que estar a ver grupos ou essas coisas. Nos grupos acho que tem mais pessoas entre os 25-45 ou mais de idade.*” Insistindo um pouco mais, perguntei se essa falta de interação estaria somente relacionada “com o não ter interesse” ou pelo facto de eles não se identificarem como “emigrantes” ou com a “comunidade” de emigrantes respondeu: “*penso mais que é por não estarem com interesse. Isso depende muito. Quem nasceu aqui talvez não se identifique tanto como quem veio depois como emigrante.*”

Analisando o seu perfil e mural é notória a utilização da rede, sobretudo para partilhar os grandes momentos da sua vida, sendo um deles a sua paixão em pertencer a um Rancho Folclórico desde da sua infância. Essa partilha e o tornar pública essa paixão permite aferir que a sua identidade cultural é preservada tendo mesmo nascido em Zurique, Suíça.

**Quadro 5.11: Perfil 7**

Nome	Idade	De onde vem? onde vive?	Habilitações	Foto	Link da sua página do Facebook
Ricardo	22 anos	Caldas de Vizela, Braga Solothurn	12º ano profissional - Empregado de escritório numa seguradora		<a href="https://www.facebook.com/ricardoteixeira1993?ref=ts">https://www.facebook.com/ricardoteixeira1993?ref=ts</a> 137 “amigos”

**Foto:** #Portuguese #castle #Guimarães #Portugal #October #2015 🇵🇹

Emigrou para a Confederação Helvética aos 18 anos, devido à falta de perspectivas de futuro em Portugal. Trilha o caminho do seu pai, também ele emigrante na Suíça, há sete anos. A observação participante concretiza-se a 5 de Setembro de 2015, apesar de desde Agosto, se mostrar disponível ao meu apelo em publicar o inquérito por questionário no grupo que Ricardo criou, no *Facebook*, para a comunidade portuguesa.

Ricardo, é um rapaz reservado, mas muito determinado. Embora não se registem interações entre amigos ou familiares, as suas publicações comprovam o uso da sua página para dar a conhecer aos amigos suíços e estrangeiros o melhor do seu país e da sua cultura portuguesa. A sua cronologia é peculiar, como foto de capa escolheu o Padrão dos Descobrimentos. Possui um pequeno acervo, muito cuidado, de fotos de cidades e regiões portuguesas, tais como Lisboa, Porto, Guimarães, Algarve e Madeira e alguns vídeos que promovem Portugal como destino turístico. Denota-se a necessidade de identificação cultural: mostrar não só quem é, mas também mostrar as suas raízes. Outro aspeto presente e passível de interpretação, é a sua preocupação em passar a imagem de um Português integrado e viajado (imagem essa contrária ao que os suíços têm em relação aos portugueses) partilhando fotos dos diferentes países onde tem passado férias, como a Grécia, Egito ou Turquia. Relativamente à utilização do *Facebook*, afirmou: “*para mim que vivo distante, o Facebook, permite estar constantemente a ler notícias de Portugal, manter-me atualizado nas mais diversas áreas.*”

Passando a pente fino a sua cronologia, encontrei uma publicação pertinente, onde manifesta o seu contributo cívico e a sua preocupação pelo futuro político do seu país. A 21/09/2015 publica:

*“Carta enviada! Voto para as eleições a caminho. Vantagem emigrante voto antecipado”* ☐ 🇵🇹 ☐ 🇨🇭 ☐ ☐

Durante as nossas conversas, via Messenger, confessou que antes de ter formado o grupo nesta rede social, criou um *blog*, pensando que o *blog* seria a melhor via para comunicar com jovens portugueses que se encontram na sua situação, trocar experiências com outros tantos que já nasceram na Suíça ou com quem se encontra há mais tempo neste país. Porém, as suas expectativas foram

defraudadas devido à baixa receptividade do seu *blog* por parte dos jovens, o que o levou a abandonar esse projeto de imediato. Não se dando por vencido, aproveitou e explorou as potencialidades da Rede Social *Facebook*, criando, em Junho de 2015, um grupo direcionado a emigrantes portugueses<sup>62</sup> na Suíça. Apesar de sentir uma grande satisfação pessoal com a sua “criação”, partilhou a sua opinião sobre alguns grupos existentes:

*“(...) não são muito interessantes estão cheios de SPAM, alguns têm interesse, mas muitos não. Há muitos grupos e páginas de portugueses na Suíça, mas não me identifico com nenhum, deixam publicar coisas que não fazem nada sentido com o tema do grupo. Ninguém os leva isso a sério! Os jovens não veem interesse nesses grupos. Pode haver outra razão, na minha opinião, os jovens estão um pouco revoltados. Falo por mim, passei por essa fase também. No início não existe muito a necessidade de aproximação a Portugal. Quando um jovem abandona o seu país é porque está cansado, revoltado... quer tudo novo e diferente. Só com os anos essa necessidade de reaproximação vai aparecendo.”*

No que respeita ao uso da língua portuguesa, ela é privilegiada, porém muitas publicações são em Inglês e pontualmente em Alemão.

#### **5.4. Apresentação dos dados das entrevistas semiestruturadas**

O inquérito por entrevista, constitui uma das técnicas de recolha de dados mais adequada aos estudos de natureza qualitativa, dado que concilia as suas próprias características com as da investigação qualitativa, nomeadamente, a sua natureza descritiva, a flexibilidade e a possibilidade de obter a perspetiva e a opinião dos indivíduos algo que não é possível, na maioria das vezes, em estudos utilizando técnicas quantitativas de recolha de dados (Bogdan e Biklen, 1994). A entrevista semiestruturadas dá a oportunidade de aprofundar os assuntos (Bogdan e Biklen, 1994), e pode inclusivamente, fornecer informação sobre os significados internos e maneiras de pensar dos inquiridos.

---

<sup>62</sup> Link do grupo: <https://www.facebook.com/groups/emigrantesnasuica/>

## **Entrevista 1**

Nome ou apelido: Domingos Mota

Nome do Grupo (*Facebook*): Amigos na Suíça

Link do Grupo: <https://www.facebook.com/groups/amigosnasuica/?fref=ts>

Idade: 43 anos

Habilitações: 12º ano

Em que parte da Suíça reside: Zurique

De que parte de Portugal vem: Braga

Há quanto tempo reside na Suíça: 23 anos

### **Q1. Qual a razão e/ou objetivo pelo qual criou um grupo no Facebook direcionado para população emigrante portuguesa na Suíça?**

*“A razão e o objetivo foram algo simples: para que pudesse haver entreajuda gratuita entre emigrantes na Suíça, a ideia inicial era que os mais recentemente chegados pudessem colocar questões e que os que tivessem já conhecimento de causa ou mais experiência pudessem ajudar, respondendo. Estou no Facebook há relativamente pouco tempo (6 anos) e nessa altura fui adicionado a um grupo de alguém que tinha uma loja de serviços de estética. Foi algo novo para mim, pois nem sabia que se poderia abrir um grupo. Rapidamente me veio a ideia de formar um grupo onde pudesse haver entreajuda. À medida que o grupo ia crescendo e iam entrando membros que não conhecia fui constatando que teria que haver ordem e regras para que funcionasse... sim porque como em tudo na vida existe sempre quem está por mal, ou usa linguagem grosseira. Surgiram as regras no grupo e foram sendo adaptadas a novas situações que iam surgindo. Hoje, é um grupo regido por regras bem definidas e muito bem pensadas para salvaguardar todos por igual e onde o respeito seja permanente e a entreajuda prossiga... Para isso foram também os membros responsabilizados pelo bom funcionamento do grupo e a eles cabe também a responsabilidade de manter a casa limpa.”*

*PS: infelizmente as vendas dos mais variados produtos vem tentando abafar o objetivo inicial... A busca de potenciais compradores e a tentativa de vender o que quer que seja torna a missão de administrador muito difícil... pois tem que se jogar com o ser flexível, imparcial e justo; e nem sempre é fácil...*

**Q2. Que pensa do papel das redes sociais, em particular o Facebook, como forma de manutenção ou preservação da identidade cultural portuguesa?**

*“Francamente penso que a identidade cultural Portuguesa pouco ou nada beneficia com as redes sociais. A única faceta positiva que encontro no Facebook é a fácil divulgação de atividades de índole cultural nestes meios. Nos murais ou grupos consegue-se de uma forma muito rápida e eficiente ter conhecimento de algum evento que de outra forma era impossível.”*

*PS: muito francamente a nossa identidade cultural é severamente punida nas redes sociais, quer seja com uma escrita deveras descuidada ou com constantes desinformações.*

**Q3. Ao observar os membros do seu grupo, verifica-se a existência de jovens. Porém, constata-se que esse grupo (16-23 anos) não é ativo nas publicações, nem interage. Qual é a sua opinião em relação a esta constatação?**

*“Sim é verdade. Eu penso que isso acontece porque:*

- 1. Os jovens estão cada vez mais desligados do contacto com as pessoas e quando se trata de entreajuda pior ainda. Os interesses hoje são bem mais diversificados;*
- 2. Falando neste caso de um grupo para Portugueses na Suíça e tendo em conta a faixa etária que refere percebe-se facilmente que a escrita em Português não é o ponto forte dos jovens. Esse grupo facilmente se desliga da escrita em Pt e escreve e alemão, francês ou outra;*
- 3. Neste grupo “Amigos na Suíça” é exigido o máximo de respeito, sendo que existem membros com 70 e até mais anos. A postura da faixa etária mencionada é um grupo que se rege por uma liberdade de expressão muitas vezes sem considerar que estão a ferir a suscetibilidade de outros com expressões e outros menos próprias... neste grupo isso nunca foi permitido nem será... neste caso em particular (grupo Amigos na Suíça) existe um pouco de exigência que para os jovens é sem dúvida demais e quando não é respeitada a pessoa que não cumpre sai do grupo (os jovens não gostam muito de cerca curta, regras, etc.);*
- 4. Os jovens não estarem ativos no Facebook, penso ser algo de muito positivo... penso que os jovens têm como obrigação, sair, falar cara-a-cara, enfim conviver em presença física. As redes sociais não trouxeram nada de bom para os nossos jovens,*

*antes pelo contrário... Se eles não participam no Facebook e realmente interagem uns com os outros, conversando, acho muito positivo;”*

**Q4. Na generalidade, como caracteriza a relação entre os jovens emigrantes portugueses (que vivem na Suíça) e Portugal?**

*“Não tenho uma opinião muito bem formada nessa matéria, porque por ex: as minhas filhas são ainda muito novas e é ainda muito cedo para por ex: ter uma conversa franca e verdadeira sobre esse assunto.*

*Mas do que conheço e oiço, penso que se pode dizer genericamente que a relação se resume ao gostar muito de Portugal para férias... dificilmente se vê um jovem ter pensamentos fixos de voltar para Portugal e aproveitar por exemplo: os estudos que aqui desenvolveram. Cada vez mais os jovens se consciencializam que o pior da Suíça é bem melhor que o melhor de Portugal em termos de futuro, tendo em conta trabalho e estabilidade financeira. Os que têm trabalhos mais pesados, têm também a consciência que o que ganham e conseguem poupar na Suíça é francamente superior ao que se consegue em Portugal.”*

*“PS: Se por um lado, as boas condições de trabalho e ordenado fixam os jovens aqui na Suíça, por outro lado, o que se ouve diariamente sobre o que acontece em Pt, quer sejam nos governos, bancos, situações de precariedade e corrupção, confirma e atesta que a decisão de ficar na Suíça é mesmo a melhor decisão... Infelizmente”.*

**Entrevista 2**

Nome ou apelido: Ricardo Teixeira

Nome do Grupo (Facebook): Emigrantes na Suíça

Link do grupo: <https://www.facebook.com/groups/emigrantesnasuica/?fref=ts>

Idade: 22 anos

Habilitações: 12º ano

Em que parte da Suíça reside: Olten (Cantão Solothurn)

De que parte de Portugal vem: Guimarães

Há quanto tempo reside na Suíça: 4 anos

**Q1. Qual a razão e/ou objetivo pelo qual criou um grupo no Facebook direcionado para população emigrante portuguesa na Suíça?**

*“Eu criei o grupo no Facebook porque já tinha estado em vários grupos e não encontrei um que achasse de “qualidade”. Maioria dos grupos de comunidade portuguesa na Suíça estão ao abandono ou têm administradores que não são ativos. Devido a isso, muito do conteúdo dos grupos é de muito pouca qualidade e na maioria das vezes estão infestados de publicidade a qual é incomodativa e nada em comum com o tema do grupo. Nesse sentido, decidi criar o meu grupo, tornando-me num administrador ativo e tentar publicar o máximo de informação de todo o tipo que fosse relevante para a comunidade portuguesa e acabar com todas as publicidades desnecessárias. É com muito orgulho que digo que em menos de 6 meses o grupo atingiu mais de 2000 membros e tornou-se em tudo o que eu queria ou talvez ainda mais.”*

**Q2. Que pensa do papel das redes sociais, em particular o Facebook, como forma de manutenção ou preservação da identidade cultural portuguesa?**

*“Eu penso que o Facebook é uma excelente “arma” que deveria e poderia ser utilizada pela comunidade imigrante portuguesa para estar em contacto com a cultura portuguesa e estarem mais ligados e ativos ao seu país apesar da distancia que os divide. Poderia facilmente ser usada para organizar convívio entre os portugueses, ajudarem-se uns aos outros nomeadamente no esclarecimento de dúvidas principalmente aos recém-chegados. Porém, infelizmente penso que o Facebook ainda não é muito utilizado pelos portugueses nesse sentido, principalmente a população mais jovem. Como administrador e por experiência própria, apenas a geração mais “velha”, entre os 40-60 anos, é mais ativa nos grupos de comunidade portuguesa raro algumas exceções. Acho que é triste, deixou-me tremendamente surpreso e ainda espero que isso venha um dia a mudar e que a geração mais jovem possa ter um papel mais ativo e dinâmico.”*

**Q3. Ao observar os membros do seu grupo, verifica-se a existência de jovens. Porém, constata-se que esse grupo (16-23 anos) não é ativo nas publicações, nem interage. Qual é a sua opinião em relação a esta constatação?**

*“Como falei anteriormente, é verdade que a geração mais jovem não interage muito nos grupos de comunidade portuguesa. A única razão que eu encontro para que isso aconteça é talvez não se identificarem com o tema ou não terem a necessidade de contacto próximo com a comunidade portuguesa online. Talvez por estarem apenas a pouco tempo emigrados não sintam ainda a necessidade de comunicação e aproximação com a comunidade portuguesa. Já, no entanto, a geração mais velha e emigrada há mais anos sente essa necessidade e conseqüentemente tenha um papel mais ativo nos grupos”.*

**Q4. Na generalidade, como caracteriza a relação entre os jovens emigrantes portugueses que vivem na Suíça e Portugal?**

*“Por experiência pessoal e como emigrante na Suíça há 4 anos, penso que existe um problema grave na comunidade portuguesa e que deveria ser analisada de perto. Em relação à convivência social eu penso que existe um relacionamento saudável. No entanto, o mesmo não se verifica em relação a convivência no trabalho. Por incrível que pareça a opinião que tenho é que existe o sentimento de protegerem os seus empregos e medo que os outros portugueses lhes roubem o lugar. Existe um grande conflito nessa área, o que me entristece bastante porque acho que deveria ser totalmente o oposto. Por aqui diz-se que “onde estão três Portugueses juntos, dois estão a mais”. Infelizmente penso que esse ditado se aplica cada vez mais.”*

**Entrevista 3**

Nome ou apelido: David Barbosa

Nome do Grupo (Facebook): Portugueses na Suíça

Link do Grupo: [www.facebook.com/PaginaDosPortuguesesNaSuica](http://www.facebook.com/PaginaDosPortuguesesNaSuica)

Idade: 21 (25/06/1994)

Habilitações: Estudante de economia (HEC Lausanne)

Em que parte da Suíça reside: parte francesa (Montreux)

De que parte de Portugal vem: Barcelos, Braga

Nasceu na Suíça

**Q1. Qual a razão e/ou objetivo pelo qual criou um grupo no Facebook direcionado para população emigrante portuguesa na Suíça?**

*“Sempre pensei que a comunidade portuguesa na Suíça precisava de um meio de comunicação para informar melhor todos os emigrantes. Já que muita gente se queixa aqui que nunca sabe de nada, então resolvi criar uma página com a divulgação de notícias da Suíça em língua de Camões encontradas na internet, dos maiores eventos lusos e também aproveitei para divulgar a Suíça para quem não nasceu aqui. Agora os meios sociais são muitos importantes. Ainda esta terça-feira estive com o Jean-Claude Biver que usa Instagram e ele admite que é uma obrigação usar as redes sociais porque é o futuro. O passado só é bom para as lembranças e os museus como ele disse. E eu tento utilizar este meio de comunicação potente para divulgar a nossa comunidade. É um meio cada vez mais importante e muitas empresas já sabem disso. Pela mesma razão já fiz várias conferências em empresas para ensinar como trabalhar com as redes sociais para poder divulgar o melhor possível a empresa. Mas o meu objetivo não é e nunca será de ter sucesso pessoalmente. E sempre tentei, deixei isso claro ao nunca divulgar nada sobre mim até que seja um evento no qual estou implicado. O objetivo é mesmo ser o mais oficial possível com a minha página não oficial. Se um dia o consulado quiser finalmente colaborar comigo, estarei disposto porque o objetivo é servir o melhor possível os emigrantes. Recebo muitas perguntas cada dia e como já nasci aqui já conheço uma grande parte das respostas. Sei que ajudei muita gente porque foi me dito várias vezes, mas nunca esperei nada em retorno. Os objetivos principais sempre foram ajudar e informar.”*

**Q2. Que pensa do papel das redes sociais, em particular o Facebook, como forma de manutenção ou preservação da identidade cultural portuguesa?**

*“Para mim, sempre pensei ser o segundo meio informativo da comunidade portuguesa na Suíça. A página tem mais de 60.000 pessoas que gostam dela. Há vários jornais para a comunidade, mas com poucos leitores. No meu ponto de vista, o maior canal de informação para a comunidade é a RTP Internacional que é o único canal português que toda a gente tem aqui. No entanto o canal é muito geral e não está focado nas comunidades. De notar também que a página tem mais de 60.000 pessoas que gostam mas pode ter mais ao contar as pessoas atingidas. Vou dar um*

*exemplo, há alguns meses desapareceu um emigrante na parte italiana. Então decidi lançar uma procura e pedir partilhas. Sendo a comunidade portuguesa muito unida, a publicação atingiu perto de 250.000 pessoas. Penso que se a notícia fosse transmitida na RTP Internacional não teria tanta gente emigrada na Suíça a saber d'isso e assim a imagem pode ser consultada a qualquer momento e ser mostrada a muitos.*

*A página tenta divulgar todas as partes da Suíça ao contrário da RTP que divulga a maioria das reportagens em Genebra porque é a cidade onde mora o seu repórter Noé Monteiro. Já tive a ocasião de estar com ele e é uma excelente pessoa. No entanto pode se fazer o mesmo comentário à RTP em França que faz quase todas as reportagens a partir de Paris. Eu tento ser mais aberto e assim também posso conhecer melhor a comunidade. Mas nunca tive motivo de concorrência, o objetivo principal foi sempre a divulgação. Quando tenho tempo leio uma revista lusa para todos os emigrantes "Lusitania Contact" e quando acho um artigo interessante sobre a Suíça, faço uma divulgação e até já tenho ajudado estes jornais a crescer. Mas como já referi, o Facebook em particular é muito potente. Se há uma grande dificuldade que tive na divulgação foi ao início. tinha uma página da comunidade portuguesa que já existia com 4.000 pessoas antes da minha ser criada, mas nunca tinha nada de publicado então criei a minha para um maior dinamismo. Se que quando o administrador viu então reagiu com a ajuda das suas outras páginas de portugueses em França, Portugueses em Espanha, Portugueses na Catalunha).*

*Ou seja, a maior parte dos seus fãs não viviam na Suíça. Numa denúncia do Facebook por direitos de autor recebi os dados do administrador e vi que vivia em Sabadell (Espanha). Tentei fazer tudo para ter uma melhor página e dar a melhor imagem da comunidade portuguesa. Foi muito difícil encontrar uma solução, mas depois encontrei como fazer. Bloqueei o acesso a minha página em Espanha e ainda dura, assim o autor da outra página pensou que é o melhor e parou de novo toda a atividade... Mas não deve saber que a minha página ainda está ativa. Agora que sou o número 1 da comunidade portuguesa na Suíça como também a maior página de uma comunidade, tento continuar a fazer o melhor possível até se poucos tentam fazer como eu. Ao contrário da outra página o meu objetivo que tento guardar o mais tempo possível que é informar e ajudar como já disse."*

**Q3. Ao observar os membros do seu grupo, verifica-se a existência de jovens. Porém, constata-se que esse grupo (16-23 anos) não é ativo nas publicações, nem interage. Qual é a sua opinião em relação a esta constatação?**

*“Eu estou a gerir uma página e é diferente de um grupo. Uma página é muito mais difícil a reunir pessoas. Num grupo basta adicionar um amigo e assim já faz parte. Numa página é a pessoa própria que tem que ir colocar um «Gosto» ou seja não se pode «forçar» uma pessoa a fazer parte. Mas é verdade que os jovens estão pouco implicados. Por isso tento fazer motivações extras. Por exemplo também criei uma página de eventos lusos na Suíça ([www.facebook.com/EventosNaSuica](http://www.facebook.com/EventosNaSuica)) para fortalecer a união entre os jovens emigrantes. Como é complicado saber de todas as festas, coloquei vários organizadores e centros portugueses como editores para poder anunciar os seus eventos. Também faço publicações para os incentivar a colocar ao menos um «Gosto». Na passada sexta-feira fui pedir a uma jovem portuguesa, que está a participar num concurso de beleza, se precisava de ajuda. Assim ajudava-a ter mais votos, mas também para mostrar que a página também é para a juventude. Esta semana também saiu um estudo no qual dizia que o Facebook é cada vez menos utilizado pelos jovens. Então eu tento estar presente com a comunidade portuguesa em outros lados como no Twitter que publica automaticamente o que publica o Facebook e depois também tenho uma conta Instagram (@portuguesesnasuica) que é seguida por exemplo por o Custódio (jogador de futebol), Silvia Rizzo (atriz), Mariene de Castro (cantora) e muitos outros. Como a página dos Portugueses na Suíça tinha muitos pedidos de trabalho decidi criar uma para esse assunto cada vez mais popular na comunidade (<https://www.facebook.com/TrabalhoNaSuica>). E fico com admiração que há já mais juventude a escrever mensagens para essa página. Para provar isso enviei uma foto junta com o mail.”*

**Q4. Na generalidade, como caracteriza a relação entre os jovens emigrantes portugueses que vivem na Suíça e Portugal?**

*“Nas redes sociais é pouco visível, mas nos eventos vê-se que não há qualquer comunidade tão unida. Por exemplo, as discotecas organizam muitas festas com artistas portugueses. A razão é simples até se o artista não é muito famoso há muitos*

*portugueses presentes. A comunidade italiana (também latina) é superior à portuguesa em número de emigrantes, mas não há festas do mesmo tipo porque não é tão unida. Pode-se dizer que quando há uma festa para os jovens, em especial para uma comunidade, é quase sempre a portuguesa escolhida.”*

#### **5.4.1. Análise de Conteúdo**

Na senda de Bardin, a análise de conteúdo, (2009) é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” Este tipo de análise permite “tratar o material”, que para Bardin (2009), “tratar o material (dados brutos) é codificá-lo”. Assim, a codificação corresponde a uma transformação dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto” (*ibidem*). Contudo, a análise de conteúdo constitui uma das formas de transformação de dados qualitativos – obtidos por entrevista – em dados quantitativos – analisados em termos de frequência (Duarte, 2009:18). Para Fielding e Schreier (2001 *apud* Duarte, 2009:18) “esta forma de combinação é apelidada de métodos de “híbridos” porque são abordagens que combinam elementos quantitativos e qualitativos”.

Quadro 5.12: Análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas

Categoria ou Dimensão de análise	Unidade de Registo
<p><b>Objetivo da criação do grupo diaspórico</b></p> <p><b>Papel do Facebook na preservação da identidade cultural portuguesa</b></p>	<p>Entreajuda gratuita entre emigrantes portugueses na Suíça;            Publicação de todo o tipo de informações relevantes à comunidade portuguesa na Suíça;            Divulgar notícias Suíças na Língua de Camões;            Ajudar e informar a comunidade portuguesa migrante;            Dar a conhecer a Suíça a quem não a conhece e dar a conhecer Portugal em quem nasceu na Suíça;            Servir o melhor possível a comunidade migrante portuguesa;            Dar resposta a questões colocadas por migrantes recém-chegados à Suíça;</p> <p>Divulgação de atividades de índole cultural;            Excelente meio para contacto com a cultura portuguesa;            Organização de convívios entre a comunidade migrante portuguesa;            Segundo meio de informação e divulgação (a seguir à RTP Internacional) de assuntos de interesse da comunidade portuguesa na Suíça;            Divulgar a (nossa) comunidade portuguesa;</p>
<p><b>Principal motivo da “ausência” e falta de interatividade dos jovens (16-23 anos) nos grupos</b></p>	<p>Os jovens estão mais desligados do contacto com portugueses;            Falta de vontade em escrever em Português;            As normas e as regras rígidas de conduta;            Jovens não gostam de “cerca curta”;            Estão a ficar menos ativos no <i>Facebook</i>;            Não identificação com os conteúdos publicados nos grupos;            Não sentem necessidade de proximidade com a comunidade migrante portuguesa;            Outros tipos de interesses;</p>
<p><b>Caracterização da relação entre os jovens migrantes e Portugal</b></p>	<p>Boa. Essa relação é visível nos eventos organizados com artistas portugueses na Suíça. A aderência por parte dos jovens é grande;            Resume-se a gostar muito de Portugal para passar férias;            Em termos de trabalho e estabilidade financeira os jovens sabem que a Suíça é bem melhor que Portugal;            Gostam, mas não pensam em voltar para Portugal;</p>



## **CAPÍTULO VI**

Validação dos dados empíricos e respectivas conclusões



## **Breve introdução**

Ao longo do trabalho de campo foram recolhidas informações relevantes com recurso a vários métodos tais como, o inquérito por questionário, a observação direta, a observação-participante e a entrevista semiestruturada. Findo o trabalho de campo e a apresentação dos resultados empíricos recolhidos, inicia-se a presente fase, na qual a variedade dos resultados e/ou informações são reunidos e evocados a dialogar entre si. Este diálogo “traduz-se num processo de interpretação complexo - triangulação metodológica - no qual, se coloca cada método utilizado em confronto com o outro” (Denzin, 1989 *apud* Duarte, 2009:11). Assim, a presente investigação, propõe o exercício de “articular várias metodologias oriundas de diferentes tradições - qualitativa e quantitativa (Duarte, 2009). No sentido conferido por Denzin (1989 *apud* Duarte, 2009:15) a combinação entre os métodos quantitativos e qualitativos é designada de “triangulação inter-métodos”. A complementaridade de paradigmas (quantitativo - qualitativo) representa, nesta pesquisa, uma mais-valia ao “produzir um retrato mais completo e holístico do fenómeno em estudo, que não seria possivelmente alcançado por um único método” (Duarte, 2009:14). A “triangulação” é igualmente uma forma de integrar diferentes perspetivas no fenómeno em estudo” (Kelle, 2001; Kelle e Erzberger, 2005; Flick, 2005 *apud* Duarte, 2009:22). As páginas que se seguem dedicar-se-ão à validação cruzada das diferentes perspetivas recolhidas, à discussão e à interpretação dos diferentes resultados obtidos.

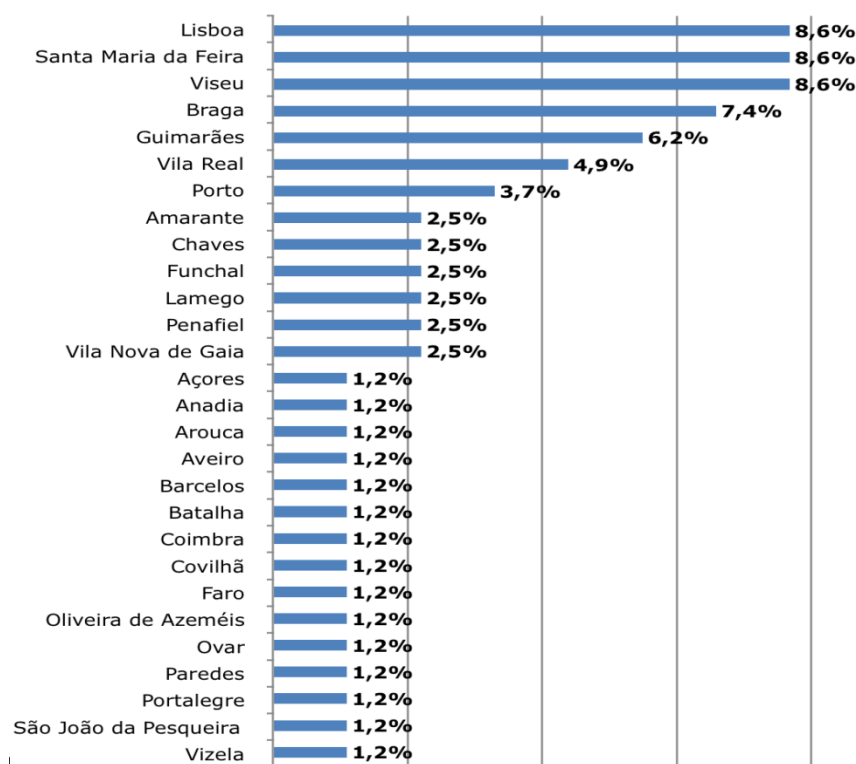
### **6.1. Cruzamento e interpretação dos dados recolhidos**

#### ***O perfil sociodemográfico dos jovens portugueses migrantes na Suíça***

Um dos propósitos desta investigação consiste precisamente em traçar o retrato ou perfil sociodemográfico do jovem migrante português a residir na Suíça. Dos dados recolhidos através do inquérito por questionário e da observação participante é possível caracterizar a sua “amostra” da seguinte forma. A “amostra” é constituída por 129 jovens migrantes portugueses com as idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos, existindo uma maior predominância de

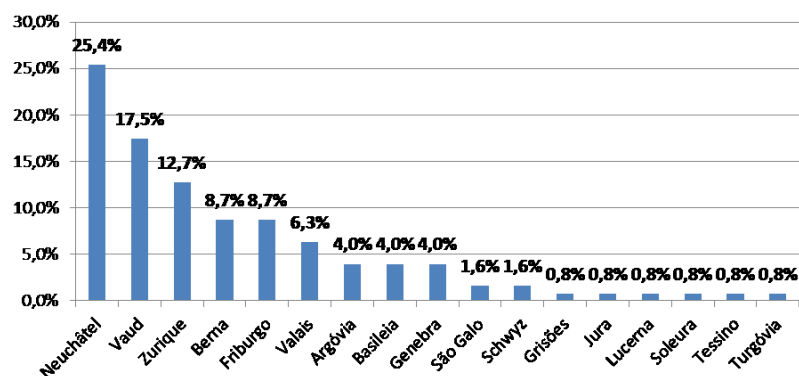
jovens do sexo feminino (66,7%) face aos jovens do sexo masculino (33,3%). No que respeita à nacionalidade dos jovens inquiridos, a larga maioria tem a nacionalidade portuguesa (86,5%) enquanto que os restantes (13,5%) possuem dupla nacionalidade, a portuguesa e a suíça. É possível identificar um padrão onde os naturais de Portugal têm a maioria de nacionalidade portuguesa (72,5%) enquanto que os naturais da Suíça têm uma maioria de dupla nacionalidade (88,2%), o que sugere que o local onde estes jovens nascem tem algum impacto na decisão/possibilidade de acederem à cidadania suíça.

Em relação aos jovens naturais de Portugal (64,3%), verifica-se um padrão na geografia de origem: a maioria destes jovens, (60,5%) nasceu a norte ou centro-norte, acima do Mondego. Pode-se inferir que sugere que as suas famílias são originárias dessas zonas. Lisboa, Santa Maria da Feira e Viseu representam valores de 8,6% seguidos de Braga 7,4%, Guimarães 6,2%, Vila Real 4,9% e Porto 3,7% respetivamente.



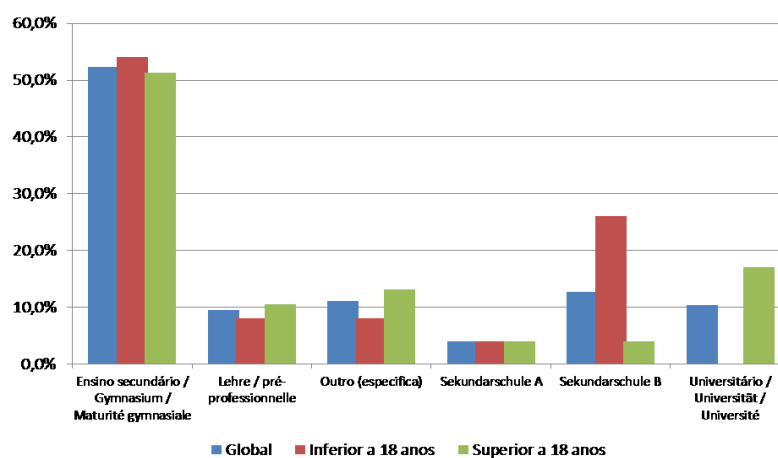
Não podendo tirar conclusões objetivas em termos de padrões migratórios das famílias, é possível verificar, que há um maior movimento migratório do norte do

País para a Suíça facto corroborado por Marques (2008). Quanto à distribuição geográfica destes jovens na Suíça, a maioria dos inquiridos reside no Cantão de Neuchâtel (25%), seguindo-se os cantões de Vaud (17,5%), Zurique (12,7%), Berna (8,7%), Friburgo (8,7%), Valais (6,3%) Basileia (4%), Genebra (4%) e Tessino (0,8%).



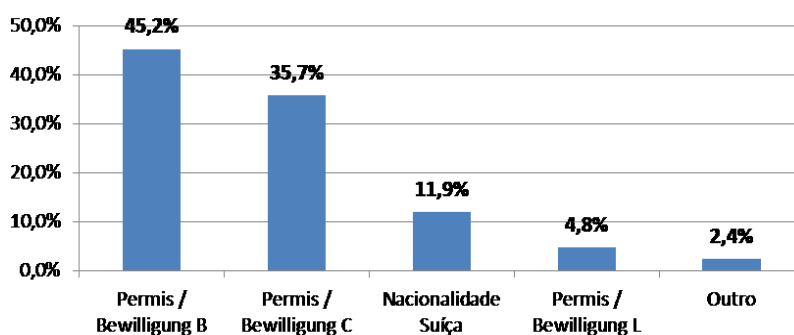
A distribuição da população jovem migrante portuguesa desta amostra converge com Marques (2008:267-269), na sua presença mais expressiva na região de língua francesa, seguida pela língua alemã e pela língua italiana.

Em termos de qualificação escolar ou habilitação académica constata-se que o nível mais referido é o liceu (50,1%) que permite o acesso ao ensino superior, segue-se do 3º ciclo do ensino básico (15,7%) no estatuto B (13,7%) e no estatuto A (4,0%), o universitário (6,0%) e curso profissional (10,5%).



Os jovens que responderam “*Gymnasium*” - liceu - a maioria reside em cantões onde a língua local é o francês. A semelhança linguística entre o português e o francês é um fator decisivo para um percurso escolar bem-sucedido. De notar que estes dados convergem com o estudo sobre a diáspora portuguesa de Fibbi (*et al.*, 2010:43-44). A dificuldade de aprendizagem da língua alemã, sobretudo, dos dialetos regionais do suíço-alemão, constitui um entrave na progressão de estudos, por parte dos jovens que residem em cantões de expressão alemã. Em relação aos jovens que possuem ou frequentam o ensino superior 69,2% tem naturalidade portuguesa. Por seu turno, a percentagem de jovens no ensino superior (10,3%) sugere a entrada de jovens portugueses em território suíço já detentores de uma licenciatura. Porém, é possível afirmar, que os jovens migrantes portugueses dos 16 aos 23 anos, em situação de migração na Suíça, possuem um grau de habilitações em conformidade com a sua idade, e superando as habilitações escolares dos seus pais. Um percurso escolar com sucesso é sinónimo de uma integração bem-sucedida.

No que concerne ao processo de integração, os jovens que nasceram em Portugal revelam ter sentido alguma dificuldade na sua adaptação (38,3%) em contraste com os que nasceram na Suíça que assumem ter uma experiência de integração fácil (73,3%). O comportamento verificado na “amostra” sugere que os jovens nascidos na Suíça e/ou os que possuem nacionalidade suíça têm um processo de adaptação/integração à sociedade suíça mais facilitado. Relativamente aos tipos de autorização de residência atribuídos aos jovens migrantes portugueses desta “amostra” o mais frequente é a autorização B (45,2%) seguida da autorização C (35,7%).



A representatividade da autorização B revela que os jovens adquirem a autorização de permanência a partir dos seus pais. Este tipo de autorização faculta o reagrupamento familiar, e é, por norma, atribuída aos filhos dos migrantes com idade inferior a 18 anos. Em reforço desta constatação, transcreve-se duas passagens decorrentes da observação participante:

“Hoje faz 3 anos e 5 meses que cheguei a este país [Suíça] que já muito me deu, hoje só posso agradecer a todas as pessoas que me ajudaram ao longo de todo este tempo, na adaptação etc. (...) Claro um agradecimento especial ao meu Pai e à minha segunda Mãe que me deu a oportunidade de estar aqui, sem eles não estaria cá (...). Estou bastante agradecido por tudo que vocês dois têm feito por mim.” [in observação participante, perfil 5, publicado no *Facebook* a 27/11/2015]

“Emigrei de forma espontânea. Tinha o meu pai a viver na Suíça há 7 anos e recebi o permissão B através de reunificação familiar.” [in observação participante perfil 7, via *Messenger*]

As transcrições, que se seguem, reiteram a obtenção de residência através do pai que se estabelece na Suíça e que serve de porta de entrada ao filho. Na primeira transcrição, o jovem autor da publicação chegou a Zurique em 2012, com 15 anos de idade; na segunda transcrição o jovem chega à Suíça com 17 anos de idade, obtendo a autorização B. Porém, é possível obter a autorização B através de um contrato de trabalho, como atestam os seguintes depoimentos:

“Vim para a Suíça para ver o que era o estrangeiro vinha só para férias e acabei por ficar porque depois arranjei trabalho e aí tive logo os papéis...Tinha 19 tive o B. Quem me ajudou mais foram os meus padrinhos que fiquei a viver com eles quase um ano.” [in observação participante perfil 1, via *Messenger*]

“Já tinha visitado a Suíça (...) vim para a casa dos meus tios..., mas depois comecei aqui em Zurique, só estive nos meus tios coisa de duas semanas, depois fiz um contrato de trabalho e tenho o B” [in observação participante perfil 4, via *Messenger*]

Recorde-se que, a autorização C, concede residência permanente, e é emitida por norma, após um período de cinco anos de residência regular e ininterrupta no território suíço. A predominância dos dois tipos de autorização B e C, que conferem uma estadia prolongada ou permanente permite concluir que a curto - médio prazo não existe uma perspectiva de retorno por parte destes jovens portugueses:

“Difícilmente se vê um jovem ter pensamentos fixos de voltar para Portugal (...). Cada vez mais os jovens se consciencializam que o pior da Suíça é bem melhor que o melhor de Portugal em termos de futuro (...) tendo em conta trabalho e estabilidade financeira. As boas condições de trabalho e ordenado fixam os jovens aqui na Suíça (...) a decisão de ficar na Suíça é mesmo a melhor decisão... infelizmente.” [in entrevista n.º 1]

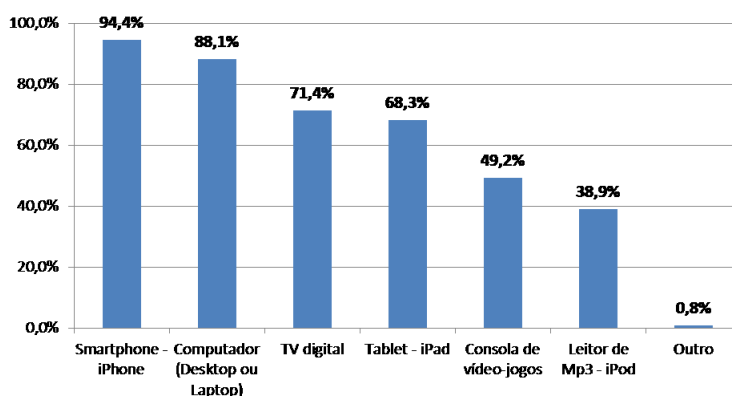
“Os que nascem na Suíça apesar de serem portugueses gostam de Portugal (...) mas para férias. A vida deles já não pertence em Portugal. Identificam, mas não ao ponto de voltar. Por exemplo eu, sou português sempre serei. Adoraria voltar, mas não volto. Porque voltar significa reduzir qualidade de vida. [os jovens portugueses] Não pensam em voltar porque estudam aqui (...) têm trabalho aqui e melhores salários.” [in observação participante perfil 7, via *Messenger*]

As passagens anteriores testemunham, igualmente, a consciencialização de que a Suíça proporciona melhores condições vida e perspectivas de futuro, o que propicia a fixação gradual dos jovens portugueses neste destino. No que concerne ao contexto ou agregado familiar destes jovens migrantes a maioria vive com os pais (57,1%) ou com um parceiro (22,2%). Dos que vivem com os pais (34,9%) tem pelo menos um irmão. Contudo, 10,3% dos jovens inquiridos vive sozinho. Assim, a constituição do agregado familiar português desta “amostra” está em conformidade com a afirmação de Fibbi (2010) que o agregado familiar dos migrantes portugueses “é por norma constituído pelo casal com um ou mais filhos” (Fibbi *et al.*, 2010:30). Tendo em conta a faixa etária da “amostra” dos 16-23 anos, a percentagem de jovens a viver com um parceiro revela que uma vez terminado o curso profissional estes jovens adquirem, com relativa facilidade, um posto de trabalho que lhes proporciona a emancipação e autonomia financeira.

Por outro lado, revela também que os jovens portugueses que chegam ao país possuem “uma elevada taxa de empregabilidade (Oliveri, 2014:9).

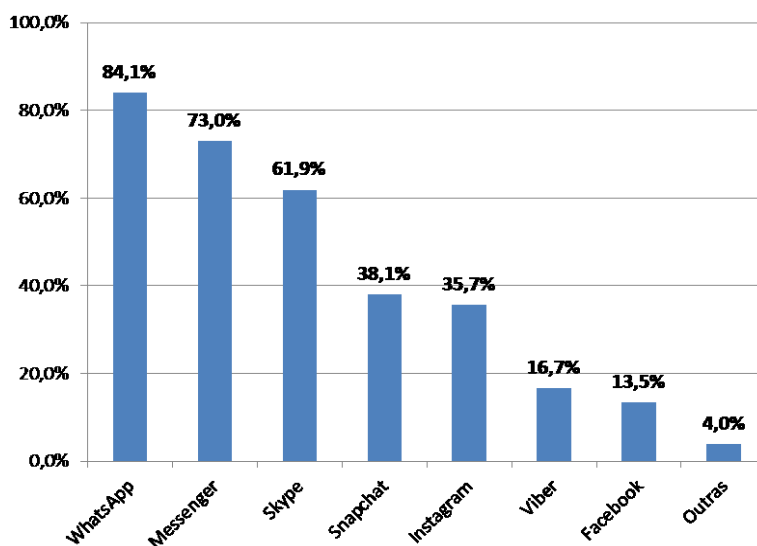
### ***A relação dos jovens migrantes com as tecnologias digitais e a internet***

Dado que o *locus* empírico deste estudo é a rede social *Facebook*, emergida na internet, e sendo o seu acesso dependente e mediado por aparelhos tecnológicos com acesso à internet, revelou-se pertinente traçar o perfil sócio tecnológico dos jovens migrantes portugueses, a partir da relevância da tecnologia no seu quotidiano, cartografando em simultâneo, a utilização e os propósitos da Internet. Assim, constata-se que os jovens portugueses são “emancipados e dotados tecnologicamente” (Tapscott, 1998:16-17) estando bastante familiarizados com as tecnologias digitais, possuindo, inclusivamente, múltiplos aparelhos tecnológicos (*Laptop/Desktop*, 88,1%; *TV digital*, 71,4%; *Tablet/iPad*, 68,3%; consola de jogos, 49,2%). Regista-se uma forte incidência na preferência de tecnologias de comunicação móvel, verificando-se que a esmagadora maioria dos jovens (94,4%) afirma ter um *smartphone*, o qual, consideram “muito importante” na sua vida quotidiana. A elevada utilização e importância atribuída aos *smartphones* justifica a pesquisa sobre o tipo de utilização que é feita destes aparelhos, ao ponto de os tornar tão mais importantes que os restantes aparelhos, substituindo inclusivamente algumas funções realizadas pelos computadores.

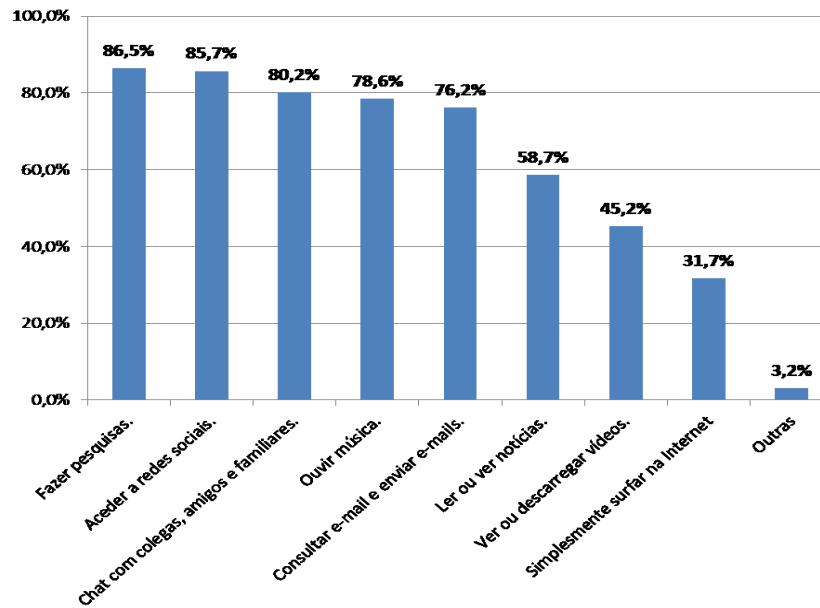


As principais funções do *smartphone* são o acesso a aplicações que permitem a troca de mensagens em diversos suportes. A particularidade deste aparelho de

comunicação móvel facilita ao jovem português o acesso diário à internet até mesmo estando fora de casa (acesso a internet móvel). O “top” 3 de aplicações de troca de mensagens dos jovens inquiridos destaca *Messenger*: 73% e *Skype*: 61,9%. Poder-se-á concluir que existe uma necessidade elevada dos inquiridos em estar constantemente em situação de comunicação com o(s) outro(s).



Cartografando os usos e propósitos da internet, destaca-se por ordem de relevância a sua utilização para fazer pesquisas (86,5%), aceder a redes sociais (85,7%), comunicar com familiares, amigos e colegas (80,2%), ouvir música (78,6%) ou consultar e/ou enviar mails (76,2%) ler ou ver notícias (58,7%).

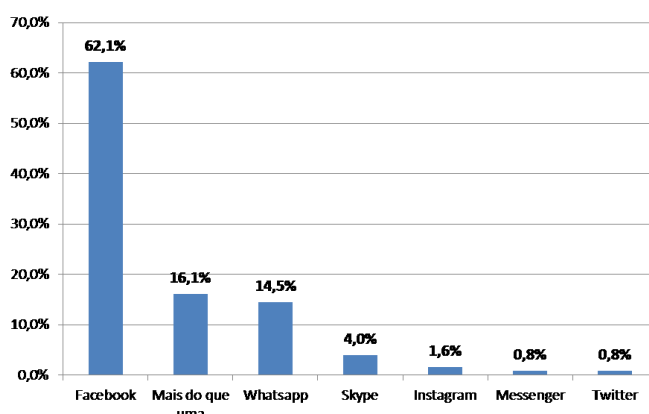


Em suma, a maioria dos jovens migrantes inquiridos utiliza-a para comunicar ou para lazer. Quando analisada, em situação de emigração, 95,2% considera a internet uma “ferramenta indispensável” que permite quer obter informações relativas ao país de acolhimento, a Suíça, quer de Portugal. Neste encadeamento, é possível caracterizar o perfil sócio tecnológico destes jovens migrantes portugueses, como jovens que se “apropriam das tecnologias explorando o seu potencial”, estando por isso, “fortemente imersos no estilo de vida digital”. Estilo de vida que privilegia a mobilidade (característica convergente com a sua condição de migrante) e a conectividade que se traduz na vontade em estar sempre conectado a redes sociais, fontes de contacto e de informação. Por sua vez, as tecnologias digitais, em particular as móveis, conferem ao jovem português “liberdade, autonomia e independência” (Castells et al. 2009:215-16). Os jovens migrantes portugueses possuem traços comuns com os N-Geners (Tapscott, 1998; Prensky, 2001) ou com os *trendsetters* (Canclini 2012:8-9), sobretudo no que concerne ao acesso à tecnologia, à disposição de estar permanentemente conectado e em contacto, o que resulta na diluição da diferença entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Eles são editores multitarefa, utilizando e/ou desempenhando em simultâneo, diferentes meios e conexões (por exemplo têm a capacidade de aceder a diferentes redes e comunicar, em simultâneo, através do *smartphone*); e estabelecendo interações

sociais através de redes remotas (virtuais). Os jovens “trendsetters” portugueses para além das características anteriormente referidas, possuem um nível de instrução escolar médio/elevado, o que de certa forma os capacita para a utilização das tecnologias. Também dispõem de recursos económicos (condizentes com o nível médio de vida suíço, superior à média portuguesa) e conhecimentos linguísticos (bons conhecimentos da língua inglesa) que permitem aos jovens migrantes o acesso às tecnologias e aparelhos tecnológicos dos mais recentes.

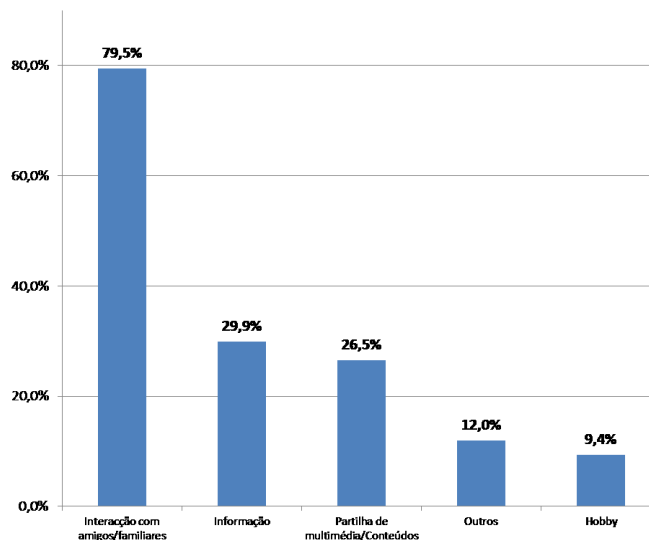
### ***Facebook: a rede privilegiada para o contacto com Portugal***

Outro objetivo específico desta pesquisa consiste em identificar a rede social virtual, privilegiada pelos jovens migrantes para o contacto com familiares e amigos que se encontram em Portugal. Ao que se pôde apurar através do inquérito por questionário, a rede social privilegiada para o contacto ou efeitos de partilha de informações ou conteúdos com familiares e amigos em Portugal é o *Facebook* (62,1%). Esta rede social surge destacada face aos restantes meios (*WhatsApp* 14,6%, *Skype* 4,0%, *Instagram* 1,6%, *Messenger* ou *Twitter* 0,8%). É importante referir que apenas 16,1% afirmam que utilizam mais do que uma rede, o que demonstra, de certa forma, o impacto do *Facebook* enquanto ferramenta de comunicação em relação às restantes.



Dos jovens migrantes inquiridos 92,9% afirma possuir uma conta “ativa” no *Facebook* o que reforça a ideia de domínio desta rede social junto dos jovens

migrantes. Na sua maioria (79,5%), o *Facebook* é utilizado enquanto ferramenta de contacto e/ou interação com os familiares e amigos em Portugal.

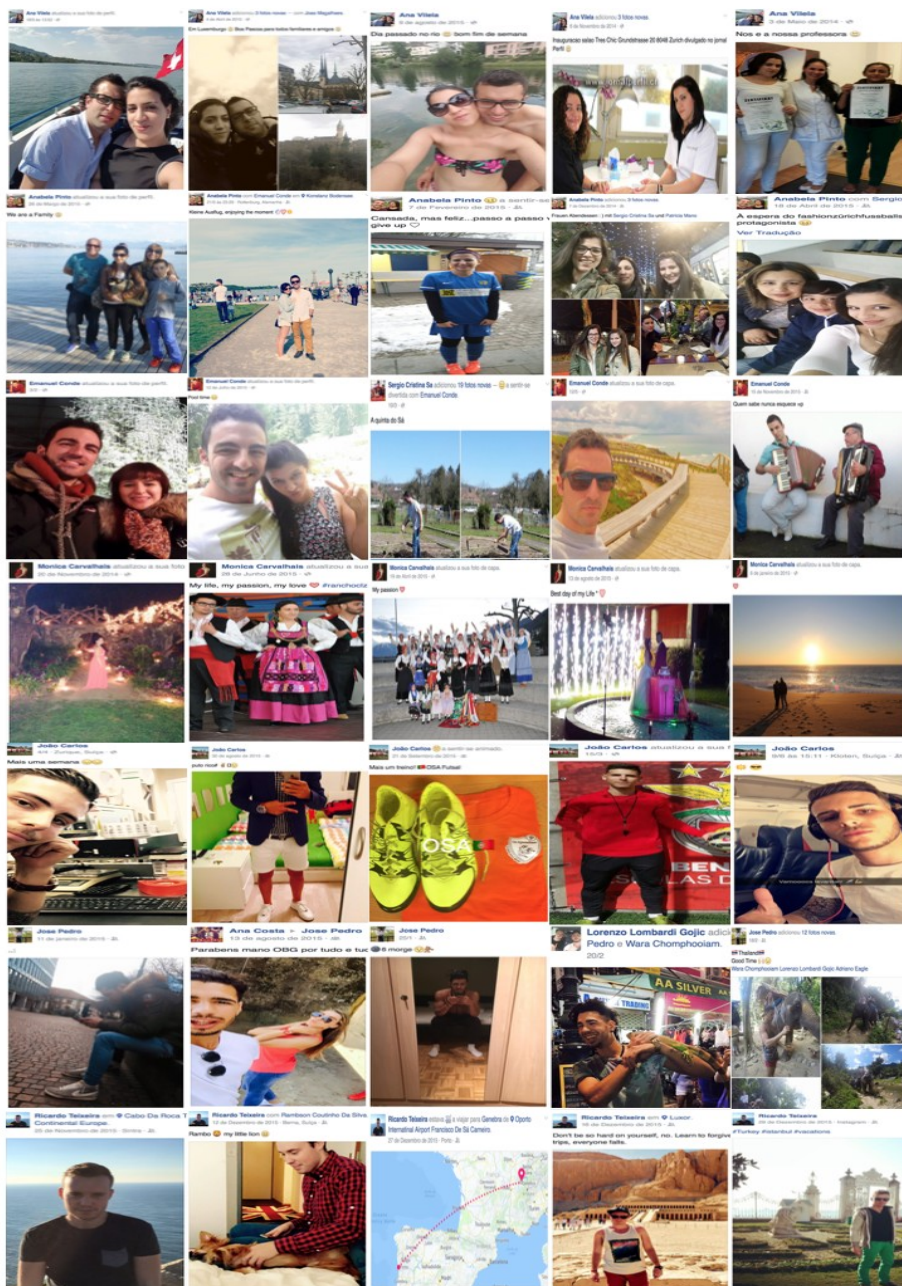


A convergir com a informação recolhida via questionário, está o seguinte recorte:

“Sim, isso sim o *Facebook* é a onde tenho mais contactos com os meus familiares de Portugal.” [in observação participante, perfil 6 a 7/09/2015]

Neste sentido, o *Facebook*, desempenha um papel importante na mediação e na manutenção dos laços familiares (pais, tios ou primos) e sociais (amigos, colegas ou conhecidos) em Portugal (e noutros países). A rede social virtual permite-lhes diluir as fronteiras geográficas, encurtar distâncias, criar “um espaço de encontros e de convergência de interesses” que não só mantém como também intensifica as relações à distância. A rede social enquanto espaço híbrido de comunicação possibilita aos jovens migrantes a partilha de eventos e/ou acontecimentos relevantes no seu quotidiano com quem está longe. No fundo, o *Facebook* é usado como uma espécie de “diário áudio-gráfico-virtual”, através do qual, se publicam fotos, vídeos e imagens que dão a conhecer alguns dos momentos da vida dos jovens enquanto sujeitos migrantes:

Imagem 6.1: Momentos partilhados com os familiares



[in observação participante, cronologias dos perfis]

Para além de proporcionar a monitorização das vidas dos jovens migrantes, esta rede ou lugar comunitário possui um outro simbolismo bem português, a saudade. Neste *locus* virtual também se matam as saudades, partilham-se as memórias, as emoções, recordam-se os bons momentos passados criando um sentimento imaginário de proximidade e de pertença, evitando ser-se esquecido, por outras

palavras, “reviver” os momentos de um passado recente, que não quer passar a um passado distante e definitivo:

**Imagem 6.2: Sentimento de saudade partilhado nas cronologias dos jovens migrantes**



[in observação participante, facebook, perfis 2, 5 e 7]

Com menos presença, o recurso ao *Facebook* para se manterem informados ou informarem é também uma utilização recorrente (29,9%) e com uma frequência semelhante surge a partilha de multimédia e/ou outros conteúdos (26,5%).

“Para mim que vivo distante, o *Facebook*, permite estar constantemente a ler notícias de Portugal, manter-me atualizado nas mais diversas áreas.” [in observação participante, perfil 7, via *Messenger*]

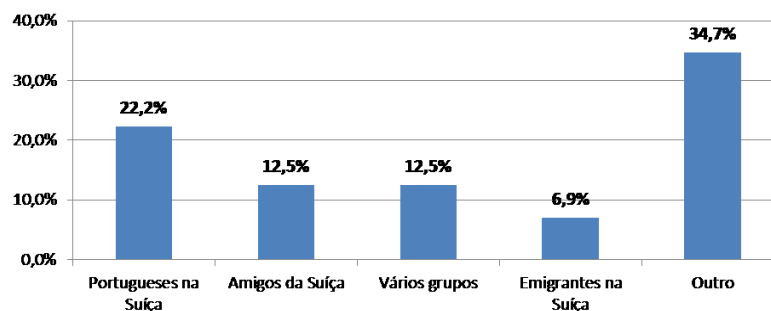
### ***Os jovens migrantes e os grupos diaspóricos portugueses no Facebook***

Os grupos, criados no *Facebook*, para os migrantes portugueses que escolheram a Confederação Helvética para sua geografia de destino, contam com a “presença” dos jovens portugueses entre os seus membros. Cerca de 61,5% dos jovens portugueses da “amostra” afirma não só ter conta ativa no *Facebook*, mas também pertencer a um grupo constituído só por membros portugueses - diaspórico. A dispersão por vários grupos é grande, contudo, 34,7% dos jovens portugueses afirma pertencer a um grupo mencionado. É de destacar que 12,5% dos jovens que pertencem a vários grupos, revelam uma vontade em estar presente e em contacto com a realidade portuguesa no *Facebook*, podendo pertencer em simultâneo a vários grupos ou páginas comunitárias. Sobre os propósitos que levaram alguns portugueses migrantes a criar grupos dirigidos a migrantes na Suíça, foram efetuadas entrevistas a três administradores de grupos diaspóricos na rede social em análise:

“A razão e o objetivo foram algo simples: para que pudesse haver entreaajuda gratuita entre emigrantes na Suíça, a ideia inicial era que os mais recentemente chegados pudessem colocar questões e que os que tivessem já conhecimento de causa ou mais experiência pudessem ajudar, respondendo.” [in entrevista nº1]

“Sempre pensei que a comunidade portuguesa na Suíça precisava de um meio de comunicação para informar melhor todos os emigrantes. Já que muita gente se queixa aqui que nunca sabe de nada então resolvi criar uma página com a divulgação de notícias da Suíça em língua de Camões encontradas na internet, dos maiores eventos lusos e também aproveitei para divulgar a Suíça para quem não nasceu aqui. Agora os meios sociais são muitos importantes”. [in entrevista nº3]

Entre os grupos mais referidos surge o “Portugueses na Suíça” (22,2%) seguido dos restantes grupos, “Emigrantes na Suíça” (12,5%) e “Amigos da Suíça” (6,9%).



Para a escolha dos grupos a observar, aplicou-se o seguinte critério: o grupo com maior e menor incidência de respostas. O denominador comum aos dois grupos diaspóricos observados é o seu carácter fechado, cujo acesso depende de um pedido de adesão ao seu administrador. Ao administrador cabe não só gerir o grupo e os seus constituintes, mas também estabelecer regras (*netiquette*) que garantam o seu bom funcionamento. No mural de um dos grupos é possível ler uma extensa descrição da qual se transcreve as seguintes passagens:

“Para uma convivência saudável entre todos os membros, pedimos que algumas regrinhas básicas sejam observadas em nosso Grupo: Assunto particular é para comentar em chat, reservado, e não aberto a todos. Evite comentar algo fora do assunto do tópico já aberto. (...) Todos os perfis que violarem nossas REGRAS BÁSICAS serão banidos e, em casos mais graves, denunciados ao *Facebook* (em massa, via perfis amigos). Não aceitamos na nossa comunidade os tais “*fakes*” (perfis falsos), estamos banindo todos que encontrarmos! Mantenha a cordialidade, a educação e respeito, mesmo se você não pratica isso no mundo real.” [*in* observação direta do grupo “Portugueses na Suíça”]

“À medida que o grupo ia crescendo e iam entrando membros que não conhecia fui constatando que teria que haver ordem e regras para funcionasse (...) surgiram as regras no grupo e foram sendo adaptadas a novas situações que iam surgindo. Hoje, é um grupo regido por regras bem definidas e muito bem pensadas para salvaguardar todos por igual e onde o respeito seja permanente e a entreaajuda prossiga. Para isso foram também os membros responsabilizados pelo bom funcionamento do grupo e a eles cabe também a responsabilidade de manter a casa limpa.” [*in* entrevista nº 1]

O grupo “Portugueses na Suíça” conta com cerca de 22 875 membros (24/08/2015). Na sua foto de capa facilmente se identifica a bandeira portuguesa, pintada num rosto feminino, que nos remete para “A Portuguesa” tendo como pano de fundo uma paisagem alpina gélida.

Imagem 6.3: Página do grupo dos “Portugueses na Suíça” no Facebook



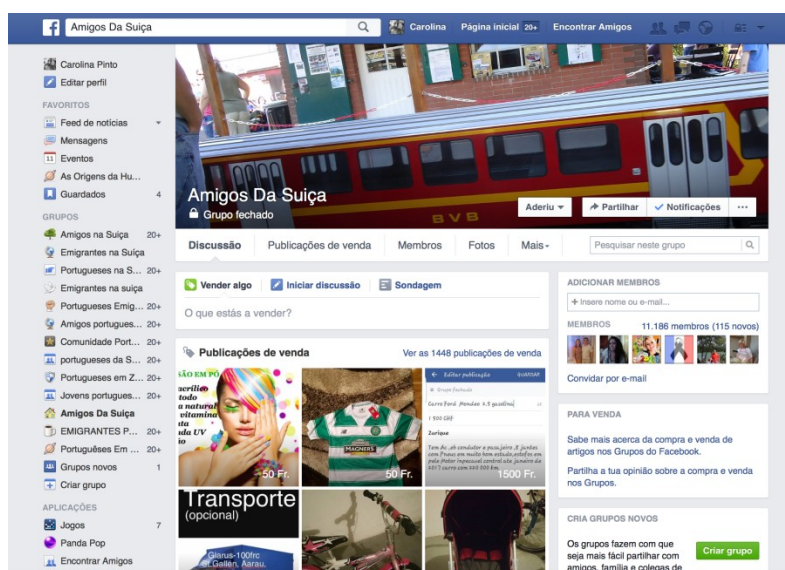
Link: <https://www.facebook.com/groups/GrupoDosPortuguesesNaSuica/>

O grupo assume uma forte componente de “compra, troca e venda” bem visível na maioria das suas publicações. Das publicações observadas (total 1120) e analisadas é possível identificar as temáticas mais frequentes: a venda de artigos de natureza diversa, anúncios de prestação de serviços, publicitação de eventos culturais, lazer e ócio, notícias e anúncios de emprego. No âmbito das vendas, identificam-se artigos vocacionados para o público feminino que fomentam o bem-estar e boa forma física, como artigos de cosmética, perfumaria e de emagrecimento. Para o público masculino, os anúncios estão relacionados com automóveis e acessórios a eles associados, bem como, artigos eletrónicos como consolas de jogos, *smartphones* entre outros. No âmbito mais cultural, publicitam-se, artigos tradicionais feitos à mão (toalhas bordadas ou lenços minhotos) e produtos da gastronomia e mercearia portuguesa (vinhos regionais, azeite, enchidos, queijos e pratos regionais). Anuncia-se igualmente a prestação de serviços, apoio jurídico, aulas particulares ou cursos de alemão, apoio informático

direcionado para a instalação da TVbox satélite com acesso a canais de televisão portugueses. Existem também anúncios de transportadoras portuguesas e animações musicais. Divulgam-se eventos culturais, como festas portuguesas, concertos ao vivo de fadistas e música popular portuguesa. São divulgadas rádios portuguesas entre elas a RDS - Rádio de Sempre, Rádio de Portugal, Rádio e TV Lusa e Rádio Onda Tuga.

Na vertente cultural e tradicional, é possível encontrar alguns vídeos turístico-culturais portugueses nomeadamente das regiões norte do país. Existem, porém, vídeos (conteúdos multimédia) de índole histórico-cultural, com os temas “Espinho dos nossos avós”, “Regressar as origens - Minho”, “Mira saudades” ou “Regressar às origens - um Portugal deslumbrante”. Na temática, lazer e ócio, são publicadas anedotas, vídeos hilariantes, mensagens em formato (.gif) com conteúdos religiosos (orações do dia e mensagens a desejar os bons dias ou boa noite). Por seu turno, o grupo “Amigos da Suíça” possui cerca de 11 186 membros (24/08/2015) sendo administrado por um português oriundo de Vila Real e residente em Nyon. Este grupo possibilita, aos seus membros, iniciar discussões ou até mesmo fazer sondagens, aceder à sua lista de membros, fotos, eventos e outros ficheiros bem como, convidar potenciais membros através do e-mail. Em contraste com a foto de capa do grupo anterior a este grupo, não faz qualquer alusão ou associação a Portugal ou à cultura portuguesa.

Imagem 6.4: Página do grupo “Amigos da Suíça” no Facebook



Link: <https://www.facebook.com/groups/161682717352156/?fref=ts>

À semelhança do grupo “Portugueses na Suíça”, neste grupo predomina a venda de artigos. As 1448 publicações observadas não divergem das publicações descritas no grupo anterior, ainda que as vendas identificadas neste grupo sejam maioritariamente de automóveis, veículos motorizados, bicicletas em segunda-mão. Verifica-se a venda de perfumes de personalidades portuguesas (Mikael Carreira, Cristina Ferreira ou Cristiano Ronaldo), produtos de emagrecimentos, bijutaria em prata, artigos de moda para senhora e criança, camisolas de futebol, calçado, *smartphones*, jogos, eletrodomésticos e mobiliário de casa usado. O mural apresenta publicidade feita pelos proprietários de negócios portugueses, de pequena dimensão, tais como lojas, moda (*online*), salões de cosmética, restaurantes, lojas de informática, pequenas mercearias com produtos regionais ou tradicionais (vinhos, enchidos, azeite e bacalhau graúdo) e pastelarias (pastéis de nata). Também se publicitam anúncios de prestações de serviços na área da contabilidade, créditos ou empréstimos a particulares, na área da saúde dentária e da cosmética, *babysitting*, consultas de *Tarot* e magia cigana, serviços de transportes ou mudanças, cursos de *Reiki*, cursos intensivos de Alemão, aulas de acordeão. No ramo imobiliário, encontram-se anúncios para aluguer de casas de férias em zonas costeiras de Portugal. Constata-se também a existência de anúncios de aluguer de apartamentos na Suíça. Por fim, é feita a divulgação de eventos e festas portuguesas, sendo a Rádio e TV Lusa um dos canais privilegiado através do qual se registam em formato audiovisual, festas e acontecimentos que impliquem a comunidade portuguesa. No que respeita à interação entre membros, em ambos os grupos, ela é quase inexistente e quando muito pontualmente se regista, situa-se fora da faixa etária em estudo. A língua utilizada para comunicação é o português.

Explorando as listas de membros dos grupos, verifica-se a presença de jovens, cujos perfis individuais no *Facebook* apontam para as idades da “amostra”, dos 16-23 anos. Face ao exposto, e considerando que 61,5% dos jovens da “amostra” indicaram ser membros de grupos portugueses na rede social em estudo, é possível concluir, que os jovens portugueses podem efetivamente ser membros dos referidos grupos, assumindo, contudo, uma postura de observação e monitorização passiva dos mesmos. Assim, a (quase) total ausência e interação

dos jovens migrantes portugueses nos grupos mais mencionados no questionário pode ser justificada com base nas transcrições que se seguem:

“Não têm lá [grupos no *Facebook*] nada que lhes interesse, penso que os jovens estão mais interessados em sair com amigos ou escrever com amigos do que estar a ver grupos ou essas coisas. Nos grupos acho que tem mais pessoas entre os 25-45 ou mais de idade.” [in observação participante, Perfil 6]

“Não pertenço a nenhum [grupo] da comunidade portuguesa, não os acho interessantes. A imagem que tenho deles é muito má, não tanto pelo que publicam, mas sim pelo que respondem (...) há muita gente a falar do que não sabe. Acho que a comunidade portuguesa que está aqui não representa Portugal. São pessoas com pouca formação e raras são aquelas que se integraram com a comunidade do país de acolhimento.” [in observação participante, Perfil 3]

“Não me identifico. No entanto, acho que apesar de ser um grupo com um suposto nome que remete aos “Emigrantes na Suíça”, no seu conteúdo nada ou quase nada se relaciona com tal tema. Acho que um “grupo” deste género deveria ser principalmente para a partilha de experiências e por exemplo ajuda mútua.” [in observação participante, Perfil 4]

“Não são muito interessantes estão cheios de *SPAM*, alguns têm interesse, mas muitos não. Há muitos grupos e páginas de portugueses na Suíça, mas não me identifico com nenhum, deixam publicar coisas que não fazem nada sentido com o tema do grupo. Ninguém os leva isso a sério! Os jovens não veem interesse nesses grupos.” [in observação participante, Perfil 7]

“Talvez, porque não gostem de se comunicar entre eles...e alguns por vergonha. Os jovens em relação aos mais velhos têm vergonha de se exprimirem e de publicar as coisas (...) fecham-se mais nesses grupos e pouco lhes ligam. Mas eles têm sempre interesse em saber das coisas e das suas raízes.” [in observação participante, Perfil 1]

No reforço destes recortes decorrentes da observação participante acrescenta-se, a perspetiva dos administradores de grupos vocacionados para a população migrante portuguesa na Suíça:

“É verdade que a geração mais jovem não interage muito nos grupos de comunidade portuguesa. A única razão que eu encontro para que isso aconteça é talvez não se identificarem com o tema ou não terem a necessidade de contacto próximo com a comunidade portuguesa online”. [in entrevista ao administrador do grupo Emigrantes na Suíça]

“Eu penso que isso acontece porque os jovens estão cada vez mais desligados do contacto com as pessoas e quando se trata de entreajuda pior ainda, os interesses hoje são bem mais diversificados. Percebe-se facilmente que a escrita em português não é o ponto forte dos jovens. Esse grupo facilmente se desliga da escrita em português e escreve em alemão, francês ou outra. Neste grupo “Amigos na Suíça” é exigido o máximo de respeito, sendo que existem membros com 70 e até mais anos. A postura da faixa etária mencionada (16-23 anos) é um grupo que se rege por uma liberdade de expressão muitas vezes sem considerar que estão a ferir a suscetibilidade de outros com expressões e outros menos própria. Neste grupo existe um pouco de exigência que para os jovens é sem dúvida demais (os jovens não gostam muito de cerca curta, regras, etc.)” [in entrevista ao administrador do grupo “Amigos da Suíça”]

Esta última transcrição sugere que, para além da “generalizada” falta de interesse por parte dos jovens migrantes pelos conteúdos publicados e pelas regras/normas que os “autogerem e autorregulam”, não é atrativo para a juventude. Indo ao encontro de Martín-Barbero (1997) é possível inferir que os jovens migrantes portugueses preferem outros “lugares” no ciberespaço, “WhatsApp e/ou Instagram”, onde a interação possa ser feita de forma menos exposta, com maior liberdade de expressão e privacidade que lhes proporcione uma “socialização isenta de monitorização por parte das autoridades institucionais”, melhor dizendo, dos pais, dos familiares ou dos professores (ibid.). Contudo, a invisibilidade dos jovens não é de todo sinónimo de falta de interesse “generalizado” dos jovens migrantes em relação aos seus conterrâneos e à cultura portuguesa. Parafraseando o jovem português administrador da página da comunidade portuguesa mais premiada no *Facebook*:

“É verdade que os jovens estão pouco implicados (...). Nas redes sociais é pouco visível, mas nos eventos vê-se que não há comunidade tão unida.” [in entrevista ao administrador da “Página dos portugueses na Suíça”]

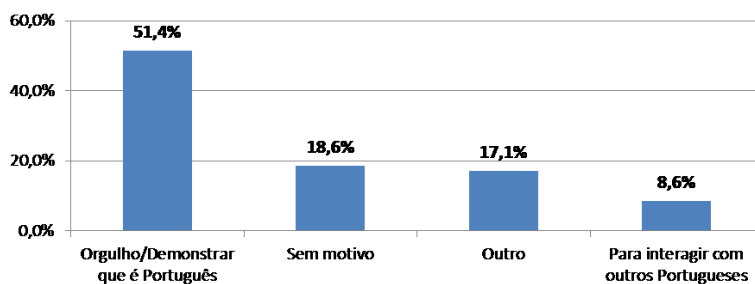
Pese embora se tenha verificado uma forte ausência dos jovens portugueses nas dinâmicas interacionais dos grupos diaspóricos portugueses observados, os jovens portugueses não escondem, nas suas páginas do *Facebook* a sua situação de emigração, tornando público a informação: “onde vivem e de onde são.”

**Imagem 6.5: Publicação da sua condição de migrante e origem portuguesa**



[in observação participante, cronologia dos perfis 6, 7, 1 e 5]

Com base nas informações recolhidas no questionário, 59,8% dos jovens migrantes inquiridos tornam pública a sua origem Portuguesa no seu perfil do *Facebook*. Quando questionados sobre o motivo de tornarem pública essa informação cerca de metade (51,4%) afirma que sente orgulho em demonstrar a sua origem e identidade portuguesa. Por sua vez, alguns jovens (8,6%) dizem tornar pública essa informação com o intuito de interagir com outros portugueses em situação idêntica.



Uma vez que foi dada a possibilidade de os jovens responderem de forma “aberta” seguem-se algumas transcrições dos seus testemunhos:

“Tenho orgulho em ser português...” [*in* questionário P28, respondente nº 124, a 20/12/2015 às 16:44]

“Porque tenho orgulho e quero que as pessoas saibam que sou em primeiro lugar portuguesa.” [*in* questionário P28, respondente nº 112 a 20/12/2015 às 19:07]

“Para nunca perder a raiz de onde venho.” [*in* questionário P28, respondente nº 82 a 19/12/2015 às 18:40]

“Porque tenho muito orgulho em ser quem sou e de onde venho.” [*in* questionário P28, respondente nº 4 a 24/08/2015 às 16:05]

“Porque considero importante reconhecer quem sou e as minhas origens, para que os outros percebam a minha identidade cultural.” [*in* questionário P28, respondente nº 15 a 25/08/2015 às 20:31]

“Para verem onde me encontro neste momento e para verem a nossa situação aqui no estrangeiro.” [*in* questionário P28, respondente nº 5 a 24/08/2015 às 16:14]

“Para conhecer gente na mesma situação.” [*in* questionário P28, respondente nº 10 a 24/08/2015 às 17:28]

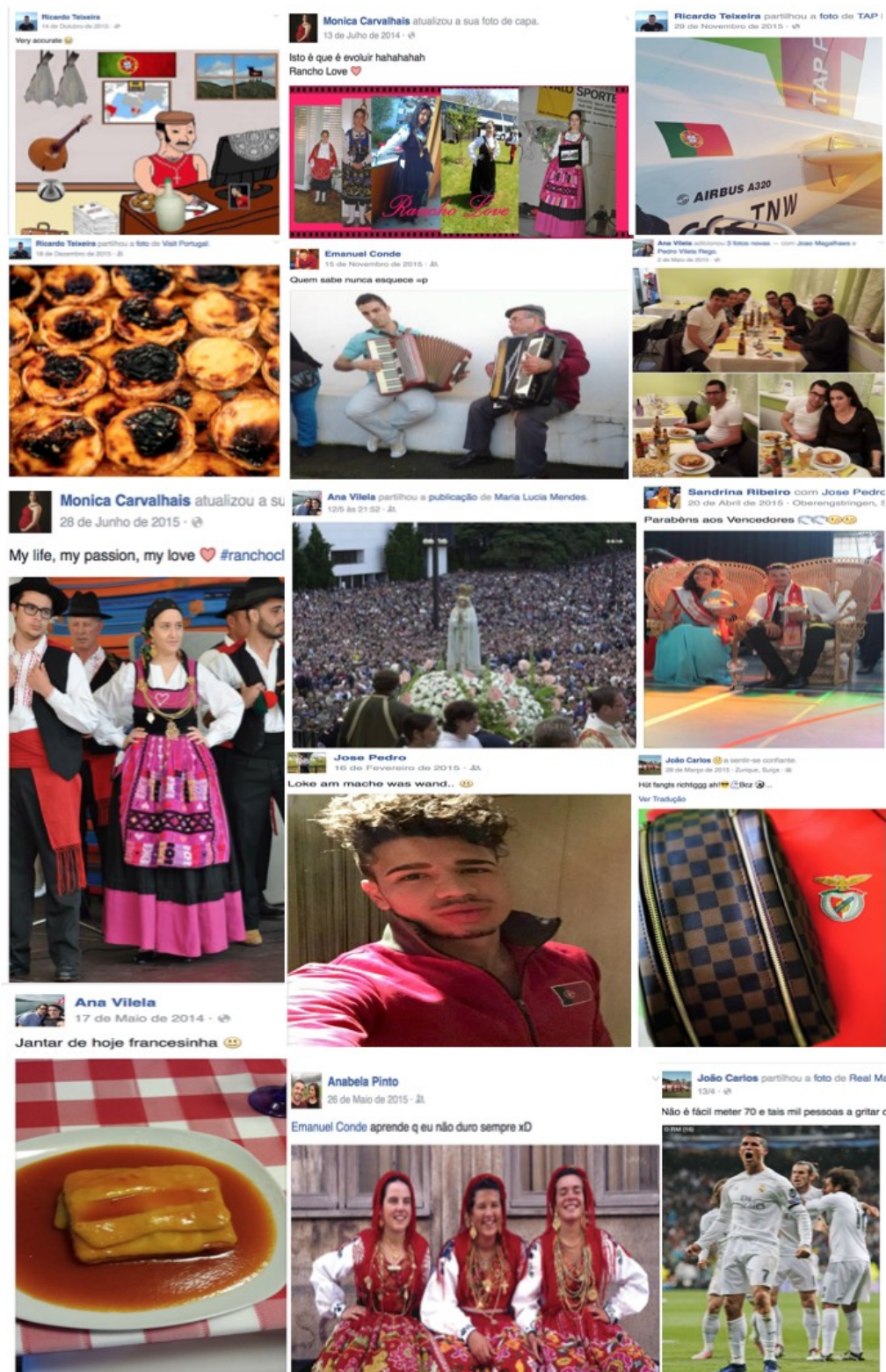
“Poder encontrar alguém que já não tenho contacto.” [*in* questionário P28, respondente nº 7 a 24/08/2015 às 16:24]

### ***A cultura portuguesa presente nas cronologias dos jovens migrantes***

Para além das manifestações de “orgulho” em relação às suas origens, são visíveis, nas páginas pessoais dos jovens migrantes, alguns indicadores da presença da cultura portuguesa nas suas vidas. Assim, apesar da distância física e da acentuada diferença cultural entre os dois países, Portugal - Suíça, os jovens, aparentemente integrados, sentem a necessidade de afirmar e preservar as suas raízes e a herança cultural portuguesa. Os traços culturais identificados nos perfis dos jovens remetem para a gastronomia, religião, cultura popular e o futebol.

As imagens recolhidas são alguns dos exemplos extraídos das cronologias dos jovens migrantes portugueses durante a observação participante:

Imagem 6.6: Símbolos/traços da cultura portuguesa partilhados nas cronologias dos jovens migrantes



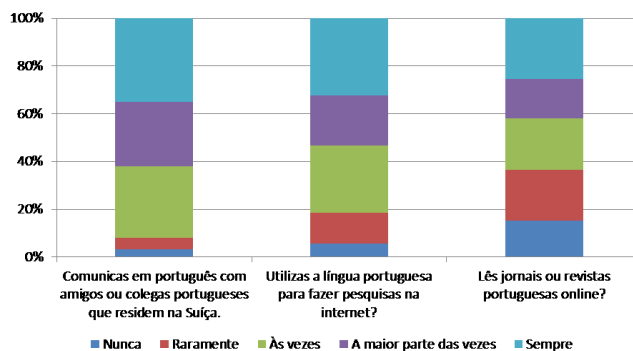
[in observação participante, cronologias]

Os jovens identificam-se com os símbolos portugueses, como a bandeira de Portugal, os clubes de futebol (Benfica), com o expoente máximo do futebol português, Cristiano Ronaldo, com a companhia aérea portuguesa TAP (que jovens privilegiam para as suas viagens a Portugal). Os sete perfis observados são de jovens migrantes maioritariamente provenientes das regiões norte do país, motivo pelo qual se verifica com alguma frequência a partilha de fotos de um dos ex-libris da gastronomia nortenha, a “francesinha”. Na vertente cultural, destaca-se a presença singela do folclore e do acordeão. É curioso constatar que o perfil onde está presente a paixão pelo folclore pertence a uma jovem portuguesa, já nascida na Suíça. A jovem faz parte do Rancho Clube Lusitano de Zurique (CLZ) desde tenra idade. Refere não só a grande adesão dos jovens a esse tipo de eventos culturais como também a forte presença de jovens portugueses que integram os ranchos folclóricos portugueses existentes na Suíça. No caso particular do acordeão, o jovem em apreço, nas deslocações à sua terra natal, Painho (Cadaval), mata saudades tocando nas festas com o seu avô. No domínio religioso, a Nossa Senhora de Fátima, surge em dois dos perfis observados como um símbolo da fé católica que está presente na vida dos jovens migrantes portugueses.

### ***A língua Portuguesa como língua de aproximação e identificação cultural***

Falar na cultura de um determinado território geográfico, é falar da sua língua. A língua é um dos principais elementos caracterizadores de uma cultura e um dos principais veículos da sua difusão e disseminação. Para Fernando Pessoa, “a minha pátria é a minha língua”. Quando se fala de grupos migratórios, de deslocação e afastamento da região geográfica de onde origina toda uma cultura, a relação desses grupos com a língua é um fator de análise muito importante. Independentemente das perceções que os jovens migrantes possam ter da sua identidade cultural, uma vez que vivem em situação bi-cultural e bilingue ou até mesmo do orgulho que possam sentir face à sua herança cultural ou identidade portuguesa, a utilização e recurso à língua materna é um dos principais veículos para a construção da identidade e nesse sentido a frequência com que estes jovens utilizam a língua Portuguesa é um dado essencial. Neste caso particular é

possível observar a frequência da utilização da língua Portuguesa em 3 situações-tipo diferentes.



Na comunicação com outros portugueses as categorias “Nunca” e “Raramente” têm uma expressão quase residual, o que sugere um nível considerável da língua na interação com a restante comunidade Portuguesa, sendo que mais de metade indicou que fala Português com amigos ou colegas a maior parte das vezes ou sempre. Em termos de utilização da língua para pesquisar na internet o padrão é semelhante sendo que há um ligeiro aumento dos que raramente usam e dos que nunca usam, mas ainda em minoria. Quanto à consulta da Imprensa portuguesa, já se verifica um padrão diferente das restantes situações, o “Nunca” e o “Raramente” apresentam uma percentagem considerável. A questão da consulta da menos consulta da Imprensa portuguesa pode, eventualmente, remeter para duas possibilidades: a primeira é a não existência de hábitos de leitura de imprensa (relembre-se que a utilização do *Facebook* para se manterem informados tinha um peso considerável) e a segunda é o facto da imprensa em Português poder não cobrir a realidade local do país de acolhimento e o recurso à imprensa local noutra língua ser a melhor opção. Contudo a língua portuguesa é a língua dominante quer nos grupos diaspóricos quer nos perfis dos jovens observados. Em casos muito pontuais em que existe interação com amigos ou colegas suíços, os jovens portugueses retribuem em alemão ou suíço-alemão (dialecto regional). A capacidade de comunicar em Português com outros portugueses na Suíça e fora de Portugal é uma forte evidência de que mesmo geograficamente distantes da cultura de origem, os jovens portugueses levam

consigo além-fronteiras a língua portuguesa, preservando-a e elevando-a nas redes sociais, em particular, no *Facebook*.

## **6.2. Conclusões**

A presente investigação desenvolveu-se sensivelmente ao longo de dois anos, iniciando-se a investigação empírica, *in situ*, na rede social *Facebook* em Agosto de 2015 e prolongando-se até Fevereiro de 2016. Neste arco temporal e ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos etnográficos, construiu-se um percurso de investigação com base num pluralismo de técnicas e instrumentos de recolha de dados qualitativos e quantitativos, como a observação participante, a aplicação de um inquérito por questionário digital e entrevistas semiestruturadas online. Após a recolha dos dados procedeu-se à análise e a validação dos mesmos, através da triangulação de dados e inter-métodos. Recorde-se que foi intenção explícita desta dissertação, investigar os usos sociais e culturais das tecnologias digitais em contexto migratório, em geral, e o papel das redes sociais na identidade cultural dos jovens portugueses migrados na Suíça, em particular. Traçar o perfil sociodemográfico e tecnológico dos jovens portugueses migrantes na Suíça fez parte desses mesmos propósitos específicos bem como identificação da rede social privilegiada para contacto com os familiares e amigos em Portugal. No domínio da identidade cultural analisou-se a relação dos jovens migrantes portugueses com os grupos ou comunidades diaspóricas nessa rede social, e por fim, identificou-se nos perfis dos jovens implicados traços ou indicadores identitários da cultura portuguesa. Finda a triangulação dos resultados empíricos foi possível chegar às seguintes conclusões.

## **Conclusões gerais**

Os jovens migrantes portugueses que constituem a faixa etária dos 16 aos 23 anos desta “amostra” são oriundos da região norte e do centro-norte de Portugal. A maioria possui nacionalidade portuguesa. Em termos de habilitações ou qualificações escolares foi possível apurar que as habilitações desses jovens estão em conformidade com sua idade, o que não só revela uma boa integração e adaptação no sistema escolar suíço como também uma clara aposta na sua formação, ao superar as habitações dos seus pais. Confirma-se a existência de jovens já licenciados ou a frequentar a universidade na Suíça.

No que concerne ao seu estatuto de permanência, a investigação revela que os jovens portugueses possuem autorizações de residência de carácter prolongado ou permanente, sobretudo, através da reunificação familiar. Relativamente ao seu contexto familiar a maioria dos jovens migrantes vive com os pais e/ou pelo menos um irmão. Considerando que a faixa etária em estudo se situa entre os 16 e os 23 anos regista-se uma percentagem assinalável de jovens a viver com o cônjuge ou parceiro, mas também a viver sozinhos. Estas duas últimas constatações demonstram claramente sinais de emancipação financeira fruto da vertente de ensino técnico-profissional, via facilitadora da entrada “precoce” no mercado de trabalho suíço.

No domínio **socio-tecnológico** confirma-se a elevada utilização e a importância atribuída aos aparelhos tecnológicos, em particular, os *smartphones* e os laptops, por parte da juventude migrante. O *smartphone* é inequivocamente o aparelho privilegiado junto dos jovens portugueses. Acredita-se, igualmente, na tendência da utilização dos *smartphones* em substituição dos computadores em algumas tarefas e/ou atividades, nomeadamente, a sua presença nas redes sociais digitais. Perante os resultados obtidos, é possível chegar à conclusão que os jovens migrantes portugueses estão bastante familiarizados com as tecnologias digitais e encontram-se totalmente imersos num estilo de vida digital, no qual as tecnologias - internet e média digitais - assumem um papel central no seu quotidiano. A investigação evidencia que o acesso à **Internet** é diário e que a larga maioria dos jovens migrantes, acede à rede quer no âmbito doméstico quer fora de casa, através dos *smartphones*. Quanto aos usos sociais da Internet,

conclui-se que a maioria dos jovens portugueses, utiliza esta ferramenta tecnológica para comunicar e para lazer. Fazer pesquisas, aceder às redes sociais, conversar com amigos e familiares, ouvir música, consultar e enviar e-mails, ler ou ver notícias, figuram entre as atividades mais frequentes, por parte dos jovens migrantes. Ficou claro que a **Internet** representa a porta de acesso ao ciberespaço português e às redes sociais nela existentes, sendo considerada pela larga maioria dos jovens migrantes uma ferramenta indispensável em contexto migratório. Relativamente ao **ciberespaço português**, verifica-se que jovens migrantes inquiridos acedem sobretudo à imprensa desportiva e generalista, aos *sites* associados a canais de televisão portuguesa *online* e *blogs* temáticos.

### **Conclusões específicas**

A investigação empírica comprova a rede social **Facebook** como a rede privilegiada pelos jovens migrantes para contacto com familiares e amigos em Portugal. O *Facebook* é a rede que conecta e aproxima os jovens migrantes a Portugal e por conseguinte à cultura portuguesa. Através da rede social em apreço, os jovens migrantes acedem em simultâneo a vários grupos diaspóricos portugueses ou páginas vocacionadas para a comunidade migrante portuguesa na Suíça. A observação direta não-participante corrobora a presença dos jovens nos grupos diaspóricos (enquanto membros) embora numa postura vigilante e passiva do ponto de vista interacional. Essa postura é expectável e indicia a não identificação com os conteúdos publicados nesses grupos. Os grupos diaspóricos observados afastam-se muito dos propósitos a que inicialmente se propõem assumindo uma forte componente de vendas. Porém, a passividade sentida nos grupos diaspóricos contrasta com as atividades registadas nas páginas individuais dos jovens migrantes portugueses.

As **Redes Sociais** possibilitam aos jovens migrantes ser membro de comunidades virtuais - redes coletivas - através das quais podem aceder ou partilhar conteúdos, proporcionam uma rede de encontros entre jovens migrantes portugueses, desempenhando um papel preponderante na difusão da cultura portuguesa. A investigação evidencia que o *Facebook* para além de ser uma rede

social e essencialmente comunicacional é também para os jovens migrantes portugueses uma rede cultural que permite aos jovens revivificar a sua herança cultural portuguesa; permite criar um presente e um passado, tempos necessários para o desenvolvimento de uma memória coletiva portuguesa; permite ao jovem migrante português afirmar-se culturalmente nos seus perfis pessoais (individualmente) gerando um sentimento de identidade cultural construído na rede e em rede; podemos afirmar, que as redes sociais, no caso concreto e objeto de estudo - *Facebook* - são “responsáveis” pela intensificação do convívio dos jovens portugueses no *offline*.

Por fim, e em resposta ao maior propósito desta investigação, conclui-se que as redes sociais digitais permitem aos jovens migrantes portugueses revivificar e afirmar a sua cultura portuguesa, construindo uma identidade cultural portuguesa em rede, identidade essa, carregada de símbolos e traços identitários da cultura portuguesa (a utilização da língua portuguesa como língua de comunicação, a religião católica, o futebol português, a gastronomia, as tradições e os costumes portugueses e a música tradicional) construída por todos, e que gera, uma “proximidade representacional” e imaginada entre os jovens migrantes, Portugal e a cultura portuguesa.

## Bibliografia

AUGÉ, Marc (2012). Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Lisboa: Letra Livre.

AMARAL, Inês (2008). A @migração para o Ciberespaço: a Dimensão Social dos Mundos Virtuais. Observatório (OBS\*) Journal, 5 (2008), pp. 325-344.

AMARAL, Inês e SOUSA, Helena. Era dos self media *in* Rev. Eletrónica Portas, v.3, n.3, p.9-17, dez. 2009. Disponível em: <http://www.acicate.com.br/portas/selfmedia.pdf> acesso a 12.01.2016.

APPADURAI, Arjun (2004). Dimensões Culturais da Globalização - Modernidade sem peias. Editorial Teorema, Lisboa.

ARDÈVOL, Elisenda; Bertrán, Marta; Callén, Blanca; Pérez, Carmen (2003) "Etnografía virtualizada: la observación participante y la entrevista semiestructurada en línea." Athenea digital, 3. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/athdig/15788946n3/15788946n3a5.pdf> acesso a 5.10.2015.

ARROTEIA, Jorge (1983). A emigração portuguesa - suas origens e distribuição (1ª edição). Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação. Lisboa Bertrand.

BAIRD, Ileana (2014). Social Networks in the Long Eighteenth Century: Clubs, Literary Salons, Textual Coteries. Cambridge Scholars Publishing.

BAUMAN, Zygmunt (2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BAUMAN, Zygmunt (2004). Amor Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BAUMAN, Zygmunt (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAGANHA, Maria Ioannis e Peixoto, João (1997). "Trends in the 90's: The Portuguese Migratory Experience", in Maria Ioannis Baganha (ed.). Oeiras Celta Editora, Pp. 15-40.

BARDIN, Laurence (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa: Portugal.

BARRETO, António (org.) (2005). *Globalização e Migrações*. Estudos e 38, ICS. Capítulo 9.

BENEDICT, Anderson (1993). *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre la origen y la difusión del nacionalismo*: Traducción de Eduardo L. Suárez. México: Fondo de Cultura Económica.

BENEDICT, Ruth (1983) *Padrões de Cultura*. Editora Livros do Brasil.

BOGDAN, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

BOURDIEU, Pierre (2003). *Questões de Sociologia*. Lisboa, Fim de Século Edições.

BRIGNOL, Dutra. *Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

BRIGNOL, Dutra (s/D). *Internet e identidade migrante: Usos sociais da internet em web-diaspóricas*. Disponível em: <http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt011-internete.pdf> acesso em 08.01.2016.

BRIGNOL, Dutra (2012) *Diáspora latino-americana e redes sociais da internet: a vivência de experiências transnacionais*. in Denise Cogo, Mohammed ElHajji &

Amparo Huertas (eds.) (2012). Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona. Disponível em: [http://incom.uab.cat/diasporas/download/diaporas\\_migraciones\\_tic\\_identidades\\_06.pdf](http://incom.uab.cat/diasporas/download/diaporas_migraciones_tic_identidades_06.pdf) acesso a 8.01.2016.

BRIGNOL, Dutra. Protagonismo Migrante na Web: uma observação exploração em torno do conceito de web-diaspóricas. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE - 2 a 6 de Setembro de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2529-1.pdf> acesso em 9.12.2015.

BUCKINGHAM, David (2008). "Introducing Identity." Youth, Identity, and Digital Media. Edited by David Buckingham. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press.

CANCIAN, Juliana (s/D). "Contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo". Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf> acesso a 13.12. 2015.

CANCLINI, Néstor García, Francisco Cruces, Maritza Urteaga Castro Pozo (coords). Jóvenes, culturas urbanas e redes digitales. Editorial Ariel S.A., 2012 e Fundación Telefónica, 2012. Espanha, Barcelona y Madrid.

CANCLINI, Néstor García (1997). El malestar en los estudios culturales *in* Fractal n.º 6, Julio-Septiembre, año 2, volumen II, pp. 45-60.

CANCLINI, Néstor Garcia (1995). Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity, Minneapolis, University of Minnesota Press.

CARMO, Renato M. & SIMÕES, José (2009). A produção das mobilidades: redes, especialidades e trajectos. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.

CASTELLS, Manuel (2011). A Sociedade em Rede. 4ª Edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel (2007). A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura. Volume II. O Poder da Identidade. 2ª Edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel; Fernández-Ardèvol, Mireia; Qiu, Linchuan; Sey, Araba (2009). Comunicação Móvel e Sociedade. Uma perspectiva global. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTLES, Stephen (2005). Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios - dos trabalhadores convidados as migrações globais. Lisboa, Edições Fim de Século.

CARVALHO, Francisco (2011). A emigração portuguesa nos anos 60 do século XX. Porque não revisitá-la hoje? Lisboa: CPES - Centro de Pesquisa e Estudos Sociais.

CUCHE, Denys (1999). A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, EDUSC.

DAUNIS, Roberto (2000). Jovens - desenvolvimento e identidade. Troca de perspectiva na psicologia da educação. Brasil, São Leopoldo, Editora Sinodal.

DE LA TORRE, Carolina (2001). Las identidades; una mirada desde la psicología. La Habana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana, Juan Marinello.

DE LA TORRE, Carolina (2002). Identidad e identidades. Revista Temas, Cultura, Ideología, Sociedad, Cuba, n. 28, Nueva Época, jan. /mar.

DE LA TORRE, Carolina. Identidad, Identidades y Ciencias Sociales Contemporáneas; Conceptos, Debates y Retos” 2008, Psicología online. Disponível em: <http://www.psicologia->

[online.com/articulos/2008/05/identidad-identidades-y-ciencias-sociales.shtml](http://online.com/articulos/2008/05/identidad-identidades-y-ciencias-sociales.shtml)

acesso a 8.04.2016.

DEKKER, R. & ENGBERSEN, G., (2012). How social media transform migrant networks and facilitate migration. Working Papers, 64, November 2012, THEMIS, IMI - International Migration Institut, University of Oxford. Disponível em: <http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/wp/WP-64-2012/view> acesso a 15.12.2015.

DUARTE, Teresa (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica), CIES e-WORKING PAPER N. o 60/2009. Disponível em: [http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP60\\_Duarte\\_003.pdf](http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf) acesso a 20.04.2016.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil & ABRAMOVAY, Miriam. “Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas” in VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 25-28 Junho, 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf> acesso a 17.09.2015

FERREIRA, Cátia. Formas de remediação da identidade cultural: a internet e os emigrantes portugueses nos EUA. Tese de Mestrado em Comunicação, Universidade Católica de Lisboa (2007).

FERNBACK, Jan & THOMPSON, Brad. Virtual Communities: Abort, Retry, Failure? Disponível em: <http://www.well.com/~hhr/texts/VCCivil.html> acesso a 06.01.2016

FIALHO, Joaquim Manuel (2014). Análise de redes sociais: Princípios, Linguagem e estratégias de Acção na gestão do conhecimento. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa, v.4, Número especial, p.9-26, out. 2014. <http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/105-redes-sociais-na-internet-desafios-a-pesquisa> acesso a 22.11.2015.

FIBBI, Rosita, Bolzman, Claudio Bolzman, Antonio Fernandez, Andrés Gomensoro, Bülent Kaya, Christelle Maire, Clémence Merçay, Marco Pecoraro, e Philippe Wagner (2010).” Die portugiesische Bevölkerung in der Schweiz”. Vertrieb Bundespublikationen, Bern.

GARCIA, José Luis (2000). Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados. Dois Estudos Introdutórios. Oeiras, Celta.

HALL, Stuart (2005). A identidade cultural na pós-modernidade. 10<sup>a</sup> edição Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.

HALL, Stuart (2003). Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. *In* Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.

HILL, Manuela e Hill, Andrew (2005). Investigação por Questionário. Lisboa, Edições Sílabo.

HINE, Christine (2000). Virtual Ethnography. London: Sage Publications.

HUGGER, Kai-Uwe (2009). Suche nach sozialer Anerkennung und Vergewisserung von Zugehörigkeit: Junge Migranten und die Verarbeitung von Hybrididentität im Internet. VS Verlag für Sozialwissenschaften.

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: A Theoretical Outline. Article first published online: 23 JUN 2006. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00075.x/full> acesso a 2.02.2016

KING, Russel & WOOD, Nancy (2001). Media and Migration. Constructions of mobility and difference. New York: Routledge Research in Cultural and Media Studies.

KOZINETS, Robert V. (2006). Netnography. In V. Jupp (Ed.), The sage dictionary of social research methods (pp. 135). London: Sage Publications.

KOZINETS, Robert V. The eld behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. Journal of Marketing Research. v. 39, p. 61-72, fevereiro. 2002.

LEE, Komito (2011). Social Media and Migration: virtual community 2.0. in Journal of the American Society for Information and Science and Technology 2011, v. 62 (6). pp. 1075 -1086.

LÉVY, Pierre (1996). O que é o Virtual? Tradução Paulo Neves. Brasil, editora 34, colecção Trans.

LÉVY, Pierre (2000). Cibercultura – Relatório para o Conselho da Europa no quadro do projecto «Novas tecnologias: cooperação cultural e Comunicação». Lisboa : Instituto Piaget.

MALINOWSKI, Bronislaw (1995). Journal d'ethnologue. Recherches anthropologiques. Paris Éditions du Seuil.

MALHEIROS, Jorge (2010). "Portugal 2010: o regresso do País de emigração?". Notas e Reflexões, JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 2, N°. 1, Primavera 2011. Disponível em: [observare.ual.pt/janus.net/pt\\_vol2\\_n1\\_not3](http://observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_not3) acesso a 03.12.2015.

MARCELO, Ana Sofia. Internet e Novas Formas de Sociabilidade. Tese de mestrado em Ciências da Comunicação. 2001 Universidade da Beira Interior Covilhã, Portugal.

MARQUES, José Carlos Laranjo (1997). "A emigração portuguesa para a Suíça". Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

MARQUES, José Carlos Laranjo (2001). A emigração portuguesa para a Europa: desenvolvimentos recentes. Janus.

MARQUES, José Carlos Laranjo (2008). Os Portugueses na Suíça: Migrantes Europeus. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987. Disponível em: [http://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/de los medios a las mediaciones.pdf](http://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/de_los_medios_a_las_mediaciones.pdf)

MENDES Oliveira, José *in* O desafio das identidades. Globalização fatalidade ou Utopia? Boaventura de Sousa Santos (org). Porto: Edições Afrontamento. Capítulo 13, páginas 489-518.

MIRANDA, Orlando org. (1995). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo, EDUSP.

MOHAMMED, ElHajji e Camila Escudero (2015). Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva. Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015\\_autores\\_2759.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015_autores_2759.pdf) acesso 15.11.2015

OLIVERI, Timo. Die Migration von jungen hochqualifizierten Portugiesen / innen in die Schweiz und deren Integration in den Schweizer Arbeitsmarkt. Masterarbeit GEO 511, Universität Zürich, 2014.

O'REILLEY, Karen (2005). *Ethnographic methods*. New York, Routledge.

ORTIZ, Alejandra & Padilla, Beatriz. Construção das Identidades jovens de origem imigrante em Europa: Resultados dum projeto europeu. *REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum.*, Brasília, Ano XXII, n. 42, p. 133-158, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n42/09.pdf> acesso a 19.10.2016.

ORTIZ, Alejandra (2013). "Identidades, pertenças e afinidades dos jovens descendentes de imigrantes africanos na Área Metropolitana de Lisboa" *in* Revista Migrações, Setembro.

PAIS, José Machado (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAPADEMETRIOU, Demetrios G. coord. (2008). *A Europa e os seus Imigrantes no século XXI*. Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

PAPPÁMIKAIL, Lia (2004). "Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal". *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46: 91-116.

PEIXOTO, João (1993). "Portugal e as migrações internacionais: as perspectivas de evolução, em estruturas sociais e desenvolvimento". Lisboa, Fragmentos, vol.1, pp. 849-862.

PIRES, Rui Pena (coord.), Fernando Luís Machado, João Peixoto, e Maria João Vaz (2010), *Portugal. Atlas das Migrações Internacionais*, Lisboa, Tinta da China e Gulbenkian.

PIRES, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Ana Cristina Ribeiro (2014), Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, e DGACCP. Disponível em [http://observatorioemigracao.pt/np4/?newsId=4447&fileName=OEm\\_EmigricaoPortuguesa\\_RelatorioEstatis.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/?newsId=4447&fileName=OEm_EmigricaoPortuguesa_RelatorioEstatis.pdf) acesso a 20.11.2015.

PIRES, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo, Inês Espírito Santo, Inês Vidigal e Ana Cristina Ribeiro (2015), Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2015, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL e DGACCP. Disponível em: [http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/OEm\\_EmigricaoPortuguesa\\_RelatorioEstatis.pdf](http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/OEm_EmigricaoPortuguesa_RelatorioEstatis.pdf) acesso a 20.11.2015.

PORTES, Alejandro (2004). Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo migrante. Revista Crítica de Ciências Sociais. no 69, p.73-93.

PRENSKY, Marc. (2001). Digital natives, digital immigrants part 1. On the Horizon, 9(5), 1-6.

RECUERO, Raquel (s/D) a. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf> acesso a 7.03.2016

RECUERO, Raquel (s/D) b. *Weblogs, webrings* e comunidades virtuais. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf> acesso a 7.03.2016

RELATÓRIO DE EMIGRAÇÃO 2013. Gabinete do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas (GSECP), julho de 2014. Disponível em <https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/GADG/Destaques/DLFE-264.pdf> acesso a 20.11. 2015

RELATÓRIO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA 2014. Gabinete do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas (GSECP), outubro de 2015. Disponível em:

[https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/GADG/Relatorio da Emigração 2014.pdf](https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/GADG/Relatorio_da_Emigracao_2014.pdf) acesso a 20.11.2015.

RIBEIRO, José da Silva (2003). Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia. Lisboa, Universidade Aberta.

RICOEUR, Paul. O si-mesmo como um outro. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas, Papyrus, 1991. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5636/4110> acesso 9.04.2016.

RHEINGOLD, Howard (1993). The Virtual Community - Homesteading on the Electronic Frontier. Canada: Addison-Wesley Publishing Company.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1995). Sociologia das Migrações. Lisboa, Universidade Aberta.

ROCHA -TRINDADE, Maria Beatriz & Jorge Arroiteia (1986). A Emigração. Lisboa, Centro de Estudos Judiciários.

SANTOS, Sousa, Boaventura (1994a). Pela Mão de Alice - o Social e o Político, na Pós-modernidade. Porto: Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2002). Os processos da globalização. In B. de S. Santos (Org.), A globalização e as Ciências Sociais (pp. 25-102). São Paulo: Cortez.

SANTOS, Boaventura de Sousa org. (2005). Globalização. Fatalidade ou Utopia? 3ª Edição. Edições Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994b).

SANTOS, Vanda (2004). O Discurso Oficial do Estado sobre a Emigração dos anos 60 a 80 e Imigração dos anos 90 à actualidade. Observatório da imigração; 8.

SERRÃO, Joel (s/d). Conspecto histórico da emigração portuguesa para o Brasil. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224258510R3rFG4jc9La79ZA4.pdf> acesso a 4.02.2015.

SERRÃO, Joel (1982). A emigração portuguesa: Sondagem histórica (4ª ed.). Lisboa, Livros Horizonte.

SILVA, Lúcia (2002). Implicações cognitivas e sociais da globalização das redes e serviços telemáticos. Tese de Doutoramento em Ciências da Tecnologia da Comunicação. Universidade de Aveiro.

SOULET, Marc-Henry *in* Imigração e integração: os paradoxos do «enclave suíço». Globalização e migrações, António Barreto org. (2005). Coleção estudos e investigações. LISBOA, ICS, Capítulo 9 páginas 223-250.

SCOPSI, Claire. Les sites web diasporiques : un nouveau genre médiatique? *tic&société*. v. 3, p. 79-100, n.1-2 (2009). Disponível em: <https://ticetsociete.revues.org/640> acesso a 06.11.2015.

SMITH, Marc and Kollock, Peter (1999). *Communities in Cyberspace*. Canada: Routledge.

SPRONDEL, Johanna; Breyer, Thimo; Wehrle, Maren. Title: CyberAnthropology – Being human on the internet. Paper prepared for the 1st Berlin Symposium on Internet and Society, Oct. 25-27, 2011.

TAPSCOTT, Don (1998). *Growing up digital: The rise of the net generation*. New York: McGraw-Hill.

TAPSCOTT, Don (2010). *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Agir Negócios.

TÖNNIES, Ferdinand (2001). Community and civil society (Gemeinschaft un Gesellschaft), Cambridge: Cambridge University Press.

VERTOVEC, Steven (2004). "Cheap calls: the social glue of migrant transnationalism". Global Networks 4 (2):216-24.

VIEIRA, Liszt (2006). Morrer pela pátria? Notas sobre identidade nacional. in artigos académicos. Publicado na Revista de Sociologia Política "Política & Sociedade", v.5, nº 09, outubro de 2006. Disponível em: <http://lisztvieira.com.br/artigos-academicos-detalle.php?id=19> acesso a 11.11.2015.

WHO, World Health Organization. Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

YOUNG, Robert (1996). Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race, London: Routledge.





## Anexo nº 1



### Jovens migrantes portugueses em Rede

#### Consentimento informado

Sou Carolina Pinto, portuguesa a residir na Suíça desde 2004, e neste momento, aluna do Mestrado em Relações Interculturais na Universidade Aberta de Lisboa.

O presente inquérito por questionário pretende conhecer e compreender a forma como os jovens migrantes portugueses utilizam as tecnologias digitais, em particular, a internet e as redes sociais em contexto migratório.

Este questionário destina-se **apenas a jovens migrantes portugueses residentes na Suíça com idades entre os 16 e os 23 anos.**

Muito agradeço que possam dedicar uns minutos do vosso tempo respondendo **a todas as questões (38)**. Seria muito importante que respondessem de **forma mais honesta possível**. A duração média de aplicação deste questionário é de 8 minutos.

A **participação é voluntária e anónima**, ou seja, a informação fornecida será tratada com total confidencialidade e utilizada apenas para fins académicos.

Se necessitarem de algum esclarecimento adicional ou conhecer posteriormente os resultados desta investigação, podem utilizar o seguinte endereço electrónico: [inquerito-mri-carolina-p@hotmail.com](mailto:inquerito-mri-carolina-p@hotmail.com)

Muito obrigada pela vossa participação!

**\* 1. Li, e aceito participar de forma anónima e confidencial neste estudo.**

Aceito.



## Jovens migrantes portugueses em Rede

### I. Perfil sócio-demográfico

**\* 2. Sexo**

- Masculino
- Feminino

**\* 3. Idade**

**\* 4. Nacionalidade?**

- Portuguesa
- Dupla nacionalidade
- Outra situação (específica)

**\* 5. Em que país nasceste?**

**\* 6. Em que localidade? (Caso for Suíça mencionar o Cantão)**

**\* 7. Qual o teu estatuto de permanência na Suíça?**

- Permis / Bewilligung L
- Permis / Bewilligung B
- Permis / Bewilligung C
- Outro (especifique)

**\* 8. Há quanto tempo resides na Suíça?**

**\* 9. Em que Cantão?**

**\* 10. Qual é o teu nível de escolaridade?**

- Universitário / Universität / Université
- Ensino secundário / Gymnasium / Maturité gymnasiale
- Sekundarschule A
- Sekundarschule B
- Lehre / pré-professionnelle
- Outro (especifica)

**11. Com quem vives?**

- País
- País e irmãos
- Familiares
- Sozinho (a)
- Outra situação (especifica)

**\* 12. Como foi o teu processo de adaptação / integração na sociedade Suíça.**

- Fácil.
- Difícil.
- Nem fácil, nem difícil.



**Jovens migrantes portugueses em Rede**

II. Tecnologias no quotidiano do jovem

**\* 13. Quais dos seguintes aparelhos tecnológicos possuis?**

- Computador (Desktop ou Laptop)
- Smartphone - iPhone
- Tablet - iPad
- Consola de vídeo-jogos
- Leitor de Mp3 - iPod
- TV digital
- Outro (especifica)

**\* 14. Qual a importância destes aparelhos tecnológicos no teu dia-a-dia?**

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Computador (Desktop ou Laptop)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telemóvel (Smartphone - iPhone)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablet - iPad	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitor de Mp3 - iPod	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**\* 15. Quais são as "Apps" - aplicações - que mais utilizas para comunicar com os teus familiares, amigos e colegas?**

- WhatsApp
- Instagram
- Snapchat
- Viber
- Messenger
- Skype
- Outras (especifica)

**Jovens migrantes portugueses em Rede**

**III. Internet acessibilidade e usos**

**\* 16. Tens Internet em casa?**

- Sim.
- Não.

**17. Fora de casa tens acesso à Internet?**

- Sim.
- Não.

**\* 18. O teu acesso à Internet é:**

- Diário.
- Várias vezes por semana.
- Uma vez por semana.
- Uma vez por mês.
- Raramente.

**\* 19. Para que fins utilizas a Internet?**

- Fazer pesquisas.
- Consultar e-mail e enviar e-mails.
- Aceder a redes sociais.
- Ler ou ver notícias.
- Ouvir música.
- Ver ou descarregar vídeos.
- Chatten* com colegas, amigos e familiares.
- Simplesmente, *surfen* na Internet,
- Outros (especifica)

**\* 20. Costumas aceder a *sites* ou *blogues* portugueses?**

- Sim.
- Não.

**21. Quais?**

**\* 22. Achas que a Internet é uma ferramenta indispensável (muito útil) para quem se encontra em situação de emigração?**

- Sim.
- Não.



Jovens migrantes portugueses em Rede

IV. Redes Sociais

**\* 23. Indica a importância das seguintes redes sociais no teu dia-a-dia.**

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Instagram	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tumblr	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Twitter	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Google +	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
WhatsApp	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Youtube	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
LinkedIn	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Outra (especifica)

**\* 24. Qual é a Rede Social que mais utilizas para partilhares informações ou conteúdos com familiares e amigos em Portugal?**

**\* 25. Tens conta activa no Facebook?**

- Sim.
- Não.

**\* 26. Para que fins utilizas esta rede social? Menciona pelo menos três.**

**27. No teu perfil do Facebook, nas informações pessoais (Sobre), colocas onde vives e de onde vens? Por exemplo: "vive em Zurique; e (natural) de Braga."**

- Sim.
- Não.

**28. Se respondeste "sim" na resposta anterior, responde à seguinte pergunta:**

**Qual o motivo de tornares pública essa informação do local de onde vens (as tuas origens) em Portugal?**

\* 29. No Facebook, fazes parte de algum grupo constituído só por portugueses? Qual?

30. Se respondeste "sim" na resposta anterior, responde à seguinte pergunta:

Que significado tem para ti pertencer a esse grupo?



## Jovens migrantes portugueses em Rede

### V. Identidade Cultural e Redes Sociais

\* 31. Manter o contacto com a cultura portuguesa é importante para o jovem migrante português.

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\* 32. As redes sociais / o Facebook ajudam a manter vivas as minhas raízes (tradições, costumes e história portuguesas).

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\* 33. Pertencer a um grupo português, no Facebook, faz sentir-te mais português.

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\* 34. As redes sociais possibilitam um maior contacto entre os jovens portugueses residentes na Suíça.

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**\* 35. As redes sociais são um "território ou lugar neutro" onde se pode expressar de forma plena a nossa identidade e cultura portuguesas.**

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**\* 36. Pertencer a uma "comunidade portuguesa virtual /online" tem o mesmo significado (ou valor) que pertencer a uma comunidade portuguesa física (real).**

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



### Jovens migrantes portugueses em Rede

#### VI. Língua e cultura portuguesa

**\* 37. Atenta nas seguintes questões.**

	Nunca	Raramente	Às vezes	A maior parte das vezes	Sempre
Comunicas em português com amigos ou colegas portugueses que residem na Suíça.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizas a língua portuguesa para fazer pesquisas na internet?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lês jornais ou revistas portuguesas online?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**\* 38. Ainda te identificas com a cultura portuguesa?**

- Sim.
- Não.



## Anexo nº 2

### Guião da entrevista

#### Perfil sociodemográfico do administrador

Nome e/ou apelido:

Nome do Grupo (*Facebook*):

Idade:

Habilitações:

Em que parte da Suíça reside:

De que parte de Portugal vem:

#### Questões

Por favor responda às seguintes questões de forma o mais profunda e desenvolvida possível. Se preferir via telefone, faça saber.

**Q1.** Qual a razão e/ou objetivo pelo qual criou um grupo no *Facebook* direcionado para população emigrante portuguesa na Suíça?

**Q2.** Que pensa do papel das redes sociais, em particular o *Facebook*, como forma de manutenção ou preservação da identidade cultural portuguesa?

**Q3.** Ao observar os membros do seu grupo, verifica-se a existência de jovens. Porém, constata-se que esse grupo (16-23 anos) não é ativo nas publicações, nem interage. Qual é a sua opinião em relação a esta constatação?

**Q4.** Na generalidade, como caracteriza a relação entre os jovens emigrantes portugueses que vivem na Suíça e Portugal?

Muito obrigada.

